

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural



Dissertação

**Influência Cultural Pomerana**  
**Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores**  
**da Comunidade Palmeira**

**Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS)**

**VANESSA PATZLAFF BOSENBECKER**

Pelotas, 2012

**Vanessa Patzlaff Bosenbecker**

**Influência Cultural Pomerana**  
**Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da**  
**Comunidade Palmeira**  
**Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas (RS)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Pelotas, 2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B743i      Bosenbecker, Vanessa Patzlaff  
              Influência cultural pomerana: permanências e adaptações na  
              arquitetura produzida pelos fundadores da Comunidade Palmeira,  
              Cerrito Alegre, terceiro distrito de Pelotas / Vanessa Patzlaff  
              Bosenbecker. – Pelotas, 2012.  
              144 f.; il.

              Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) –  
              Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas,  
              2012. Orientador: Fábio Vergara Cerqueira.

              1. Arquitetura. 2. Arquitetura pomerana. 3. Arquitetura rural.  
              4. Serra dos Tapes. 5. Pelotas. I. Título.

CDD: 720

**Banca examinadora**

**Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira**  
Orientador – ICH/UFPEL

**Prof. Dr. Paulo César Possamai**  
ICH/UFPEL

**Prof. Dr. Carlos Alberto Santos**  
CA/UFPEL

À memória de meus avós maternos, Frieda e Theodoro Patzlaff,  
que contribuíram na fundação da Comunidade Palmeira  
e a de meu pai, Renato Bosenbecker, meu maior incentivador.

## AGRADECIMENTOS

---

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, por todos os ensinamentos que proporcionaram uma considerável expansão dos meus horizontes. Em especial ao professor Fabio Vergara Cerqueira que aceitou com entusiasmo a empreitada que propus e sempre se mostrou disponível para o diálogo, através de considerações valiosas e suporte fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Destaque também para Maria Letícia Mazzucchi Ferreira, professora e coordenadora do PPGMP pelas contribuições feitas em ocasião da banca de qualificação e por todo o suporte oferecido nos demais momentos. E para Ester Bendjouya Gutierrez, professora do Programa em Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPEL que esteve presente desde o surgimento da ideia inicial desta pesquisa, revisando o projeto, sugerindo literaturas específicas e abordagens durante o processo, especialmente na banca de qualificação.

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa e pela oportunidade da experiência em sala de aula ministrando a disciplina de História da Arquitetura, área de meu maior interesse. Por esta experiência, agradeço também ao professor Roberto Heiden, coordenador do curso de Conservação e Restauro de Bens Móveis da UFPEL, por ter creditado confiança na realização do meu estágio docente.

Aos colegas e aos amigos do trabalho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, campus Rio Grande, pelo esforço em tentar compreender

meus interesses acadêmicos e por todas as substituições de aulas nos dias em que não pude estar em Rio Grande, fosse pela participação em eventos e congressos ou devido aos compromissos com o PPGMP.

Aos colegas do mestrado, que ao longo destes quase dois anos assumiram o status de amigos. Especialmente à Mariciana Zorzi, minha companheira em conhecer novas culturas, discutir temas relacionados às nossas pesquisas e em desopilar delas.

À Roberta Mecking Arantes Santos, pela amizade de longa data e suporte quando não pude assumir alguns compromissos profissionais.

À Karen Melo da Silva, por fazer despertar em mim o interesse pela pesquisa e, especialmente, pela zona rural.

Aos demais amigos de perto e aos de longe que, a fim de não cometer injustiças, não citarei nomes, mas que em escalas variadas auxiliaram na realização deste trabalho.

À minha família, por todo o apoio, dedicação e abdições necessárias para me auxiliar a atingir meus objetivos.

À Eleonora Patzlaff Hörnke, minha tia, meu maior “obrigada”. Obrigada por ter me apresentado cada um dos interlocutores, me guiado às casas das pessoas, pelos depoimentos. Enfim, por abrir as portas das casas das famílias e permitir que esta pesquisa fosse realizada.

A Bruno Mattos da Silva, aluno do curso de Habilitação em Antropologia Social da UFPel e parte da família, por ter auxiliado nos levantamentos e nas entrevistas.

A Gustavo Simões Teixeira pelo companheirismo e amizade que estão à frente e acima de qualquer coisa e pela contribuição na revisão dos textos deste trabalho.

E, por fim, mas com destaque, aos membros da Comunidade Palmeira, especialmente às famílias Bonow, Conrad, Holz, Könzgen, Mülling, Patzlaff e Schumacher por terem nos recebido em suas casas e exposto suas memórias que são as bases deste trabalho.

## RESUMO

---

Este estudo aborda a arquitetura produzida pelos descendentes de imigrantes pomeranos nas Colônias Osório e Py Crespo, no Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas, Rio Grande do Sul. Os sítios estudados pertencem ao grupo de fundadores da Comunidade Palmeira, associação religiosa luterana livre daquela localidade. A pesquisa tem como objetivo principal identificar as permanências e as adaptações no modo de construir e organizar as funções nas propriedades destas pessoas que compõem a terceira geração dos pomeranos em solo brasileiro. Para atingir o objetivo, as características na organização das funções nos sítios e nas residências, bem como as técnicas construtivas utilizadas pelo grupo analisado, foram colocadas em diálogo com os dados trazidos pela historiografia referente à arquitetura produzida pelos pomeranos em sua terra natal e pelos imigrantes pomeranos em solo sul-riograndense, assim como a algumas das outras arquiteturas produzidas por imigrantes de outras etnias. Desta maneira, os dados obtidos nos levantamentos dos sítios foram relacionados à literatura especializada de referência (WEIMER, 2005; BERTUSSI, 1987 e; MACEDO, 1987), e identificaram-se permanências, adaptações e rupturas na arquitetura produzida pelos netos de imigrantes pomeranos.

**Palavras-chave:** arquitetura pomerana; arquitetura rural; patrimônio arquitetônico; Serra dos Tapes; Pelotas.

## ABSTRACT

---

The study approaches the architecture produced by the Pomeranian immigrants in Osório and PyCrespo colonies, in Cerrito Alegre, Third District of Pelotas, Rio Grande do Sul. They are the third generation of Pomeranians in Brazil. The studied sites belong to the founders group of Palmeira community, a free Lutheran religious association of that locality. The main objective of this research is to identify the continuities and changes in the construction mode and functions organization in their properties. To reach the objective, sites and residences functions organization characteristics, as well as the construction techniques used by the analyzed group, were compared with the data brought by the historiography concerned with the architecture produced by the Pomeranians in their homeland and by the Pomeranian immigrants in Rio Grande do Sul, as well as with some other architectures produced by immigrants of other ethnicities. Thus, the obtained data in the sites survey were related to the specialized reference literature (WEIMER, 2005; BERTUSSI, 1987 and; MACEDO, 1987), in order to identify continuities, adjustments and ruptures in the architecture produced by the Pomeranian immigrants grandsons.

**Keywords:** Pomeranian architecture, rural architecture, architectural heritage, Serra dos Tapes, Pelotas

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

---

<b>Figura 1:</b> Caricatura alemã contrária à emigração ao Brasil.....	30
<b>Figura 2:</b> Mapa do Antigo Ducado da Pomerânia .....	39
<b>Figura 3:</b> Escola Doutor Xavier, o primeiro prédio .....	45
<b>Figura 4:</b> Escola Doutor Xavier, o segundo prédio .....	46
<b>Figura 5:</b> Isolamento do altar .....	47
<b>Figura 6:</b> Decoração no Roda-Forro .....	47
<b>Figura 7:</b> Igreja da Comunidade Palmeira .....	48
<b>Figura 8:</b> Imagem Panorâmica da Comunidade Palmeira .....	48
<b>Figura 9:</b> Esquema de uma Aldeia Alemã .....	53
<b>Figura 10:</b> Um “sítio” (Hof) isolado .....	54
<b>Figura 11:</b> Weiler franco de quatro “sítios” .....	54
<b>Figura 12:</b> Um “sítio” (Hof) isolado .....	54
<b>Figura 13:</b> Haufendorf .....	54
<b>Figura 14:</b> Strassendorf.....	54
<b>Figura 15:</b> Evolução do partido pomerano .....	56
<b>Figura 16:</b> Tipo de casa rural açoriana.....	59

<b>Figura 17:</b> Tipo de casa urbana açoriana .....	60
<b>Figura 18:</b> Tipo de casa urbana açoriana em Rio Pardo .....	60
<b>Figura 19:</b> Casa em Rio Pardo .....	61
<b>Figura 20:</b> Estância do Aterrado .....	61
<b>Figura 21:</b> Tesoura romana ou portuguesa .....	62
<b>Figura 22:</b> Solar do Almirante Alexandrino .....	63
<b>Figura 23:</b> Tabuado Macho e fêmea .....	63
<b>Figura 24:</b> Tabuado Saia-e-camisa (ou saia-e-blusa).....	63
<b>Figura 25:</b> Planta Típica do pavimento da casa de dormir – família Valentini .....	66
<b>Figura 26:</b> Planta baixa Casa Betemps .....	66
<b>Figura 27:</b> Esquema de um “sítio” teuto-brasileiro .....	69
<b>Figura 28:</b> Sítio Gressler, situação .....	70
<b>Figura 29:</b> Sítio Gressler, planta baixa .....	70
<b>Figura 30:</b> O esmero nos encaixes nas estruturas centro-européias .....	71
<b>Figura 31:</b> Principais tipos de telhados “de terças” .....	72
<b>Figura 32:</b> Principais tipos de telhados “de caibros” .....	73
<b>Figura 33:</b> Principais tipos de telhados “de dois pilares” .....	74
<b>Figura 34:</b> Planta de Situação da Propriedade Patzlaff.....	76
<b>Figura 35:</b> Planta de Implantação da Propriedade Patzlaff.....	78
<b>Figura 36:</b> Planta de Implantação da Propriedade Patzlaff, área doméstica e de benfeitorias.....	79
<b>Figura 37:</b> Planta Baixa da Propriedade Patzlaff .....	81
<b>Figura 38:</b> Janela entre dormitório e cozinha.....	82
<b>Figura 39:</b> Fachada Nordeste .....	83
<b>Figura 40:</b> Fachada Sudoeste .....	83
<b>Figura 41:</b> Fachada Noroeste .....	83
<b>Figura 42:</b> Fachada Sudeste .....	84

<b>Figura 43:</b> Imagem da Propriedade Patzlaff .....	84
<b>Figura 44:</b> Estrutura do telhado .....	84
<b>Figura 45:</b> Estruturação das paredes do galpão .....	86
<b>Figura 46:</b> Estrutura do telhado de Caibros com escoras .....	86
<b>Figura 47:</b> Estruturação das paredes do galpão .....	86
<b>Figura 48:</b> Estruturação das paredes do galpão .....	86
<b>Figura 49:</b> Planta de Situação da Propriedade Holz .....	87
<b>Figura 50:</b> Planta de Implantação da Propriedade Holz .....	88
<b>Figura 51:</b> Planta de Implantação da Propriedade Holz, área doméstica e das benfeitorias .....	89
<b>Figura 52:</b> Planta Baixa da Propriedade Holz.....	90
<b>Figura 53:</b> Fachada Norte Holz.....	90
<b>Figura 54:</b> Fachada Oeste Holz.....	91
<b>Figura 55:</b> Fachada Sul Holz .....	91
<b>Figura 56:</b> Fachada Leste Holz .....	91
<b>Figura 57:</b> Imagem da Propriedade Holz.....	91
<b>Figura 58:</b> Detalhes Construtivos Galpões Holz .....	92
<b>Figura 59:</b> Detalhes Construtivos Galpões Holz .....	92
<b>Figura 60:</b> Planta de Situação da Propriedade Könzgen.....	93
<b>Figura 61:</b> Planta de Implantação da Propriedade Könzgen.....	94
<b>Figura 62:</b> Planta de Implantação da Propriedade Könzgen, área doméstica e de benfeitorias.....	95
<b>Figura 63:</b> Planta Baixa da Propriedade Könzgen .....	96
<b>Figura 64:</b> Fachada Sul Könzgen.....	97
<b>Figura 65:</b> Fachada Oeste Könzgen .....	97
<b>Figura 66:</b> Fachada Norte Könzgen .....	97
<b>Figura 67:</b> Imagem Propriedade Könzgen .....	98

<b>Figura 68:</b> Detalhes construtivos dos galpões .....	98
<b>Figura 69:</b> Detalhes construtivos dos galpões .....	98
<b>Figura 70:</b> Detalhes construtivos dos galpões .....	99
<b>Figura 71:</b> Detalhes construtivos dos galpões .....	99
<b>Figura 72:</b> Planta de Situação da Propriedade Mülling .....	100
<b>Figura 73:</b> Planta de Implantação da Propriedade Mülling .....	102
<b>Figura 74:</b> Planta de Implantação da Propriedade Mülling, área doméstica e de benfeitorias.....	103
<b>Figura 75:</b> Planta Baixa da Propriedade Mülling .....	104
<b>Figura 76:</b> Fachada Noroeste Mülling .....	105
<b>Figura 77:</b> Fachada Sudeste Mülling .....	105
<b>Figura 78:</b> Fachada Sudoeste Mülling .....	105
<b>Figura 79:</b> Imagem Propriedade Mülling .....	106
<b>Figura 80:</b> Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos.....	107
<b>Figura 81:</b> Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos.....	107
<b>Figura 82:</b> Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos.....	107
<b>Figura 83:</b> Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos.....	107
<b>Figura 84:</b> Detalhes da estrutura do telhado da residência .....	108
<b>Figura 85:</b> Detalhes da estrutura do telhado da residência .....	108
<b>Figura 86:</b> Detalhes da estrutura do telhado da residência .....	108
<b>Figura 87:</b> Detalhes da estrutura do telhado da residência .....	108
<b>Figura 88:</b> Planta de Situação da Propriedade Schumacher .....	109
<b>Figura 89:</b> Planta de Implantação da Propriedade Schumacher .....	110
<b>Figura 90:</b> Imagem aérea da Propriedade Schumacher .....	110
<b>Figura 91:</b> Planta de Implantação da Propriedade Schumacher, área doméstica e de benfeitorias.....	111
<b>Figura 92:</b> Imagem aérea da Propriedade Schumacher .....	112

<b>Figura 93:</b> Planta Baixa da Propriedade Schumacher.....	113
<b>Figura 94:</b> Fachada Sudeste Schumacher .....	113
<b>Figura 95:</b> Fachada Sudoeste Schumacher .....	114
<b>Figura 96:</b> Fachada Nordeste Schumacher .....	114
<b>Figura 97:</b> Fachada Noroeste Schumacher .....	114
<b>Figura 98:</b> Imagem Propriedade Schumacher.....	114
<b>Figura 99:</b> Antigo ladrilho hidráulico utilizado na pavimentação da Propriedade Schumacher.....	115
<b>Figura 100:</b> Detalhe da estrutura do telhado de um dos galpões .....	115
<b>Figura 101:</b> Detalhe da estrutura do telhado de um dos galpões .....	115
<b>Figura 102:</b> Detalhe do escoramento .....	115
<b>Figura 103:</b> Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira .....	116
<b>Figura 104:</b> Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira .....	116
<b>Figura 105:</b> Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira .....	116
<b>Figura 106:</b> Antiga janela de madeira do tipo guilhotina Propriedade Schumacher .....	116
<b>Figura 107:</b> Antiga Residência de Selma e Otto Bonow, atualmente ruína .....	117
<b>Figura 108:</b> Antiga Residência de Elfrida e Willy Bonow, atualmente de outros proprietários .....	117
<b>Figura 109:</b> Antiga Residência de Irene e Arno Conrad, atualmente de outros proprietários .....	117
<b>Figura 110:</b> Quadro comparativo dos sítios estudados e do modelo de sítio teuto-gaúcho de Günter Weimer .....	120
<b>Figura 111:</b> Quadro síntese das plantas baixas apresentadas no Capítulo III.....	122
<b>Figura 112:</b> Quadro síntese das plantas baixas apresentadas no Capítulo II .....	124
<b>Figura 113:</b> Quadro síntese das fachadas apresentadas no Capítulo III .....	125

## LISTA DE TABELAS

---

<b>Tabela 1:</b> Distribuição da População Mundial .....	29
<b>Tabela 2:</b> Distribuição de Atividades por distrito sul-riograndense.....	34
<b>Tabela 3:</b> Proprietários em relação à posse dos rebanhos .....	34
<b>Tabela 4:</b> Classificação dos imigrantes de acordo com o setor de atividades.....	40
<b>Tabela 5:</b> Ramos da Construção e da Cerâmica .....	40

# SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I - CONTEXTO HISTÓRICO, IDENTIDADE E MEMÓRIA .....</b>	<b>27</b>
1.1 Os Centro-Europeus Em Sua Terra Natal .....	27
1.2 O Rio Grande do Sul Antes da Imigração .....	31
1.2.1 Atividades Desenvolvidas no Rio Grande do Sul .....	32
1.2.2 A Distribuição Demográfica Sul-riograndense .....	36
1.3 A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul .....	37
1.3.1 A Origem e as Profissões dos Imigrantes Teuto-Gaúchos .....	38
1.4 O Objeto Deste Estudo .....	41
1.4.1 A Origem e o Destino das Famílias Estudadas .....	41
1.4.2 A Comuna Escolar e Religiosa Palmeira .....	44
1.4.3 Os sócios da Comunidade Palmeira .....	50
<b>CAPÍTULO II - ARQUITETURAS .....</b>	<b>53</b>
2.1 A Arquitetura dos Centro-Europeus Em Sua Terra Natal .....	53
2.1.1. Propriedade do Solo e Forma dos Aldeamentos na Europa Central do Século XIX .....	53
2.1.2 Evolução da Planta Baixa Pomerana .....	54
2.1.3 Sistema Construtivo .....	56
2.2 Algumas Arquiteturas Sul-Riograndenses .....	57
2.2.1 Arquitetura de Tradição Luso-Brasileira .....	58
2.2.2 Arquitetura da Imigração Franco-Italiana .....	64
2.2.3 Arquitetura da Imigração Pomerana .....	68
<b>CAPÍTULO III - OBJETO DE ESTUDO – AS PROPRIEDADES DOS DESCENDENTES DE POMERANOS NA SERRA DOS TAPES .....</b>	<b>75</b>

3.1	Família Patzlaff.....	76
3.2	Família Holz .....	87
3.3	Família Könzen.....	93
3.4	Família Mülling .....	100
3.5	Família Schumacher .....	109
3.6	Visita a Outras Propriedades Mencionadas .....	116
<b>CAPÍTULO IV - ALGUMAS REFLEXÕES - PERMANÊNCIAS, ADAPTAÇÕES E RUPTURAS .....</b>		<b>118</b>
4.1	Como eles viviam e como vivem?.....	122
4.2	Análise da organização dos sítios e da Arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na Serra dos Tapes.....	122
4.2.1	A Organização das Funções no Sítio.....	123
4.2.2	A casa .....	125
4.2.3	Os Sistemas Construtivos.....	125
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>		<b>132</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>		<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>		<b>138</b>

# INTRODUÇÃO

---

No ano de 2009, no âmbito da disciplina intitulada *História da Arquitetura e da Cidade no Brasil*, ministrada pela professora Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez, no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPel, foi desenvolvida uma monografia em que se analisou um sítio rural edificado por netos de imigrantes pomeranos, na década de 1940, no município de Pelotas. Nesta análise, percebeu-se que diversos aspectos técnico-construtivos permaneciam iguais aos utilizados na antiga Pomerânia, enquanto outros foram adaptados, sem perderem suas características, as técnicas, materiais e topografia locais.

O ponto de partida para a referida análise foi a dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, pelo professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dr. Günter Weimer. A dissertação foi publicada no ano de 2005, com o título “Arquitetura Popular da Imigração Alemã” e apresenta as características técnico-construtivas e de organização das edificações, das benfeitorias e dos sítios como um todo, tanto em regiões da Europa Central, quanto nas propriedades dos imigrantes já em solo sul-riograndense.

A análise deste sítio pelotense deixou a sensação de um trabalho inacabado, pois com a análise de apenas um exemplar é impossível fazer qualquer afirmação. Desta inquietação surgiu a pergunta motriz desta dissertação: **a memória da organização do sítio e da residência, além do modo de construir, perpassa as gerações entre estes descendentes de imigrantes?**

Porém, a percepção de que este problema de pesquisa ultrapassaria os limites do patrimônio edificado, tangendo a imaterialidade da transmissão do saber construir e da forma de organização das atividades nos espaços, trouxe a necessidade de conhecer outras referências que permitissem a expansão do leque de possibilidades de respostas ao problema proposto. Isto foi buscado através da afiliação ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio cultural, também na UFPel.

## **OBJETO DE PESQUISA**

O problema de pesquisa foi então direcionado à comunidade onde a família pesquisada estava inserida. Esta primeira incursão em campo se deu na propriedade da família da pesquisadora, na propriedade Patzlaff, cujo sítio objeto do estudo localiza-se na Colônia Py Crespo, no Cerrito Alegre, Terceiro Distrito de Pelotas. Theodoro Patzlaff e Frieda Strelow Patzlaff, os responsáveis pela edificação do espaço e primeiros moradores, foram os fundadores da, à época, Comuna Escolar e Religiosa Palmeira (hoje, Comunidade Livre Palmeira), juntamente com outros 20 casais.

Devido a este feito, a Comunidade Palmeira foi adotada como o núcleo da pesquisa. No território dela foram estabelecidas as relações e apresentadas as questões da pesquisa às famílias que viriam a ser estudadas, bem como se buscou compreender a ligação destas famílias com a comunidade e entre si.

Do universo de 21 famílias, foram selecionadas cinco para aprofundar a observação e focar especificamente no sítio das mesmas. Ou seja, a herança cultural destes descendentes de pomeranos, bem como as intenções de que as tradições perdurem, foram, de forma ampla, observadas na referida comunidade, juntamente às particularidades verificadas nas casas das famílias que são objetos deste estudo.

Como se contava com 21 possíveis famílias a serem estudadas e este seria um trabalho impossível de ser feito dentro do prazo de realização de uma dissertação de mestrado, foram adotados critérios para escolher os sítios de estudo e seleção das famílias. Primeiramente, analisando a lista de nomes, se percebeu que havia três famílias sem descendência pomerana no grupo de fundadores: família Silva e duas famílias Sá Britto, os “brasileiros”, como são chamados pelo grande grupo.

Primeiramente, decidiu-se que essas famílias não seriam excluídas do estudo, devido à vontade de compreender como o fato deles estarem inseridos em um grupo com tradições definidas e fortes poderia ter exercido influência sobre eles e, também, compreender a contribuição cultural destas famílias sobre o grande grupo – *a priori*, imagina-se que apresentem manifestações diferenciadas. Entretanto, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, o contato com estas famílias se mostrou difícil, visto que elas não mais residem na localidade estudada e não frequentam as reuniões da Igreja. Por isso, optou-se por não estudar os sítios dos ditos “brasileiros”.

Também foram retirados deste estudo aqueles sítios cujas casas dos fundadores da comunidade, da primeira geração, foram demolidas e substituídas por edificações recentes e descaracterizadas, e ainda aquelas que se encontram em ruínas [Famílias Grundemann, Kommling, Silva, Bonow (Otto), Bonow (Reinaldo) e Bosenbecker]. Da mesma forma, foram excluídas as propriedades que foram vendidas, arrendadas ou abandonadas pelas famílias originalmente proprietárias [Bonow (Willy), Conrad, Dallmann e Wichboldt]. E, por fim, foram excluídas as propriedades de difícil acesso, que prejudicariam a coleta de dados e, consecutivamente, o andamento da pesquisa [Rusch, Storch e Schumacher (Francisco)].

Desta maneira, as propriedades estudadas foram aquelas cujos primeiros proprietários foram os casais: Gertrudez e Theodoro Holz, Frida e Marcos Konzgen, Frieda e Theodoro Patzlaff, Alma e Artur Mülling e, Lora e Albino Schumacher. Todos esses falecidos, com exceção da senhora Frida Konzgen, uma das pessoas que contribuíram para esta pesquisa.

Para investigar o processo construtivo e compreender a relação dessas famílias estudadas com seus sítios, contou-se com a contribuição da segunda e da terceira geração das mesmas. Em todos os casos, os entrevistados residem nas propriedades edificadas por seus pais ou avós, visto que este foi um dos critérios de seleção do objeto de estudo. Entretanto, além destas cinco famílias, não se poderia ignorar os depoimentos das senhoras Elfrida Bonow e Irena Conrad, juntamente com a senhora Frida Konzgen, as únicas testemunhas do período de fundação da comunidade e da edificação da maioria das residências situadas naquela região.

Porém, o grupo de interlocutores não ficou limitado nestas sete famílias, pois as filhas das senhoras Bonow e Conrad também contribuíram. Durante os três anos de desenvolvimento da pesquisa; divididos em um ano de elaboração de projeto e dois de

pesquisas de campo, curso de disciplinas e elaboração da dissertação; houve uma interação com grande parte dos frequentadores, com a diretoria e com o pastor da comunidade.

## **OBJETIVOS**

Tendo delimitado o objeto, traçou-se o **objetivo principal deste trabalho, que é identificar as permanências e rupturas na tradição deste grupo de descendentes de pomeranos**, com foco na propriedade das famílias. Além disso, os objetivos específicos são:

- identificar na bibliografia existente o que são características pomeranas;
- buscar nos sítios estudados as influências pomeranas presentes nas técnicas construtivas, na organização dos sítios e das edificações;
- apresentar como produto um padrão edilício e organizacional nos sítios pomeranos pelotenses e;
- apresentar, de forma ampla, as permanências e rupturas na cultura tradicional trazida na bagagem dos imigrantes, dentro deste grupo que compõe a terceira e quarta geração sobre solo sul-riograndense.

## **PROCEDIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO**

Tendo o objeto delimitado e os objetivos definidos, partiu-se para a definição do procedimento teórico-metodológico. Assim, esta pesquisa pretende refletir sobre o grupo étnico da Comunidade Palmeira a partir da memória e da tradição deste grupo transmitidas através dos seus sócio-transmissores (CANDAUI, 2002), compreendidos como o patrimônio material comunitário e familiar. Ou seja, o território e os prédios da comunidade e o território e os prédios pertencentes às famílias estudadas. Além disso, as manifestações culturais comunitárias e a rotina familiar, exercidas sobre estes territórios, serão analisadas como elementos constituintes das identidades individuais destes sócios e da identidade coletiva desta comunidade.

A autora da pesquisa, conforme já foi mencionado, é neta de um desses fundadores da comunidade, o que facilita alguns contatos. Entretanto, como ela nunca teve contato direto com a Igreja e suas atividades, foi preciso estabelecer uma rede de relações antes de entrar no ambiente doméstico das pessoas, interferindo, de certa forma, na rotina das famílias.

Assim, a linha de raciocínio seguida foi a de conquistar a confiança das pessoas em encontros no território da comunidade, antes de visitá-las em suas casas. Desta maneira, acredita-se que no momento da visita para levantamento físico-espacial da propriedade e para realizar entrevistas com os moradores, o contato foi mais fluido e com resultados mais satisfatórios do que seriam de outra maneira, pois todos já conheciam o objetivo da pesquisa e mostravam-se satisfeitos em registrar parte da sua história familiar.

Ainda no ano de 2009, quando a pesquisa teve o seu primeiro impulso com a análise do Sítio Patzlaff, iniciaram os contatos com o grande grupo da Comunidade Palmeira. A primeira incursão foi no culto mensal de dezembro daquele ano, e a segunda, na assembléia geral dos sócios realizada na semana seguinte. Dois meses depois, em fevereiro de 2010, um novo momento de análise e interação foi feito na festa anual da comunidade. Em todos os contatos mencionados se teve acesso à documentação. Este material, analisado e elaborado através de observações, foi sistematizado e gerou o artigo publicado nos Anais do X Encontro Estadual de História, intitulado “Tradição e Memória na Constituição das Identidades dos Sócios da Comunidade Evangélica Luterana Palmeira”.

Um dos principais conceitos discutidos no mencionado artigo é o de **sócio-transmissores** de Jöel Candau (2002). Segundo o autor, os sócio-transmissores têm entre as pessoas a mesma função que os neurotransmissores têm entre os neurônios: a função de promover conexões e, no contexto do artigo, o território da comunidade e sua documentação estabelecem essas relações. Já nesta pesquisa, os sócio-transmissores são representados pelos espaços construídos (residências e benfeitorias) e nos espaços não-construídos (lavouras, hortas, pomares, jardins e pátios) dos sítios.

No momento da pesquisa, teve-se contato principalmente com a segunda geração, com os filhos dos fundadores da comunidade, porém em alguns sítios também se contou com as intervenções da primeira e da terceira geração. Em todos os casos foi perceptível uma sequência nas tradições familiares, e é notável que o espaço onde estão inseridos tem muito a ver com isso.

Mesmo nas casas que sofreram intervenções ao longo dos anos, a lógica organizacional permanece semelhante à original e isso não é surpreendente, visto que as atividades das famílias pouco foram alteradas nestes anos que se passaram, desde a edificação das mesmas até os dias atuais. A atividade geradora de renda para as famílias estudadas ou está ligada à agricultura ou à pecuária, bem como sempre esteve a das gerações anteriores. As

mulheres compatibilizam suas rotinas rurais com as domésticas, responsabilizando-se não somente pela limpeza da casa e pelas refeições diárias, mas também produzindo pães, *schimmiers*<sup>1</sup>, cucas, linguiças e outras iguarias, bem como o faziam as mulheres da geração anterior.

Da mesma maneira, as técnicas construtivas e o modo de organizar as funções permanecem e revelam uma continuidade na tradição arquitetônica destas famílias. Portanto, estes espaços que perpassaram as gerações, que abrigam e carregam consigo as tradições, utilizando técnicas construtivas conhecidas há décadas (quijá séculos) pelo grupo, são ilustrações dos **sócio-transmissores** que Candau (2002) conceitua como **efetivadores da protomemória, enunciadores da memória de alto nível e como combustível da metamemória**.

Para o autor, de acordo com o estudo publicado em 1996 sob o título “Anthropologie de La Memóire”, a memória individual é dividida em três níveis, os já citados protomemória, memória e metamemória, conforme sistematizado pelo professor doutor de história da UNESP, Wilton C. L. Silva (2010):

- 1) memória de baixo nível ou protomemória, composta pelo saber e pela experiência mais profundos e mais compartilhados pelos membros de uma sociedade e que se inserem na categoria de memória procedimental (repetitiva ou hábito) de Bérghson, socialmente compartilhada e fruto das primeiras socializações;
- 2) memória de alto nível ou memória de lembranças (ou de reconhecimento), que incorpora vivências, saberes, crenças, sentimentos e sensações, podendo contar com extensões artificiais ou suportes de memória; e
- 3) a metamemória, ou seja, tanto a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, quanto aquilo que fala sobre ela, em uma dinâmica de ligação entre o indivíduo e seu passado, como uma memória reivindicada. Enquanto o primeiro e o segundo nível dependem da faculdade de memorização, o terceiro é uma representação sobre essa faculdade. Justamente por essa característica ser uma enunciação, é a única dimensão compartilhada de forma intersubjetiva, enquanto memória coletiva, ou seja, produção social de alguns acerca de heranças supostamente comuns aos membros de um determinado grupo.

Conforme o exposto, a **protomemória**, uma memória de baixo nível, é imperceptível e figura no campo da inconsciência, e o fato de todos manterem a comunidade conforme seus pais ou avós faziam, bem como seguirem com suas rotinas domésticas e rurais com singelas alterações, seria um exemplo disto. Entretanto, o exemplo de protomemória que mais

---

<sup>1</sup> Tradicional doce de frutas, espécie de geléia.

interessa a este trabalho é a repetição do uso das técnicas construtivas e do modelo organizacional que perpassa todo o trabalho. O “saber fazer” que é transmitido sem exigir didática.

Além deste conceito, o de **memória** propriamente dita ou de alto nível engloba as recordações autobiográficas ou de reconhecimento (saberes, crenças, sensações, sentimentos...). Esta memória é um elo forte entre as famílias estudadas, responsável pela sensação de pertencimento que eles têm, responsável pela definição das suas identidades. As famílias estudadas possuem uma origem comum. Todos têm histórias de sacrifícios, dificuldades financeiras e processos de construção de família e patrimônio semelhantes. Analisando cada uma das cinco histórias é possível perceber várias similitudes. A relação que cada uma destas famílias tem com a Comunidade também é considerável.

E neste ponto, o terceiro nível de memória de Candau é elucidativo. **Metamemória** nada mais é do que a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, a construção explícita da identidade. Para estes membros, ser membro da Comunidade é um dos traços mais marcantes das suas identidades. Eles apresentam-se como pertencentes deste grupo, mesmo quando afastados dos seus locais de origem. E o orgulho do feito de seus maridos, pais ou avós, a fundação de uma escola e de uma Igreja, é reafirmado nos diálogos.

“O que é ser um membro (como preferem ser chamados<sup>2</sup>) da Comunidade Palmeira? E o que representa ser descendente dos fundadores desta comunidade?” São perguntas complexas de responder. Os interlocutores desta pesquisa utilizam com maior frequência as comparações do que as definições. Principalmente comparações com outras comunidades rurais ou com “o povo da cidade”. Kathryn Woodward (2009, p.9) explica que **a identidade é marcada pela diferença, pelo reconhecimento daquilo que ela não é**, e os membros da Palmeira se identificam desta maneira: identificando as suas semelhanças e, principalmente, diferenças com os demais.

Para outro autor, Maurice Halbwachs (1990), a **memória coletiva** é o que designa a identidade através da relação que o indivíduo estabelece com o outro. Para Halbwachs, o passado não sobrevive por inteiro, não existe memória pura. O que existe são reconstituições

---

<sup>2</sup> No Estatuto Social da Comunidade Palmeira, registrado em cartório no ano de 2006, no texto redigido pela tabeliã, eles são chamados de “sócios”. Porém, na cópia que está disponível na igreja, essa palavra sempre aparece com um risco feito a lápis sobre ela e, acima, também a lápis, está escrito “membros”. O motivo é que alguns deles entendem que “sócio” tem uma conotação mercadológica, vocação que a Comunidade Palmeira não quer ter.

do passado. A memória é um ato criativo, é trabalho. O indivíduo seleciona do passado o que lhe interessa e só lembra porque está inserido em uma estrutura social. Ainda podemos relacionar este conceito ao conceito de tradição de Javier Marco Arévalo (2004, p.928):

Na tradição, onexo de continuidade entre o passado e o presente, existe um aspecto permanente e outro suscetível à mudança. A tradição resulta de um processo de decantação cultural e da hibridação que deriva do passado transformado e de sua incorporação ao presente.

Estes dois conceitos, unidos às considerações que foram feitas ao longo do desenvolvimento do trabalho, com uma grande contribuição da banca de qualificação desta pesquisa<sup>3</sup>, levou à alteração do título desta dissertação. A primeira hipótese era de que seria encontrada, decantada, no final do processo deste estudo, uma herança cultural que teria perpassado os anos, desde o período imigrantista até a edificação dos sítios estudados em meados da década de 1950.

Como se viu, tanto memória quanto tradição agrupam características trazidas do passado, modificadas e agregadas ao presente. Não se pode acreditar, por exemplo, que no século XX as técnicas construtivas utilizadas em um país do Novo Mundo seriam as mesmas utilizadas dois ou três séculos antes na Europa Central. Algumas características permanecem, outras são substituídas por aquelas que se mostram mais eficazes.

Outra considerável contribuição da banca de qualificação, somada às reflexões feitas com alguns colegas, foi a seguinte questão: **o que é proveniente da tradição pomerana e o que é da tradição pelotense, da tradição regional?** Por isso, se resolveu acrescentar uma revisão bibliográfica que não havia sido planejada no começo da pesquisa, incluindo tradições construtivas com outras heranças étnicas.

Como o grupo pesquisado compõe a terceira e quarta geração dos imigrantes pomeranos pelotenses, se faz necessário um retorno à Europa Central, aos anos que antecederam a emigração desta população para o Novo Mundo, para compreender, de forma ampla, as motivações que os trouxeram ao Rio Grande do Sul e o conseqüente desejo de manter os territórios com características físicas que remetiam às suas terras de origem. Da

---

<sup>3</sup> Banca composta pelos professores Dr<sup>a</sup> Ester Judite Bendjouya Gutierrez, Dr<sup>a</sup> Maria Letícia Mazzucchi Ferreira e Dr. Fábio Vergara Cerqueira.

mesma forma, é importante compreender o que foi disponibilizado para eles ao chegarem ao Rio Grande do Sul, antes de penetrar na vida dos sócios da Comunidade Palmeira.

Assim, esta dissertação está dividida em três capítulos e de uma reflexão final sobre os dados apresentados. Cada capítulo é gerado a partir de uma ou algumas perguntas. Para facilitar a compreensão do leitor, estas perguntas são apresentadas no início da seção. A estrutura é a apresentada a seguir:

O primeiro capítulo é composto por dois momentos. O primeiro é um apanhado de diversos autores que buscam explicar os panoramas da Europa Central oitocentista e do Rio Grande do Sul do período imigrantista. O segundo momento é uma breve história da Comunidade Palmeira, o núcleo desta pesquisa. As mencionadas perguntas geradoras do capítulo são: **“Quem eram e como viviam os cidadãos centro-europeus e os cidadãos sul-riograndenses antes do período emigracionista? O que é e o que representa a Comunidade Palmeira para os seus sócios?”**

Primeiramente, faz-se um esforço de compreensão dos motivos que levaram estes pomeranos a saírem de suas terras de origem e a buscarem exílio na terra prometida, no Novo Mundo, bem como do território que encontraram ao chegarem ao Rio Grande do Sul. E, no segundo, um esforço de compreensão da identidade dos pomeranos da Comunidade Palmeira e da importância que a Comunidade tem na vida deles.

O título escolhido para este capítulo foi *Contexto Histórico, Identidade e Memória*, pois a contextualização histórica é seu principal objetivo. Ou seja, saber quem eram/são estes três grupos: os pomeranos em solo europeu, os gaúchos sul-riograndenses e os pomeranos sul-riograndenses da Comunidade Palmeira. Os dois primeiros grupos foram estudados com base em literatura de referência; o terceiro, com base não somente na reduzida bibliografia existente, mas também nas memórias e identidades acessadas pelos relatos.

O segundo capítulo, intitulado *Arquiteturas*, traz o repertório que servirá de base para a análise dos sítios apresentados no capítulo seguinte. A pergunta geratriz foi: **como eram construídas e organizadas as propriedades?** E neste momento, conforme exposto, não se trata apenas da arquitetura produzida pelos centro-europeus, pois serão apresentadas a arquitetura centro-europeia; as arquiteturas sul-riograndenses e a arquitetura dos imigrantes centro-europeus em solo brasileiro.

Entretanto, para a arquitetura produzida em solo sul-riograndense, encontram-se poucos referenciais. Assim, limitou-se a pesquisa a apresentar a arquitetura produzida, em solo brasileiro, pelos lusos (de origem açoriana e portuguesa); pelos franco-italianos (de origem francesa e italiana) e pelos pomeranos propriamente ditos.

Após ter sido apresentado um panorama da história destes imigrantes em solo Europeu e sul-riograndense, ter buscado compreender o que representa para esta população manter o que foi criado por seus ascendentes e fazer parte da Comunidade Palmeira<sup>4</sup>, no capítulo seguinte são analisados cinco sítios edificadas por descendentes de imigrantes pomeranos, buscando identificar as permanências, as adaptações e as rupturas na forma de organizar as propriedades, construir as residências e as benfeitorias, e utilizar este conjunto edificado.

O terceiro capítulo é movido pela pergunta: **Como construíram e se organizaram, em solo pelotense, os descendentes dos imigrantes pomeranos?** E apresenta os sítios de cada uma das cinco famílias estudadas. Cada propriedade é analisada de forma isolada, bem como as alterações feitas ao longo dos anos e as diversas formas de utilização que cada uma delas teve desde a construção.

Para elaborar este capítulo, contou-se com a receptividade das famílias estudadas. Todas abriram as portas de suas residências demonstrando satisfação em fazê-lo. Foi atribuído a isto a alegria de ter uma parte da história familiar registrada. A metodologia utilizada foi o levantamento físico-espacial, através de reunião de fotografias antigas e fotografias aéreas (quando havia), medição dos espaços e consequente representação gráfica deles, fotografia de detalhes arquitetônicos e construtivos, e entrevista com os moradores.

A maioria das entrevistas seguiu um roteiro, foi gravada e transcrita, salvo as entrevistas das senhoras Elfrida Bonow, Irene Conrad e Frida Könzgen. Com elas, optou-se por manter o gravador ligado durante um tempo e conduzir uma conversa de acordo com os temas que emergiam. Todo esse material se encontra sistematizado e pode servir de base a novos trabalhos.

Por fim, nas reflexões finais, foi feito um esforço no sentido de relacionar os dados apresentados neste trabalho, buscando responder as questões iniciais propostas:

---

<sup>4</sup> Comunidade, neste contexto, representa uma associação religiosa organizada. No primeiro capítulo é explicado detalhadamente.

1. A memória da organização do sítio e da residência, além do modo de construir, perpassa as gerações entre estes descendentes de imigrantes?
2. O que é proveniente da tradição pomerana e o que é, da tradição local ou regional?

Entretanto, é necessário registrar que este trabalho precisa ser visto como o início de um caminho que precisa ser percorrido para sistematizar a arquitetura popular produzida no território sul-riograndense e, mais especificamente, no território pelotense. Aqui, foi possível analisar um resumido grupo de exemplares pomeranos, porém urge a necessidade de contribuições com pesquisas a respeito das arquiteturas produzidas pelas demais etnias que povoaram o território da Serra dos Tapes. Não existe dúvida quanto à qualidade da produção empírica desta população, resta romper com o preconceito recorrente e partir para este campo de pesquisa tão amplo, tão rico e tão carente.

# CAPÍTULO I

---

## CONTEXTO HISTÓRICO, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Quem eram e como viviam os cidadãos centro-europeus e os cidadãos sul-riograndenses antes do período emigracionista?  
O que é e o que representa a Comunidade Palmeira para os seus sócios?

Esta seção do trabalho está dividida em duas partes. A primeira constitui um esforço de compreensão dos motivos que levaram estes pomeranos a saírem de suas terras de origem e a buscarem exílio na terra prometida, no Novo Mundo, bem como do território que encontraram ao chegarem ao Rio Grande do Sul. Esta parte da seção foi elaborada a partir de um apanhado de autores que tratam destas temáticas. Já a segunda parte da seção busca compreender a identidade dos pomeranos da Comunidade Palmeira e a importância que a comunidade tem na vida deles, com base nas memórias e identidades acessadas pelos relatos destas pessoas.

### 1.1 Os Centro-Europeus Em Sua Terra Natal

A emigração não foi uma válvula de escape de tensões momentâneas, mas um processo que se prolongou por quase um século. Nesse período, houve consideráveis mudanças sociais, acompanhadas de momentos de maior ou menor tensão, que fizeram com que se transformassem as causas da emigração. (WEIMER, 2005, p.22).

A maioria dos emigrantes – com exceção de alguns que ansiavam por mudanças e aventuras – não gostaria de abandonar suas casas ou suas comunidades. Portanto, é importante, antes de tratar dos motivos que conduziram os emigrantes a sair de sua terra natal, trazer a ideia de Klein (2000, p.13) que afirma que a emigração só começa quando as pessoas descobrem que não conseguirão sobreviver com seus meios tradicionais em suas comunidades de origem.

Essa percepção de incapacidade de subsistência chegou aos camponeses após a Revolução Francesa. Com a Revolução, as ideias liberais chegaram à população. Com a constante expansão dos domínios napoleônicos, o ministro prussiano<sup>5</sup> Freiherr vom Stein atemorizou-se e assinou o Édito da Confirmação. Nele, abolia-se a servidão e o fideicomisso<sup>6</sup>, com a ideia de permitir a venda das propriedades feudais aos agricultores que nelas viviam.

Porém, o século XIX iniciou, no território que hoje compõe a Alemanha, com o fim do domínio francês. E, com a derrota de Napoleão, em 1813, foram também derrotadas as conquistas liberais. As concessões que deveriam favorecer os camponeses tornaram-lhes a vida insuportável, pois no sistema feudal o camponês tinha direitos, como o de permanecer na gleba; sem esse vínculo, porém, ele passou a ter de pagar altos tributos à nobreza para permanecer proprietário e, assim, as propriedades foram tornando-se pequenas demais para assegurar o sustento da família. Dessa forma, ou o camponês vendia o que restava e partia para a cidade ou vagava nômade à procura de trabalho em terras de terceiros, ou, ainda, emigrava para outro continente.

Para complicar ainda mais a situação dos camponeses, a partir de meados do século XVIII havia iniciado na Europa Ocidental a chamada transição demográfica (KLEIN, 2000, p.14), quando, lenta, porém progressivamente, as taxas de mortalidade começaram a cair sem que as altas taxas de natalidade decrescessem. Assim, a Europa teve um crescimento

---

<sup>5</sup> Conforme Günter Weimer, a Prússia “era o estado com a estrutura social mais atrasada e com o poder central mais autocrático. O relativo bem-estar de sua corte se devia à extensão de seus domínios, à espoliação da pequena nobreza rural – os Junker -, que, por sua vez, a repassavam a seus súditos [...]” (2005, p.34) e, juntamente com o eleitorado de Hesse, os últimos estados a conservarem a estrutura feudal.

<sup>6</sup> Weimer (ob. cit., p.37 e p.40) apresenta as duas legislações que incidiam sobre a herança dos moradores das regiões livres das áreas que hoje formam a Alemanha. Em algumas dessas regiões, havia a *Realerbteilung*, lei que consistia na partilha equitativa entre os filhos, gerando a atomização dos lotes e, assim, tornando a sobrevivência familiar camponesa praticamente impossível. Em outras, havia a *Anerbenrecht* (**fideicomisso**), pelo qual, em regiões onde imperava o catolicismo, a terra passava para o filho mais velho e, em regiões onde imperava o protestantismo, passava para o mais novo. Dessa forma, aos filhos dos *Junker* que não recebiam terras, eram assegurados altos postos no exército e na administração pública e, aos filhos sem herança dos camponeses, restava tornarem-se trabalhadores nômades ou migrarem para as cidades. E, tanto para os *Junker* quanto para os camponeses que viviam sob essa legislação, era proibida a venda de parte ou da totalidade da herança.

populacional nunca antes visto. Em 1800, a Europa abrigava 1/5 da humanidade (184 milhões de habitantes). Um século mais tarde, apesar da emigração, a população já era de mais de 1/4 da população mundial (401 milhões de habitantes), como pode ser visto na tabela 1 (WEIMER, 2005, p.51).

Tabela 1 – Distribuição da População Mundial

Continentes	1800			1850			1900		
	população (milhões)	%	Densidade	População (milhões)	%	Densidade	População (milhões)	%	Densidade
Ásia	575	64,6	13,7	760	64,1	17	900	57,3	21,3
Europa	187	20,9	18,7	266	22,3	26,6	401	25,5	40,1
África	100	11,1	3	100	8,3	3,1	120	7,6	4
Centro e América Sul	19	2,6	1	33	2,5	1,2	63	4	3,4
Norte	6	0,5	2	25	2,6	1,1	81	5,2	3,4
Oceania	2	0,3	-	2	0,2	-	6	0,4	-
Totais	889	100	-	1.186	100	-	1.571	100	-

Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p.51.

Esse crescimento populacional pressionou os setores agrícolas e, para atenderem às crescentes demandas alimentares, começaram a mudar os métodos tradicionais de cultivo e produção, estimulando a mecanização do campo (KLEIN, 2000, p.15) e a utilização de fertilizantes químicos. Segundo Weimer (2005, p.38-39), a maquinaria cada vez mais complexa dispensou pessoas das colheitas e das debulhas (atividade que garantia renda nos invernos). Outra forma de aquisição de rendimentos suplementares era o artesanato, que muitos camponeses exerciam nas entressafras, porém, com a Revolução Industrial, esta atividade foi superada pela produção fabril.

Também devido à Revolução Industrial, formaram-se duas novas classes: os empresários que eram originários principalmente da burguesia mercantilista, alguns de origem fidalga e, como nesse tempo a classe média era permeável, de alguns artesãos com espírito inventivo que se associaram a capitalistas; e os proletários que, segundo Weimer (Ob. Cit., p.45), “trabalhavam 14 horas por dia, viviam em cortiços nauseabundos, dividiam a cama com duas ou três pessoas, roubavam alimentos dos cães sucumbindo à obsessiva crueldade dos mestres dentro das fábricas. Viviam na maior degradação imaginável”. Todos esses fatores combinados estimulavam a população a abandonar sua terra natal em busca de novos horizontes e melhores perspectivas.

Somente no início da segunda metade do século XIX, a população começou a receber algum apoio para permanecer na sua terra natal. Pois, com as grandes guerras, houve um incentivo à indústria bélica. O que, na opinião de Weimer (2005, p.47-48), foi bom para todos. Afinal, a nobreza expandiu seu território, a burguesia lucrou com a indústria e o proletariado, embora em condições sociais degradantes, tinha empregos garantidos nas fábricas. Graças a isso, nessa mesma época, em novembro de 1859, foi assinado o Rescrito de von der Heydt (ministro do Comércio, Indústria e Obras Públicas)<sup>7</sup>, onde se suspendia todo o apoio oficial à emigração para o Brasil. Como se pode observar no exemplo apresentado na Figura 1, essa suspensão de apoio era fundamentada na

alegação de que os imigrantes teuto-brasileiros eram submetidos a regimes de semiescravidão, quando, na verdade, a demanda por mão-de-obra no território alemão era tão grande que não se podia ser conivente com a emigração dos proletários.

Porém, mesmo com a falta de apoio governamental, segundo Weimer (2005, p.50), a corrente migratória só tendeu à extinção no final do século, quando a Europa Ocidental encontrou relativa paz. Nesse período houve um grande avanço da cultura e da ciência, fazendo a cidade assumir um papel político cada vez mais importante, resultando em um maior consumo e valorização dos produtos agrícolas. Assim, foi necessário estimular a permanência dos camponeses em suas comunidades. Para isso, houve investimentos em vias de transporte e a introdução do sistema *Rentengüter*, que consistia na concessão de terra por contrato de trabalho.

Para entender melhor a situação da Alemanha<sup>8</sup> no final do século XIX, estabilizada dentro da estrutura industrial, é importante saber que,



Figura 1: “Incentivo à emigração para o louvado país em que, segundo as promessas, corre leite e mel de montanhas douradas.”  
Caricatura alemã contrária à emigração ao Brasil (Fonte: SCHULLER, Heinrich. *Brasilien; ein Land der Zukunft*. Stuttgart: Deutsche Verlag – Anstalt, 1942. apud WEIMER, 2005, p.51).

<sup>7</sup> O texto do Rescrito está reproduzido em Roche (1969, p.149-150)

<sup>8</sup> Nesta época, Confederação Alemã do Norte, integrada por 22 estados sob o poder hegemônico de Otto von Bismark (WEIMER, 2005, p.48).

“[...] em 1896 o Rescrito de Von der Heydt foi parcialmente levantado (em relação ao Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) e isso não trouxe incentivo algum à emigração. Pelo contrário. Esta última diminuiu gradativamente, chegando em 1906 a pouco mais de cem imigrantes. Somente os sombrios anos que precederam a Primeira Guerra Mundial trouxeram um último grande fluxo de alemães ao Rio Grande do Sul.” (WEIMER, 2000, p.50)

Analisado, ainda que brevemente, o contexto histórico no qual a população centro-européia estava inserida, e percorridos os caminhos que levaram algumas destas pessoas à emigração para o novo mundo, é perceptível que, salvo exceções, eles vieram movidos pela necessidade de sobrevivência ou pelo desejo de uma vida melhor do que à que estavam condenados em suas cidades natais. Neste momento, as Américas com suas empresas colonizadoras públicas e privadas, munidas de promessas, eram uma das poucas esperanças palpáveis. Porém, no Novo Mundo, encontraram uma realidade diferente daquela prometida.

## **1.2 O Rio Grande do Sul Antes da Imigração**

“Embora o Rio Grande do Sul tivesse sido ocupado muito tarde pelos portugueses, e por curta que houvesse sido sua História, sua personalidade claramente se afirmara no começo do século XIX” (ROCHE, 1969, p.1).

Para estabelecer suas fronteiras, o Rio Grande do Sul precisou ser o palco de grandes batalhas. Como exemplos, da Guerra Guaranítica, da Primeira e da Segunda Guerra Cisplatina, da Revolta Civil que durou dez anos, de 1835 a 1845 (Revolução Farroupilha) e das Guerras contra Argentina, Paraguai e Uruguai. Assim, as características dos gaúchos foram forjadas nestes campos de combate.

Segundo Roche, o gaúcho conferiu ao Rio Grande do Sul uma originalidade em relação ao restante do país, devido a seus traços característicos. Como exemplos:

“[...] a dispersão dos habitantes determinou o relaxamento das práticas de culto católico e o desaparecimento da influência da religião na Campanha; a vocação pastoril e militar marcou o sul-riograndense com uma incapacidade, muito tempo insuperável, para o trabalho manual ou mecânico” (ROCHE, 1969, p.27).

Estas características faziam dos cidadãos sul-riograndenses pessoas diferentes não só do restante dos brasileiros, como também dos imigrantes centro-europeus. Elas não

facilitaram nem os contatos, nem a compreensão entre o colono recém-chegado e o gaúcho, senhor dessa região.

### 1.2.1 Atividades Desenvolvidas no Rio Grande do Sul

Jean Roche em sua obra já mencionada, intitulada “A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul”, publicada em 1962, afirma que, na terra dos gaúchos, havia predomínio da pecuária sobre a agricultura. Segundo este autor, os jesuítas foram os responsáveis pela introdução de bovinos no território gaúcho. “Ao lado das reduções, onde estavam reunidos os índios e onde praticavam a agricultura, havia estabelecimentos pastoris - chamados ora vacarias, ora estâncias”. (1969, p.28) Porém, com a incursão dos bandeirantes, o gado foi abandonado, espalhou-se e reproduziu-se por todo o território sul-riograndense.

O mesmo autor afirma que os lagunenses foram atraídos por esse gado selvagem e se lançaram em uma perseguição incerta. Seus descendentes substituíram tal forma de perseguição pelo ajuntamento do gado nas invernadas e posterior criação nas estâncias<sup>9</sup> que fundavam.

“A estância era, desde então, o elemento característico na paisagem [...] sobre uma eminência, protegida dos ventos e do sol por um bosquezinho. Aqui se estende a casa do dono, construída com tijolos, caiada de branco, coberta de telhas, sem chaminé e sem conforto algum: é apenas uma casa muito simples. Aqui e ali se adivinham as do pessoal, os ranchos, cujas paredes são de barro, e teto, de capim. Perto das habitações agrupam-se algumas dependências de serviço, galpões, depósitos, uma oficina em que se trabalha o ferro, a madeira e o couro. Tudo em redor é a imensidão dos campos, cuja relva só desaparece na área das mangueiras, cercados onde se adestram os cavalos de sela e se tratam animais doentes.” (ROCHE, 1969, p.34)

De acordo com o mesmo autor, enormes distâncias impediriam o transporte dos produtos, caso a agricultura tivesse sido desenvolvida. Desenvolvimento que a baixíssima densidade populacional, de 0,4 habitantes por quilômetro quadrado (ROCHE, 1969, p.28), não permitiu. De forma contrária, à pecuária bastava um capataz e dez homens para se ocuparem de 10.000 cabeças de gado, isto é, para explorarem 15 ou 20.000 hectares,

---

<sup>9</sup> “Esta palavra, que tem como raiz o verbo *estar*, revela por isso mesmo o papel da criação de gado na fixação dos primeiros rio-grandenses” (ROCHE, 1969, p.28).

conforme a qualidade das pastagens, além de não exigir nem mão-de-obra especializada, nem trabalhos regulares.

“[...] Oferecia [o gado] o alimento e o material essenciais da civilização gaúcha: arreios de cavalo, saco de viagem, barca improvisada para atravessar os rios (“pelotas”), cadeiras, camas, cobertas, portas e divisões internas do rancho, botas e roupas de trabalho, tudo era de couro. O Rio Grande do Sul viveu então sua *idade do couro*.” (LAYTANO; ABREU; RODRIGUES apud ROCHE, 1969, p.28-29)

Ainda segundo Roche, (1969, p.29), a criação de gado era, também, a atividade mais lucrativa. A produção de charque data de 1780 e foi até 1935 a principal fonte de renda no Rio Grande . De acordo com Roche, às vésperas do início da colonização alemã, verificou-se no Rio Grande do Sul o *desaparecimento* da agricultura.

Nas estâncias praticavam-se algumas culturas: o milho para os cavalos, a mandioca para o pessoal do estabelecimento. Permitia que a estância se bastasse a si mesma, o que, segundo Roche (1969, p.30), era indispensável em virtude da dificuldade das trocas, sobretudo no que tange os produtos volumosos ou pesados e de pouco valor. Essa agricultura sempre ocupa uma área muito pequena, 1/500 a 1/300 da estância. Entretanto, foi bastante para afastar a necessidade de um comércio regional dos produtos agrícolas.

“Este fato teve consequências muito profundas sobre a colonização alemã. Embora esta devesse encontrar um mercado próximo e amplo para a sua produção, a autarcia (sic) realizada na estância lhe opôs uma barreira ainda não completamente derrubada. Porque os estancieiros não necessitavam dela, durante muito tempo não pôde, pois, haver nem troca nem contatos profissionais entre os dois grupos.” (ROCHE, 1969, p.31)

Entretanto, em obra mais recente, denominada “Estancieiros e Lavradores: Rio Grande do Sul, século XVIII”, publicada em 1995, Helen Osório questiona a afirmação de que o “Rio Grande do Sul era uma civilização do couro” (ROCHE, 1969, p.28) e cita que o trigo abastecia o mercado do Rio de Janeiro e, até 1820, foi o terceiro produto de exportação do estado (OSÓRIO, 1995, p.32).

A autora utilizou os dados de três fontes: a) a “Relação de moradores que têm campos e animais nesse Continente”, o único senso deste gênero conhecido para o período colonial; b) a “Relação de moradores”, que foi realizada durante o ano de 1784, a pedido do Vice-Rei do Brasil, para que se conhecesse a situação da distribuição das terras e; c) “As Forças do país” que traz dados a respeito do que viviam e que animais possuíam seus habitantes (Ob. Cit., p.32 e 33).

Para fazer sua análise, Osório (1995, p.33-34) escolheu quatro, dos 18 distritos existentes no Rio Grande do Sul colonial: Encruzilhada, Cachoeira, Santo Amaro e Serro Pelado. Todas essas localidades reconhecidas como de atividade pecuária, aparecendo no “Mapa dos Animais” de 1787, respectivamente, em primeiro, segundo, quarto e quinto lugares em número de gado vacum, concentrando 51% do total de gado do Rio Grande do Sul e, dos quatro, apenas Santo Amaro possuía um perfil camponês, com ocupação antiga, estabelecida com casais açorianos, pequenas concessões de terra e protegida dos “azares do espaço fronteiriço”.

Osório, então, apresenta uma lista das atividades realizadas pelos moradores das terras recenseadas dos quatro distritos, conforme tabela 2:

Tabela 2 – Distribuição de Atividades por distrito sul-riograndense

	<b>Encruzilhada</b>	<b>Cachoeira</b>	<b>Serro Pelado</b>	<b>Santo Amaro</b>	<b>Total</b>
<b>Criadores</b>	26	52	9	20	107
<b>Lavradores</b>	-	4	-	27	31
<b>Criadores-Lavradores</b>	16	3	23	16	58
<b>Mais lavradores</b>	3	1	-	18	22

Fonte: OSÓRIO, Helen. “Estancieiros” e “Lavradores”: Rio Grande do Sul, século XVIII. In.: **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS**. V.3. Nº 4. Porto Alegre: UFRGS, 1995. P. 35.

Através dos dados presentes na tabela acima, percebemos que 50,9% da população se dedicava à agricultura de alguma forma, combinada ou não com a pecuária. Isto era bastante significativo, pois, conforme mencionado, estes quatro distritos estavam entre os cinco maiores produtores de gado, e pelo menos um terço dos proprietários eram, simultaneamente, produtores agrícolas e pecuários (os “criadores-lavradores” e os “mais lavradores”, que se dedicam mais às lavouras que às criações.)

Osório, ainda, apresenta dados sobre a posse do rebanho (tabela 3)

Tabela 3 – Proprietários em relação à posse dos rebanhos

	Encruzilhada	Cachoeira	Serro Pelado	Santo Amaro	Todos os distritos
<b>Criadores</b>	8.042	9.386	9.438	4.037	8.493
<b>Lavradores</b>	-	1.180	-	726	893
<b>Criadores-Lavradores</b>	15.518	15.790	12.334	5.725	12.687
<b>Mais lavradores</b>	3.811	6.534	-	1.551	2.145

Fonte: OSÓRIO, Helen. “Estancieiros” e “Lavradores”: Rio Grande do Sul, século XVIII. In.: **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS**. V.3. Nº 4. Porto Alegre: UFRGS, 1995. p.37

Esses dados mostram que os maiores rebanhos e, ainda segundo Osório (1995, p.39), as maiores extensões de terra, estavam nas mãos daqueles que se dedicavam simultaneamente à pecuária e à agricultura. A autora diz, ainda, que “se aceitarmos que concentração de terras e de rebanhos são índices de riqueza, a elite econômica rural do final do século XVIII no Rio Grande do Sul estaria composta principalmente pelos criadores - lavradores”.

Assim, é levantada, por Osório, a questão: “quem era denominado estancieiro, então, ao final do século XVIII?”. A autora apresenta duas definições para estâncias, uma de dicionário recente, que estabelece como significado: “estabelecimento rural destinado à cultura da terra e, principalmente, à criação de gado vacum e cavalari; fazenda” e; outra de um dicionário de 1789, onde consta que: “no Sul da América, estâncias são terras com criação de gado vacum e cavalari” (SILVA, Antônio Moraes. Dicionário da Língua Portuguesa. Lisboa, 1789. apud OSÓRIO, 1995, p.40). Ela ainda diz que a denominação “estancieiro” não aparece com frequência nas fontes que foram consultadas, porém, quando aparecem, designa pessoas que vivem da criação de animais e têm rebanho dos mais variados tamanhos: de 200 a 300 animais. Não designa, pois, os grandes proprietários de rebanhos e de terras, o que ocorreu no século XIX, mas sim aqueles que se dedicam à atividade pecuária.

Dessa forma, Osório afirma que “os dados por ela trabalhados indicam que a sociedade colonial do Rio Grande do Sul era um tanto mais complexa, produtiva e socialmente, do que a historiografia supôs”

Buscando aproximar este estudo da realidade de Pelotas no período colonial e compreender quais atividades predominavam nesta região, em relação à agricultura e à pecuária, Marinês Z. Grando (1990, p.44) em sua obra intitulada “Pequena Agricultura em Crise”, apresenta o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul e aproxima seu discurso ao de Jean Roche. Diz ela que:

“a primeira charqueada fundada no Rio Grande do Sul, em 1780, deu origem ao povoamento [atualmente, Pelotas]. Durante quase um século, a pecuária extensiva permaneceu como ocupação dominante daquele povo, até serem introduzidas a policultura e a pecuária de pequeno porte pelos colonos europeus”.

Ou seja, existem estudos controversos que oscilam entre a afirmação de um Rio Grande do Sul dedicado à pecuária extensiva ou complexo em suas atividades, porém os estudos de Mário Osório Magalhães (1998) apontam a região de Pelotas como agrícola e pastoril, afirmando uma dupla vocação para o município.

### 1.2.2 A Distribuição Demográfica Sul-Riograndense

Embora a população houvesse sextuplicado entre 1780 e 1822, o Rio Grande do Sul parecia quase despovoado: possuía apenas cem mil habitantes (CHAVES apud ROCHE, 1969, p.39). Mas, sobretudo a distribuição geográfica desta população era significativa.

Segundo Roche, o Planalto Setentrional contava com 10.000 habitantes, dos quais 6.750 localizavam-se nas Missões, e o resto nos campos de Cima da Serra, ao redor de Vacaria; o Litoral sofria com a pobreza do solo e com a dificuldade das comunicações e havia na região 23.960 habitantes, ou seja, 22% do total; a Depressão Central possuía 38.000 habitantes, em resumo 36% graças ao desenvolvimento das principais cidades: Porto Alegre e Rio Pardo; e a Campanha contava com 22.000 habitantes, isto é, 31% do total.

“Os primeiros ocupantes de origem portuguesa distribuíram-se realmente em função de dois fatores principais: a facilidade das comunicações e a existência de recursos naturais imediatamente utilizáveis. O Rio Grande do Sul era o pampa. Por isso o território gaúcho terminava à orla da floresta virgem, isto é, **ao pé da Serra Geral**.” (ROCHE, 1969, p.40. Grifo nosso)

Em 1824, a metade setentrional do Rio Grande do Sul, longe de ser explorada, não era inteiramente conhecida. Os gaúchos chamavam essa região de “*Região de cima da Serra*”, indicando com isso como e quanto estava isolada do resto do Rio Grande do Sul. Por isso, o Planalto esteve a ponto de não ser todo povoado por sul-riograndenses.

“Foi, pois, esta área que os gaúchos haviam desdenhado que se ofereceu à colonização agrícola.” (Op.cit., 41).

Somente na segunda metade do século XIX, a região da Serra dos Tapes começou a receber colonos vindos das regiões que hoje compõem a Alemanha. Primeiramente foi fundada a colônia de São Lourenço, por iniciativa de Jacob Rheingantz e seu sócio José Antônio de Oliveira Guimarães, a partir do ano de 1856 (COARACY,1957, p.23) e, posteriormente, a colônia do Arroio do Padre, fundada pela iniciativa de Guilherme Bauer e Cia., no ano de 1868 (ROCHE, 1969, p.158). Sobre estas colônias, pertencentes, à época, ao município de Pelotas, serão dedicados parágrafos específicos a seguir.

### **1.3 A Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**

Segundo Roche (1969, p.93), no começo do século XIX, todo movimento espontâneo de migração entre a Alemanha e o Brasil era inconcebível, em virtude das diferenças dos meios de vida e em razão da distância que separava os dois países. O mesmo autor diz que a lentidão, as probabilidades e o preço da travessia, duas vezes mais elevado que para os Estados Unidos, faziam os imigrantes recuarem.

Assim, o governo brasileiro atraiu os imigrantes europeus, oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro ou em espécie. A compensação oferecida à demora e ao custo da viagem, consistia em conceder as terras, instalar os colonos e manter os estabelecimentos, pelo menos durante um tempo.

Quando o imigrante chegava à sua colônia de destino, um funcionário o acompanhava para indicar onde ficava sua concessão, entregava-lhe algumas ferramentas indispensáveis: foice, facão, machado, serra, enxadão e, depois disso, a terra arável, o espaço, tudo devia ser conquistado. A respeito da angústia que sentia o imigrante recém chegado, a obra de Roche (ROCHE, 1969, p.52) apresenta um trecho ilustrativo:

“Qualquer que seja nosso esforço de imaginação, custa-nos imaginar os sentimentos que oprimiram os imigrantes postos na floresta virgem. O comboio de mulas era dividido. As bagagens haviam sido amontoadas à beira da picada. Esta era a única brecha aberta na mata, apenas um túnel de três ou quatro metros de largura, onde tropeçavam nas raízes e nos cepos, onde, se feriam no fio das hastes cortadas acima do solo. De um a outro lado, elevavam-se as árvores monstruosas, estreitavam-se os arbustos e as plantas do sub-bosque, enlaçavam-se os cipós. Era a obscuridade

misteriosa, a umidade sufocante do dia, a ameaça confusa da noite, a angústia e o desespero”.

### 1.3.1 A Origem e as Profissões dos Imigrantes Teuto-Gaúchos

“Os alemães vieram das regiões mais diversas da Europa Central: das planícies do norte, dos vastos campos do leste, dos montes do centro e do sudeste... E, durante longos decênios, estes imigrantes filhos do Wuerttemberg, de Hessen, eram bávaros, prussianos – pois não existia ainda um Estado alemão. Pertenciam às raças mais heterogêneas: eslavos germanizados do leste, galos e romanos germanizados do sudeste, germanos puros do norte. Falavam dialetos, que se diferenciavam tanto uns dos outros como o português e o espanhol. Vinham católicos e protestantes e membros das mais variadas seitas religiosas. As profissões exercidas por estes homens eram igualmente das mais variadas: camponeses e artífices, comerciantes e médicos, industriais e intelectuais. Acadêmicos e analfabetos, ricos e pobres.” (HOFFMAN-HARNICH, 1941 apud WEIMER, 2005, p.56)

Segundo Willems (1946 apud WEIMER, 2005, p.58), boa parte da imigração é composta por cidadãos de classes sociais bem diversas. Não apenas proletários, mas também pequenos e médios burgueses que fogem à proletarização iminente. Utilizando-se a listagem de Wolf<sup>10</sup> (1964), Weimer (loc. cit.) concluiu que, em São Leopoldo<sup>11</sup>, dos 2.951 alemães identificados, apenas 262 eram provenientes de 40 cidades (grandes e médias). Desses, 113 eram de Hamburgo, o principal porto de embarque, enquanto que as outras três cidades hanseáticas contribuíram com apenas 27 imigrantes. Assim, o autor afirma que é bastante provável que, destes 113 imigrantes, a maioria tenha dado como origem o porto de embarque e não o lugar de nascimento.

Já os imigrantes de origem rural, eram das regiões mais diversas. Segundo Roche (1969, p.158), os primeiros a se fixarem no Rio Grande do Sul provinham de Holstein, de Hanover e de Mecklembourg; logo depois, chegaram os camponeses originários de Hünsrück;

---

<sup>10</sup> Wolf, pastor da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, baseado em livros eclesiásticos contendo uma listagem com nomes de 3.393 imigrantes, publicou um livro onde, dentre outros assuntos, identificou a origem e as profissões de alguns desses.

<sup>11</sup> Está sendo apresentado o exemplo da colônia de São Leopoldo, pois não foram encontrados estudos semelhantes relativos às colônias teuto-gaúchas pelotenses e a colônia de São Lourenço, colônias que mais interessariam ao presente trabalho. Desta forma, deve-se entender que o estudo de Weimer, baseado em Wolf, tem apenas intenção de servir de referência.

a partir de 1868 chegaram os vestfalianos e os “pomeranianos”<sup>12</sup> e, mais tarde, os naturais de Schwaben. Na figura 2 está demarcado o território que compunha o Ducado da Pomerânia no período da imigração. Hoje, uma pequena parte a oeste foi incorporada pela Alemanha e o restante pela Polônia.

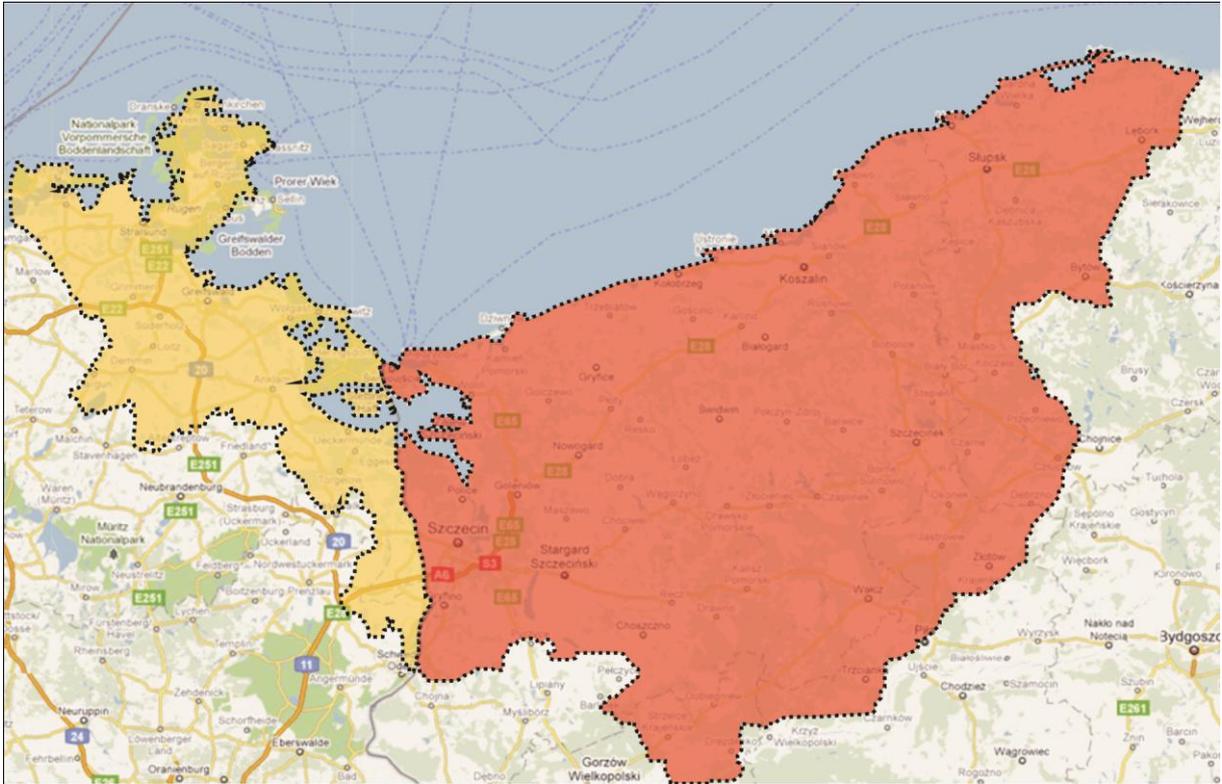


Figura 2: Mapa do Antigo Ducado da Pomerânia. À esquerda, parte do antigo território pomerano que hoje faz parte da Alemanha. À direita, território que hoje pertence à Polônia. [Fonte: elaborado pela autora utilizando o Esquema Mapa da Pomerânia (Revista Pommern – HEFTI, 1973 apud SALAMONI, ACEVEDO, ESTRELA et. al., 1995, p.74) sobre base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de agosto de 2009].

Funke e Portzelt (apud ROCHE, 1969, p.158) afirmam que os imigrantes rurais tinham grande diversidade de características físicas e mentais. Como exemplos citam que os renanos eram considerados mais inteligentes e os pomeranos, mais trabalhadores. Essa grande heterogeneidade de elementos humanos, segundo Roche (1969, p.158), fez alguns grupos minoritários fundirem-se a grupos majoritários e, com muito mais frequência, provocou a aglutinação de imigrantes que tinham a mesma origem, falavam o mesmo dialeto e

<sup>12</sup> “pomeranianos” é uma nomenclatura característica deste autor. Popularmente e em outros autores, a nomenclatura mais encontrada é “pomeranos”. A Pomerânia, palavra que significa em polonês “país ao longo do mar”, situava-se ao longo de toda a costa meridional do mar Báltico e entre os rios Oder e Vístula. (SALAMONI et. al.,1998, p.68)

praticavam a mesma religião; contribuiu, ainda, a conservar as tradições familiares ou regionais e a fortalecer a segregação.

Utilizando-se mais uma vez do trabalho de Wolf, Weimer (2005, p.60-62) reuniu informações acerca das profissões exercidas pelos imigrantes em sua terra de origem e os classificou de acordo com o setor de atividade onde atuavam. Conforme pode ser observado na tabela 4.

Tabela 4 – Classificação dos imigrantes de acordo com o setor de atividades:

Setor de Atividades	Até 1845	%	De 1845 a 1900	%	Total	%
Setor Primário	130	31,9	423	46,1	553	41,8
Setor Secundário	219	53,9	354	38,6	573	43,3
Setor Terciário	58	14,2	140	15,3	198	14,9
<b>Total</b>	<b>407</b>	<b>100</b>	<b>917</b>	<b>100</b>	<b>1.324</b>	<b>100</b>

Fonte: WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.60

Segundo Weimer (2005, p.62), essa nítida hipertrofia do setor primário se explica por dois fatores complementares: a) é provável que a maioria dos homens sem profissão declarada seja de agricultores e b) o trabalho da terra era um fator integrador e o ofício artesanal, diferenciador. Muitas vezes o imigrante é qualificado com duas profissões: quase 2/3 exerciam um ofício juntamente à agricultura.

Weimer ainda apresenta uma terceira relação de profissões, onde a ênfase da análise é o ramo da construção. Conforme pode ser visto na tabela 5, todos os ofícios solicitados nas construções estavam representados na comunidade de São Leopoldo.

Tabela 5 – Ramos da Construção e da Cerâmica:

Ramo da Construção	Até 1845	%	De 1845 a 1900	%	Total	%
Carpinteiros	16	48,5	15	35,7	31	41,3
Pedreiros	9	27,3	14	33,3	23	30,7
Canteiros	5	15,2	3	7,2	8	10,7
Construtores de moinhos	1	3,0	2	4,8	3	4,0
Pintores	1	3,0	4	9,5	5	6,7
Fabricantes de cal	1	3,0	0	-	1	1,3
Técnicos nível superior	0	-	4	9,5	4	5,3
<b>Total</b>	<b>33</b>	<b>100</b>	<b>42</b>	<b>100</b>	<b>75</b>	<b>100</b>

Fonte: WEIMER, Günter. Arquitetura Popular da Imigração Alemã. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.61

A arquiteta, urbanista e doutora em história, professora Ester Bendjouya Gutierrez, baseada, dentre outras fontes, nos registros dos sepultamentos no cemitério do Fragata e nas anotações das hospitalizações na Santa Casa de Misericórdia, apresenta indícios sobre a mão-

de-obra em Pelotas. Sobre os germânicos, Gutierrez (2004, p.449) diz que “trabalhavam como: ferreiros, 27,30%; pintores, 22,20%; carpinteiros, 18,20%; marceneiros, 15,20%; serralheiros, 5,10%; funileiros, 3%; oleiros, 2%. Mais um topógrafo e um escultor completavam o quadro dos trabalhadores alemães internados”.

Portanto, pode-se observar nos dados de Weimer (2005), que analisou a realidade de São Leopoldo, que a maioria dos trabalhadores da construção civil se dedicava ao trabalho da madeira (41,30%). Dado semelhante aparece no trabalho de Gutierrez (2004), que focou o estudo em Pelotas, onde, dos teuto-gaúchos hospitalizados, 38,5% trabalhavam com madeira. Assim, é evidente a preferência da utilização desta técnica na construção civil sobre qualquer outra.

## **1.4 O Objeto Deste Estudo**

Aqui serão apresentadas as famílias foco do estudo. Inicia-se buscando identificar o local de instalação dos imigrantes pomeranos ascendentes destas famílias e, posteriormente chega-se às colônias Osório e Py Crespo, num esforço para compreender que são os membros da Comunidade Palmeira.

### **1.4.1 A Origem e o Destino das Famílias Estudadas**

Nesta seção do capítulo, o enfoque será dado, primeiramente, a duas colônias específicas: Colônia de São Lourenço do Sul e Colônia do Arroio do Padre. Visto o observado na listagem de compra de lotes apresentada por Vivaldo Coaracy e de acordo com as informações que os entrevistados durante a realização do presente trabalho forneceram, os ascendentes das cinco famílias pesquisadas ingressaram nos referidos territórios. Essas colônias, no período imigracionista, pertenciam ao município de Pelotas; hoje ambas encontram-se emancipadas.

A Colônia de São Lourenço do Sul foi fundada por iniciativa de Jacob Rheingantz e seu sócio José Antônio de Oliveira Guimarães, na Serra dos Tapes, no então município de Pelotas, RS. A partir do ano de 1856, os imigrantes começaram a ser trazidos da Europa Central, quando foi firmado um contrato de colonização com o Governo Imperial (COARACY, 1957, p.38). Diferentemente das outras colônias germânicas já estabelecidas no estado, a colônia de São Lourenço não tinha comunicação com as demais, sendo chamada pelo professor francês Jean Roche (1969, p.179) de ilha geo-humana, por estar implantada numa mancha florestal, próxima a uma planície onde os luso-brasileiros desenvolviam atividades pecuárias.

A primeira leva de imigrantes trazidos para a região possuía 88 imigrantes vindos no navio holandês *Twee Vieden*. Em 1877, ano da morte de Rheingantz, a colônia já tinha um total de 52.000 hectares e mais de 6.000 moradores, entre imigrantes e descendentes (COARACY, 1957, p.23).

Sobre a Colônia de São Lourenço é mais fácil discorrer, visto o fato de que diversos pesquisadores têm escrito sobre ela há alguns anos, sobretudo nas últimas décadas, quando grande parte da documentação e das memórias dos descendentes destes imigrantes passou a ser sistematizada, porém algumas referências servem também para as outras colônias, sobretudo para a do Arroio do Padre que aqui também nos interessa.

Sobre a colônia pelotense do Arroio do Padre (posteriormente, Distrito do Município de Pelotas e, mais recentemente, emancipada de acordo com a lei estadual nº. 10.738, de 17/4/1996), encontra-se pouquíssima informação. Ela, provavelmente, tem origem pomerana, pois, além da identidade que os moradores reafirmam, de acordo com Weimer (2005, p.325) a referida colônia foi fundada pela iniciativa particular de Guilherme Bauer e Cia. no ano de 1868, ano esse compreendido pelo período que Roche (1969, p.158) define como o principal na fixação desta etnia em solo gaúcho.

As semelhanças em entre estas duas colônias (e não só entre estas duas) está, principalmente no fato de que ambas se localizam na Serra dos Tapes, onde a maior parcela territorial pelotense está situada. Esta região foi tardiamente ocupada, pois a vocação dos moradores desta região, conforme já visto anteriormente, era prioritariamente a criação de gado vacum, sobretudo no município de Pelotas, cuja maior fonte de renda naquele momento era a produção de charque. A topografia acidentada daquela região não era favorável à atividade pecuária, fato que contribuiu para sua ocupação tardia.

Segundo Karen Melo da Silva (2009 p.120), esta região, que permanecia com baixa densidade de ocupação, foi tida como área potencialmente interessante para receber os imigrantes. Segundo a autora:

“Inicialmente apenas tida como local para obter madeira e esporadicamente utilizada para algum tipo de lavoura, aos poucos os charqueadores, estancieiros e comerciantes de Pelotas voltam seus interesses para a região da serra (ANJOS, 2000, p.67). Alguns fatores podem ser elencados para contextualizar os interesses movidos em torno dos empreendimentos coloniais: a) a intenção de investimento (especulação) imobiliário dos grandes proprietários de terra na Serra dos Tapes, possibilitada pela Lei Provincial N°304/1854 que permitia a venda, antes restrita à doação, de lotes aos imigrantes (ANJOS, 2000, p.68 e p.78); b) necessidade de investimentos em elementos que viessem a substituir a mão-de-obra escrava no campo e que viessem a enriquecer tecnicamente a classe operária na cidade (ANJOS, 2000, p.78); c) o interesse em introduzir a agricultura na economia do município, a qual se encontrava centrada na pecuária e na indústria do charque (GRANDO, 1989, p.69) e; d) a possibilidade de branqueamento da população, através do ingresso de imigrantes brancos, dada a força da presença negra, relacionada à mão-de-obra escrava das charqueadas (KOLLING, 2000, p.43).” (SILVA, 2007 p. 119-120)

Porém, no romance histórico de Jairo Scholl Costa, publicado no ano de 2008, é narrada a sequência de expectativas criadas e frustradas que os imigrantes viveram ao chegar ao Rio Grande do Sul. A palavra polonesa “pomerânia”, que dá nome ao local de origem das pessoas objeto deste estudo, segundo Salomoni, significa “país ao longo do mar”. A Pomerânia situava-se ao longo de toda a costa meridional do mar Báltico e entre os rios Oder e Vístula. (SALOMONI et. al.,1998, p.68).

Desta maneira, Costa narra a saga da chegada destes imigrantes que desembarcaram no porto da cidade de Rio Grande, ou seja, em uma extensa planície banhada pelo mar, tal qual era a paisagem da sua região de origem, porém aquele não era o destino final. Então foram reembarcados e conduzidos até o porto do atual município de São Lourenço do Sul. Chegando lá, a paisagem também se assemelhava à paisagem pomerana: planície banhada pela Laguna dos Patos que, devido à extensão, pode ser confundida com o oceano em alguns momentos. Mas aquele ainda não era o local destinado a estes imigrantes. Segundo o narrado, eles foram conduzidos em carroças, sob o lombo de animais ou a pé até a colônia de destino, a alguns quilômetros da laguna, na Serra dos Tapes.

Lá organizaram as plantações e construíram seus sítios adaptando as técnicas conhecidas aos materiais encontrados, conforme será descrito no capítulo II deste trabalho.

Tendo perpassado um panorama da Europa Central no período emigracionista e do Rio Grande do Sul que recebeu estes imigrantes, com destaque às colônias que receberam os

ascendentes das famílias deste estudo, a partir deste ponto passa-se à análise do objeto de estudo propriamente dito: a Comunidade Palmeira.

### **1.4.2 A Comuna Escolar e Religiosa Palmeira**

A “Comuna<sup>13</sup> Escolar Religiosa Palmeira” foi fundada, com este nome, no dia 20 de fevereiro do ano de 1949, por nove famílias associadas que buscavam suprir a necessidade de uma escola para seus filhos. De acordo com a senhora Elfrida Bonow, uma das fontes mais importantes deste estudo, devido a sua participação ativa durante todo o processo de fundação e solidificação da comunidade e a sua admirável lucidez, os nove homens destas famílias se reuniram no próprio terreno onde hoje está a igreja e, sentados no gramado, decidiram todos os detalhes.

De acordo com a senhora Leda Mülling Noremberg, filha de um dos casais fundadores da Igreja, os senhores Artur Mülling e Alma Nachtigall Mülling, desde o ano de 1947 havia o intuito de construir um prédio para receber uma escola onde também seriam realizados cultos religiosos. Ela contou que sua avó paterna contribuiu para acelerar o processo. Ela estava doente e pediu que construíssem ali um cemitério, pois ela não gostaria de ser sepultada no cemitério próximo, porque lá os animais pisoteariam no seu túmulo.

E assim se fez. No ano de 1949, o senhor Otto Germano Alberto Bonow e sua esposa doaram um hectare de suas terras e outro foi adquirido pelas famílias associadas. O senhor Artur Mülling, que fabricava tijolos em sua propriedade, forneceu a matéria prima e os próprios associados erigiram o prédio que abrigou a Escola Particular Doutor Xavier e os cultos luteranos, por um considerável período que os interlocutores não sabem precisar. Sabe-

---

<sup>13</sup> Segundo Ferreira, Comuna: “1. Na Idade Média, cidade emancipada e que passou a governar-se. 2. Poder revolucionário instalado em Paris, em 1871” (2000, p.170).

De acordo com Silveira Bueno, Comuna: “s.f. cidade que, na Idade Média, obtinha de seu senhor suserano carta que lhe concedia autonomia; município.” (1976, p.331)

Os entrevistados, ao serem questionados do porquê desta denominação tão incomum no Brasil, não souberam afirmar com certeza os motivos, porém consideraram que toda a documentação é elaborada a partir de modelos prontos, onde somente é feita a modificação do conteúdo dos textos. Assim, crêem que os fundadores devam ter se inspirado em alguma outra sociedade semelhante ou devam ter sido instruídos para chamarem a Comuna Escolar e Religiosa Palmeira desta maneira.

se apenas que, no dia 25 de abril de 1949, foi lançada a pedra fundamental da primeira obra no terreno e, ainda em 1949, no dia 24 de julho, a comunidade foi inaugurada com um culto.

Não existe registro fotográfico deste prédio, mas considerável parcela das pessoas que contribuíram com este trabalho através de entrevistas ou em conversas informais, descrevem com carinho e nostalgia o prédio simples, monocromático, com duas janelas de cada lado, uma porta de acesso, telhado de duas águas e uma cruz no oitão. Sempre destacando o nome “Escola Doutor Xavier”, escrito na fachada principal com tinta “cor de café”. Internamente, havia uma mesa ao fundo, fazendo as vezes de altar, e mesas e bancos de madeira muito simples. A partir das descrições, acredita-se que o exterior do prédio assemelhar-se-ia com a Figura 3, abaixo.



Figura 3: Escola Doutor Xavier, o primeiro prédio. Ilustração baseada nas descrições feitas pelos entrevistados. Fonte: Elaborado pela autora para este trabalho. 2012.

As aulas da escola eram ministradas pelo Reverendo Julio Schmitt, que também era encarregado das prédicas dominicais. Júlio Schmitt foi o responsável pelas aulas e pelos cultos até o ano de 1953, quando o sr. Willy Bonow (esposo da senhora Elfrida) assumiu a escola e o Reverendo Albino Bescow, a Igreja. Albino Bescow ministrou os cultos até pouco tempo antes de seu falecimento, e, no dia 6 de fevereiro de 2000, o reverendo Mário Hartwig celebrou o seu primeiro culto na comunidade Palmeira, onde permanece até os dias atuais.

Segundo os alunos da escola que foram entrevistados, o colégio só oferecia ensino até a quarta série, onde todos os alunos, independente da idade ou do período em que estavam,

permaneciam na mesma sala e aprendiam os mesmos conteúdos e isso não desmerecia em nada o aprendizado. Disse dona Elfrida: “Era só até a quarta-série, mas essa quarta-série era melhor que a quinta-série de hoje em dia.”

Além de português, matemática e os demais conteúdos comuns às demais escolas, o professor estimulava os alunos a participarem de apresentações artísticas nas festas da comunidade. Festas que, segundo os interlocutores, não eram poucas. Nestas apresentações, os alunos podiam optar entre o português e o pomerano. E, por ser a língua materna da maioria deles, o pomerano imperava. Assim, nas festas, os alunos recitavam poemas, trechos bíblicos, cantavam e se arriscavam em outros campos artísticos, no idioma de seus antepassados.

Willy Bonow foi o professor da escola até o ano de 1957, quando assumiu a regência o professor Paulo Ernesto Timm. Na documentação da comunidade não se encontram informações sobre a extinção das atividades escolares junto à igreja, mas a população conta que essa interrupção se deu no final da década de 1950, com a implantação da escola municipal Machado de Assis, a cerca de um quilômetro de distância da comunidade, hoje inativa, e da escola estadual Marechal Rondon, que até hoje está em atividade. Com a chegada do ensino público naquelas colônias, o esforço de manter a escola particular já não era necessário.

Com o passar dos anos, aquelas nove famílias de sócios atraíram outras oito famílias e, com o aumento do poder aquisitivo da comunidade e a necessidade de mais espaço, ampliaram o prédio. Da mesma maneira como edificaram o núcleo inicial da igreja: em mutirão. De acordo com as palavras da senhora Elfrida, o prédio seguiu muito semelhante ao primeiro. “Aumentou uma janela de cada lado e a cruz era mais bonita”, disse ela. A referida igreja é apresentada na figura 4.



Figura 4: Escola Doutor Xavier, o segundo prédio. Fonte: acervo pessoal da senhora Ivone Bonow Boeira. Data provável: junho de 1974 (consta ao lado da fotografia)

A senhora Elair Conrad Felbach e sua mãe, senhora Irene Beisdorf Conrad, esposa do falecido senhor Arno Conrad, lembraram de algumas fotos do casamento da sra. Elair. Nelas é possível perceber uma decoração no roda-forro e um fechamento na região do altar (Figuras 5 e 6). Eleonora Patzlaff Hörnke recorda-se com clareza da “cerca” que destacava o altar da região onde sentavam-se aqueles que assistiam os cultos.



Figuras 5 e 6: Isolamento do altar e decoração no roda-forro da igreja [Fonte: acervo pessoal da senhora Elair Conrad]

Àquelas 17 famílias, uniram-se outras quatro<sup>14</sup>, e com elas veio o desejo de uma igreja mais bonita e maior. Neste momento a escola já havia encerrado suas atividades, de

<sup>14</sup> Estes 21 casais de sócios são considerados os fundadores da Comunidade. São eles: Ricardo Henke, Josino Sá Brito, Celina Domingues Sá Brito e Secundino Sá Brito, Otília Schumacher e Francisco Schumacher, Lora Schumacher e Albino Schumacher, Henrique da Silva e Joana da Silva, Elfrida Brahm Storch e Emílio Storch,

modo que a vocação da comunidade passou a ser exclusivamente a religiosidade. Em assembleia, decidiram iniciar as pesquisas para a edificação do novo prédio. Algumas famílias se desligaram da comunidade neste momento, pois acreditavam que os custos para tal obra seriam altos e além de suas possibilidades financeiras.

Três dos homens que permaneceram associados foram, a cavalo, ao Município de São Lourenço do Sul para “ver o feitiço das igrejas”, como contou a senhora Elfrida Bonow. Daquele município vieram, além das ideias arquitetônicas, os pedreiros que se responsabilizaram pela obra. A edificação demorou cerca de um ano para ser finalizada. Os pedreiros lourencianos foram recebidos na casa da família Bonow (Willy e Elfrida), os tijolos foram fabricados pelo senhor Mülling; todos os associados contribuíram financeiramente e, alguns, ainda, com mão-de-obra esporadicamente. A igreja naquele momento tinha a mesma forma que ainda tem hoje, conforme a Figura 7.

---

Alberto Wichboldt, Theodoro Patzlaff e Frieda Stellow Patzlaff, Hilda Rusch e Artur Rusch, Cristina Stocker Grundeman e Carlos Grundemann, Alma Nachtigall Mülling e Arthur Frederico Francisco Mülling, Hilda Rusch e Arthur Rusch, Alice Timm Dallmann e Francisco Dallmann, Hugo Kömmling e Elvira Bartz Kömmling, Gertrudes Holz e Theodoro Holz, Irena Beiersdorf Conrad e Arno Conrad, Ilda Lübke Bosenbecker e Alfredo Bosenbecker, Selma Lübke Bonow e Otto Germano Alberto Bonow, Elzira Jandt Bonow e Reinhardt Bonow e, Elfrida Bonow e Willi Bonow.



Figura 7: Igreja da Comunidade Palmeira. [Fonte: Foto da autora em 05/02/2012]

Em 16 de maio de 1971 o prédio renovado foi inaugurado. Um ano depois, em 14 de maio de 1972, foi inaugurado o sino da igreja e, no dia 11 de setembro de 1999, foi inaugurado o salão de festas da comunidade. O conjunto edificado está ilustrado na Figura 8.



Figura 8: Imagem Panorâmica da Comunidade Palmeira. (Fonte: Fotos da autora em 12/12/2009)

Os entrevistados não sabem precisar o ano de plantio, porém garantem que as palmeiras são posteriores à criação da comunidade. De onde vieram os nomes “Escola Doutor Xavier” e “Comuna Escolar e Religiosa Palmeira”, ninguém sabe dizer. Porém alguns anos depois de terem nominado a comunidade como palmeira, procuraram justificar ou apenas

buscar coerência, com o plantio desta espécie vegetal em frente ao prédio mais importante do conjunto edificado.

De acordo com o pastor Mário Hartwig, responsável pela comunidade desde 2000, existem na colônia de Pelotas e na região, diversas outras comunidades livres semelhantes à Palmeira, embora seja possível identificar algumas pequenas variações nas tradições e costumes dos sócios/membros - Ele é responsável pela pregação em nove destas comunidades (uma no Município do Arroio do Padre – seu local de residência-; duas no Município de Turuçu e seis nas colônias de Pelotas). E, de acordo o pastor, a Comunidade Palmeira é uma das Igrejas que conta com maior número de associados, cerca de 78 famílias, ele calcula. E estes sócios/membros são em sua grande maioria moradores da região, ou seja, das Colônias Osório e Py Crespo, embora algumas famílias atualmente residam na zona urbana do município.

O senhor Gilberto Könzgen, filho de um dos fundadores da Comunidade Palmeira, ao ser questionado sobre a importância que seu pai dava ao fato de ter participado deste processo de instituição da, à época, Comuna, e sobre a responsabilidade que eles, segunda geração, consideram ter, disse:

“Eu acho que pra ele (senhor Marcos Könzgen, fundador) era uma coisa boa, um orgulho, não é assim qualquer coisa... é como se fosse um patrimônio. Ele sempre colaborou com tudo lá, ajudou e até hoje se faz. A comunidade está quase em primeiro lugar, depois da família, como se diz. Como se fosse em casa, é assim: quando precisa, a gente tem que ajudar!”

O desejo de manter o modelo de Igreja proposto pelos fundadores da Comunidade Palmeira é recorrente nos discursos dos seus descendentes, e muitas atitudes ilustram esta vontade, enquanto outras demonstram a capacidade deste grupo em adaptar-se às exigências contemporâneas.

### **1.4.3 Os sócios da Comunidade Palmeira**

Os sócios da comunidade Palmeira, ou membros como preferem ser chamados, têm características comuns marcantes: seguem normas de conduta, em relação à comunidade,

muito claras, algumas inclusive documentadas<sup>15</sup>, e ninguém parece questionar o que tradicionalmente é realizado há décadas. Cada um tem uma função pré-estabelecida. O senhor que toca o sino, a senhora que rega as plantas, o responsável por distribuir os hinários durante o culto, a senhora da decoração, a da limpeza, aquela que faz as cucas, a que faz os bolos, a das saladas, etc. Quando são questionados do porquê, a resposta é recorrente: “por que sempre foi assim”.

Os sócios orgulham-se da comunidade fundada por seus antepassados, pelo modelo desta Igreja, e zelam para que tudo siga como “sempre foi”, embora, como disse Eric Hobsbawm, “qualquer permanência incorpora variações”. Contrariando aquilo que parece ser o desejo dos sócios. E estas variações podem ser percebidas analisando, por exemplo, a aceitação recente de mulheres “mães-solteiras” como sócias da comunidade e os jogos de carta, em um ambiente sagrado, depois do culto festivo.

Na assembleia e na documentação da comunidade, tais como cadernos de presença e livros-caixa, é notável que as mulheres aparentemente ficam à sombra dos maridos quando trata-se de questões administrativas. Na reunião, elas não expõem suas opiniões e não se candidatam aos cargos de coordenação, e, nas referidas documentações, raríssimas são as vezes em que o nome de uma mulher é registrado. Quando alguma delas é a responsável por um pagamento ou figura por alguma solicitação, na grande maioria das vezes, o registro aparece assim: “Viúva do senhor – nome do marido.”; “Esposa do senhor – nome do marido”.

Na sociedade contemporânea, as mulheres buscam pela igualdade dos sexos com muito afinco. Já as mulheres da Comunidade Palmeira, que são a força motriz da instituição, embora figurem em todos os registros, nunca são nomeadas. Nos dias de culto, de batizados, de casamentos e sempre que a igreja é utilizada para uma celebração, as mulheres responsabilizam-se pela prévia decoração com flores e pela posterior limpeza do local. Em dias de festa, elas preparam todos os edifícios que serão utilizados, preparam as saladas para o almoço, as sobremesas e as mais variadas comidas para serem servidas no tradicional café colonial.

---

<sup>15</sup> Desde sua fundação, a Comunidade é regida por um Estatuto Social. O primeiro estatuto da, à época, Comuna Escolar Religiosa Palmeira foi registrado em cartório no dia 19 de fevereiro de 1953, quatro anos após o início das atividades da mesma. Neste estatuto fica evidente a dupla vocação que a instituição pretendia ter: educação e religiosidade, conforme é a tradição nas igrejas luteranas, sejam elas livres ou não (HOCH 1983; KOLLING, 2000 e; SIGNORINI, 2001). No ano de 2006 o estatuto foi revisto e, novamente registrado em cartório. Ambos, de maneira geral, regem as formas de manutenção do modelo de igreja e do corpo edificado da instituição, bem como dispõe sobre os direitos e deveres dos associados e da diretoria da comunidade.

As mulheres cultivam os jardins da comunidade para que sempre se tenham flores para fazerem os arranjos que decorarão a igreja em dias de celebração. Elas representam os maridos nos cultos e nas reuniões quando eles não podem estar presentes, mas não expressam suas opiniões publicamente.

Algumas dessas mulheres trabalham fora de casa, têm seus empregos, estudam ou estudaram, conversam sobre temas diversos, embora o recorrente seja a educação dos filhos, mas jamais se impõem. Elas verbalizam que determinadas coisas são assuntos de homens e não cabe a elas a intromissão. “Sempre foi assim”.

Entretanto, com o avanço da pesquisa, quando se puderam visitar algumas dessas famílias em suas casas, ficou evidente que aquilo que as mulheres dizem ser “coisa de homem” está fora do território da moradia. Naquele espaço, elas são as senhoras, elas são as detentoras da voz ativa. Este assunto será retomado no capítulo III, quando serão estudadas as casas e os sítios de alguns destes sócios.

# CAPÍTULO II

---

## ARQUITETURAS

Como eram construídas e organizadas as propriedades?  
A Arquitetura Centro-Europeia; As Arquiteturas Sul-Riograndenses e A Arquitetura dos  
Imigrantes Centro-Europeus em Solo Brasileiro

Este capítulo traz o repertório que servirá de base para a análise dos sítios apresentados no capítulo seguinte. O objetivo ao cotejar a tradição construtiva centro-europeia e as outras tradições que se desenvolvem na região, é verificar, nos casos que serão estudados, o quanto há de permanência pomerana, o quanto há de outras influências, o quanto isto se mistura, o quanto ao mudar mantém a tradição pomerana, ou cria outras tradições.

### **2.1 A Arquitetura dos Centro-Europeus Em Sua Terra Natal**

#### **2.1.1. Propriedade do Solo e Forma dos Aldeamentos na Europa Central do Século XIX**

Na maior parte dos estados, onde os camponeses eram livres, a propriedade se limitava a uma pequena nesga de terra dentro da aldeia<sup>16</sup>, que nada mais comportava além da

---

<sup>16</sup> “O termo ‘aldeia’ tem um sentido ambíguo. Por um lado significava o pequeno conglomerado urbano onde moravam os agricultores. Por outro, significa o conjunto de terras agrícolas, pastagens e florestas sob jurisdição do conglomerado urbano.” (WEIMER, 2005, 37).

casa, de uma pequena horta e de um pomar (esse conjunto era chamado de *Hof*<sup>17</sup>). O restante (terras agrícolas, pastagens e florestas) era de propriedade comum e explorado de forma comunitária (WEIMER, 2005, p.37).

As terras agrícolas eram divididas em três partes (*Fluren*<sup>18</sup>): a primeira, onde se cultivava o cereal de inverno; outra, onde se cultiva o cereal de verão; e uma terceira parte, que descansava. Cada uma dessas faixas era chamada de *Feld*<sup>19</sup>. E cada camponês tinha direito a uma parcela de cada uma dessas partes.

As comunidades eram formadas pelo agrupamento de casas próximas, porém não geminadas. Cada propriedade tinha, aos fundos, uma horta e, atrás desta, um pomar. Assim, cada aldeia era envolvida por dois anéis concêntricos de vegetação, baixa por dentro e alta por fora (WEIMER, 1992, p.58), conforme pode ser visto no esquema apresentado na figura 9.

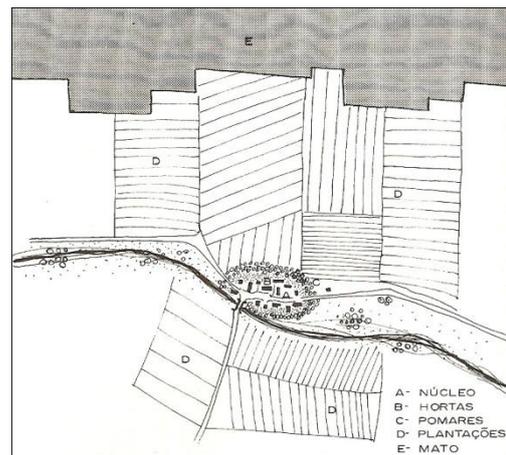


Figura 9: Esquema de uma Aldeia Alemã  
(Fonte: WEIMER, Günter. *A Arquitetura no Rio Grande do Sul*, 1983, p.98)

A respeito da evolução formal dos aldeamentos da Europa Central, Weimer (1992, p.58) diz que a evolução foi extremamente diversificada, variando muito de região para região, além de ter sido amplamente analisada por estudiosos alemães e, assim, gerando uma ampla sistematização e criação de terminologias próprias. Dessa forma, serão apresentados os tipos de evolução que, segundo o supracitado autor, foram de alguma forma reinterpretados no Rio Grande do Sul.

“A forma mais simples de aldeamento é o *Weiler*, que é um conjunto de dois ou três sítios (figuras 10 e 11). Se esse *Weiler* cresce irregularmente, temos uma *Haufendorf* (figura 12), que é a forma mais comum de aldeia no *Hünstück*. Se o *Weiler* se desenvolve ao longo de uma rua, com as casas em ambos os lados, temos a *Strassendorf* (figura 13), comumente encontrada na Vestfália. Quando a rua se alarga no meio da aldeia, formando um logradouro (no seu sentido original quer dizer passagem pública para o gado), temos a *Angerdorf*. Um tipo especial de *Angerdorf* é o *Rundling*, em que a rua dá acesso à aldeia e termina numa devesa (do

<sup>17</sup> Höfe, no singular: Hof. Espaço onde estão implantadas a residência e as benfeitorias e, onde essas conformam pátios de serviço e de lazer. Segundo o dicionário Langenscheidt, a tradução literal é pátio, quintal. (1992, p.405).

<sup>18</sup> Corredores.

<sup>19</sup> Campo.

latim *defensa*, significando terreno cercado). Os sítios cercavam a devesa onde o gado era deixado à noite. **É a forma mais comum de aldeamento a leste do Elba, onde fica a Pomerânia**<sup>20</sup>,

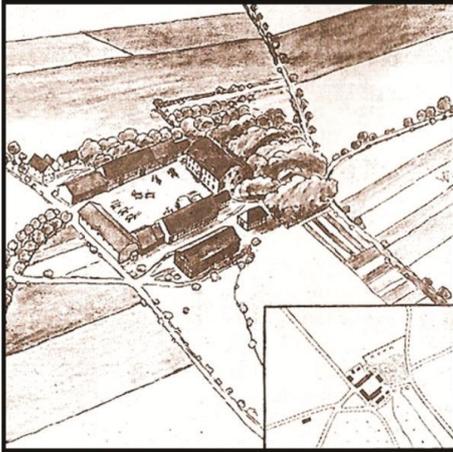


Figura 10: Um “sítio” (Hof) isolado  
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 40)

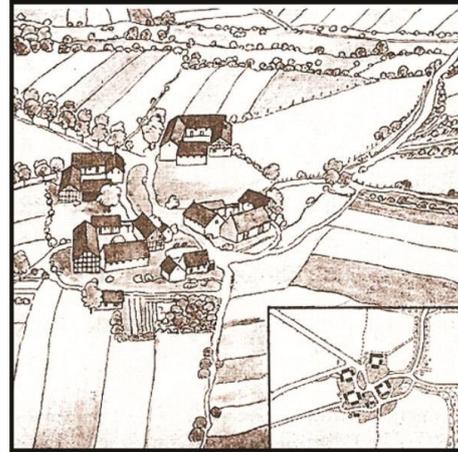


Figura 11: Weiler franco de quatro “sítios”  
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 41)

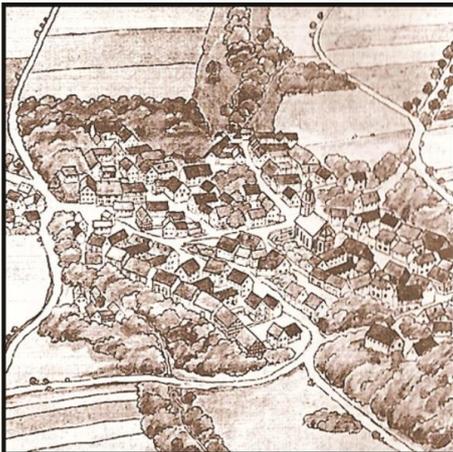


Figura 12: Haufendorf  
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 42)

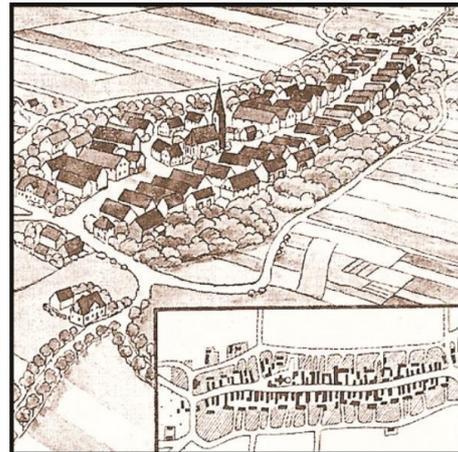


Figura 13: Strassendorf  
(Fonte: WEIMER, Günter. *Arquitetura Popular da Imigração Alemã*. 2005, p. 43)

### 2.1.2 Evolução da Planta Baixa Pomerana

Nessa região da Europa Central, devido à posterior incorporação da área à Polônia, poucos estudos foram realizados e, portanto, poucos dados são encontrados. Segundo Weimer

<sup>20</sup> “Outras formas de aldeamento como o *Punkdorf*, *Hufendorf*, *Zeilendorf*, *Waldhufendorf*, *Marschhufendorf*, *Rundweiler*, etc. não tem interesse neste contexto.” (WEIMER, 2005, 42)

(2005, p.80), nessa região os agricultores não puderam desenvolver uma arquitetura tão exuberante quanto em outras regiões de onde também partiram imigrantes, por causa do regime feudal que persistiu até o início do século XIX. A região foi conquistada pelos saxões provenientes do Schleswig e da Prússia, que foram migrando ao longo da costa do mar báltico e de lá o domínio foi se estendendo para o interior. A penetração foi acompanhada de um processo de miscigenação com os povos eslavos (MOORE, 1967 apud WEIMER, 2005, p.80).

“[...] na Pomerânia se configuravam três faixas de partido-tipo paralelos à costa. Junto ao mar se impôs a Arquitetura baixo-saxã com um partido das casas do norte da Alemanha, as chamadas *Gulfhäuser*, com seus telhados cobertos de palha, de quatro águas, muito agudos e cantos arredondados; pés-direitos muito baixos e, na maior parte das vezes, executadas em alvenaria de pedra, rebocadas e caiadas. A terra era baixa, úmida e salgada. Isso contribuiu também para a pobreza da Arquitetura, na qual a madeira era pouco aplicada, era rara ou tinha de ser trazida de longe. As casas pareciam uma miniatura das grandes construções da costa do Schleswig e mantinham, no topo de seus telhados, duas madeiras cruzadas com esculturas de cabeças de cavalo, pedindo a bênção do deus equino *Wothan*<sup>21</sup>. Mais para o interior, havia florestas que forneciam a madeira para a construção em enxaimel. Na faixa média desenvolveram-se as chamadas ‘casas a leste do Elba’ (*Ostelbische Häuser*). Essas casas eram de duas águas e tinham um esquema de divisão interna semelhante ao das casas baixo-saxãs, com algumas modificações funcionais importantes. Enquanto nestas havia uma continuidade espacial, nas casas do interior da Pomerânia as diversas funções eram separadas por paredes. [...] Na terceira faixa, a mais interior, que se localizava mais a leste, desde a confluência do Neise com o Oder até a Prússia oriental, se impuseram as casas alpendradas (*Vorlauben Häuser*). Elas se caracterizavam por ter o acesso principal implantado ao lado da empena, ao contrário da faixa intermediária, em que ele se encontrava na elevação do frontão. A porta principal abria para o vestíbulo. O nome dessas casas decorre do fato de terem o acesso principal protegido por um alpendre coberto por um telhado de duas águas ortogonais àquelas da construção principal [...]” (WEIMER, 2005, p.80-81)

Baur-Heinhold (1961 apud WEIMER, 2005, p.82) afirma que a origem dos partidos gerais das zonas de influência eslava remonta ao fato de que, entre estes povos, a divisão do espaço unitário foi feita em três partes distintas: residência, cozinha, estábulos. Como o clima dessa região é especialmente rigoroso, houve necessidade de incorporar um elemento intermediário entre o micro clima interno (da casa) e o ambiente externo, que veio a ser o vestíbulo.

---

<sup>21</sup> “Essas cabeças de cavalo em forma de cruz-de-santo-andré eram encontradas em todas as regiões da Baixa Saxônia e, em especial, na Vestfália, onde a penetração de cultos pré-cristãos era especialmente profunda” (ZENDER, 1965 apud WEIMER, 2005, p.80).

Segundo Weimer, muitas destas crenças foram trazidas para o Rio Grande do Sul, como as benzeduras e o curandeirismo. Na Arquitetura, não encontramos cabeças de cavalos cruzadas, mas é frequente encontrar-se ferraduras pregadas nas soleiras ou vergas das portas externas. (2005, p.81).

Na figura 14, podemos visualizar tal evolução através do esquema elaborado por Weimer.

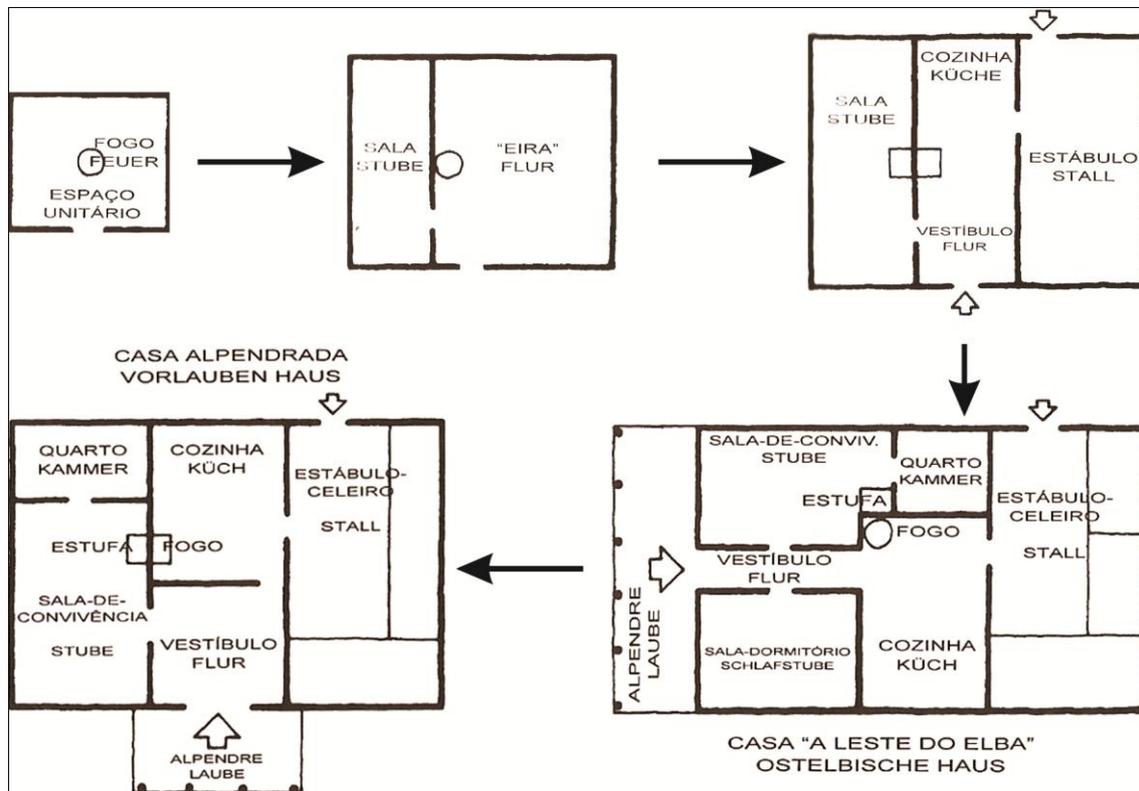


Figura 14: Evolução do partido pomerano (Fonte: WEIMER, 2005, p.80-81)

### 2.1.3 Sistema Construtivo

Weimer (1983, p.99), afirma que desde a mais remota antiguidade existiram construções em madeira na Europa Central. Restos originários da pré-história apresentam plantas redondas ou ovais, com esteios fincados no solo e paredes de taipa (BOTT, 1976 apud WEIMER, 2005, p.64). No começo dos tempos históricos, as plantas tornaram-se retangulares e a técnica construtiva sofreu um considerável progresso quando se conseguiu resolver o problema do apodrecimento da madeira em contato com o solo elevando-se a estrutura de madeira sobre uma fundação de pedra (WEIMER, 1983, p.99). Porém, ao elevar-se a estrutura eliminou-se o problema do apodrecimento da madeira, mas a estrutura perdeu a rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. (WEIMER, 2005, p.64).

## 2.2 Algumas Arquiteturas Sul-Riograndenses

De acordo com Geraldo Mário Rohde, em seu artigo publicado no livro intitulado “A Arquitetura no Rio Grande do Sul” (BERTUSSI et al., 1987, p.203), a nossa experiência cotidiana aponta dois tipos de fenômenos arquitetônicos: um em que o arquiteto profissional (ou outra pessoa ligada ao sistema construtivo) participa; outro no qual não há esta intervenção. Comumente, a primeira é denominada erudita, e a segunda, popular.

Neste estudo, o foco é a arquitetura popular, mais especificamente aquela produzida pelos imigrantes em solo sul-riograndense. A primeira motivação foi a de apresentar um panorama das arquiteturas produzidas pelos diversos grupos que povoaram o estado, porém a crítica feita por Weimer em seu livro “Arquitetura” mostrou-se atual durante a realização deste trabalho. Weimer (2006, p.9) publicou na introdução da quarta edição do referido livro:

Sem fatos históricos não se faz história. Sem obras arquitetônicas não se faz história da arquitetura. Mas para que as obras arquitetônicas sejam transformadas em história da arquitetura é imprescindível o trabalho interpretativo do historiador. E, neste setor, os arquitetos gaúchos não tem tido uma conduta exemplar.

Esta carência de estudos sobre a história da arquitetura sul-riograndense é considerável e apresenta uma lacuna ainda mais evidente quando se trata de arquitetura popular. Deste modo, a pretensão de um panorama amplo foi substituída pela apresentação das arquiteturas produzidas pelos grupos de maior relevância no território pelotense, e sobre as quais foram produzidas pesquisas acadêmicas. De acordo com Grando (1989, p.73. Grifo nosso.), a respeito da colonização do território de Pelotas:

Toda a Serra foi dividida em pequenas propriedades, as picadas multiplicavam-se e nelas o movimento crescia. Estabeleceu-se ali uma corrente de imigrantes, que geralmente não chegavam diretamente da Europa. Eram originários das colônias situadas mais ao norte do Rio Grande do Sul, sendo, **na sua maioria, alemães**. Mas afluíram para lá também, **espanhóis, austríacos, franceses e italianos**, muitas vezes vindos mesmo de outras províncias.

Entretanto, a respeito dos espanhóis e austríacos, nenhuma publicação foi encontrada. Acrescentou-se às etnias citadas por Marinez Grando, os portugueses e os

açorianos, que chegaram ao território anteriormente. E atenção maior foi dada à arquitetura produzida pelos imigrantes pomeranos, vista a origem das famílias objeto deste estudo.

### 2.2.1 Arquitetura de Tradição Luso-Brasileira

Para elaborar esta subseção do capítulo, a principal referência utilizada foi o trabalho do urbanista, historiador e professor Francisco Riopardense de Macedo, publicado no livro anteriormente mencionado “A Arquitetura no Rio Grande do Sul” (BERTUSSI et al., 1987, p.53-94).

No referido artigo, Macedo subdivide a arquitetura produzida pelos portugueses e açorianos, primeiros estrangeiros a chegar ao território que comporia o Rio Grande do Sul, em quatro fases: arquitetura para assegurar a **sobrevivência** (linhas de penetração no território); arquitetura para garantir a **defesa** (fortes e sistemas de fortificação); arquitetura para proporcionar o **abrigo** (quartéis, residências e igrejas) e, por fim, arquitetura para o **trabalho** (estâncias e charqueadas) (Ob. Cit., p.55). Visto que o foco deste trabalho é a arquitetura residencial dos descendentes de pomeranos, esta subseção apresentará a terceira fase sistematizada por Macedo.

De acordo com o autor, os açorianos começaram a chegar à ilha de Santa Catarina a partir de 1747, porém somente em 1752 vieram para o Rio Grande do Sul em função do Tratado de Madri, isto é, para povoar a região missioneira, espanhola, que seria trocada pela Colônia do Sacramento, portuguesa (Ob. Cit. p.66).

#### **Plantas Baixas**

Dois centros surgiram com a chegada destes açorianos: Rio Grande e a península sobre o lago Guaíba, na foz do rio Jacuí. Nas duas localidades, os materiais que dispunham para construir suas casas e o processo rudimentar que utilizaram não resistiram à ação do tempo e as residências rurais mais antigas desapareceram.

Entretanto, embora Macedo não tenha encontrado exemplares rurais, ele descreve estas unidades, pois afirma que a residência rural foi a geratriz da casa-em-fita urbana, cuja

única distinção significativa entre ambas é que a casa rural se desenvolve da frente para os lados e a urbana, da frente para os fundos, obviamente, por conta do tipo de formato de terreno (Ob. Cit. p.67). Segue a descrição da casa açoriana rural feita por Macedo (1987, p.67-68) (Figura 15):

É um retângulo limitado por grossas paredes, que recebe, num dos cantos, o forno, de dimensões avantajadas e que tem no equipamento da cozinha função de destaque. O visitante sempre entrará pelo *meio da casa*, espécie de sala-de-estar, às vezes com piso de madeira e sempre com um tablado ligado à janela principal, onde duas ou três moças ou senhoras sentam-se para olhar a rua, bordar, tagarelar e costurar as peças do vestuário. Pode haver, na parede, ao lado da janela, uma cavidade que se chamará *agulheiro*, caprichoso sistema para guardar a complicada aparelhagem feminina de costurar roupas e fazer arte com linhas e cores. Na mesma peça haverá mesa e, numa das paredes, a *copeira*: cavidade com prateleiras para guardar louças e as mais preciosas lembranças da família [...].

O *meio da casa* é limitado por parede geralmente de madeira. De um lado a cozinha, do outro, o *quarto de camas*, com dimensões reduzidas, quase sempre completado pela *Falsa*, espécie de cama em segundo andar, onde dormem as crianças e para onde o acesso é feito através de esteira e íngreme escada.

A cozinha é semelhante à da casa urbana: forno, lar, trempe e chaminé. Estas chaminés, estreitas, mas com toda a largura do fogão, são coroadas por tijolos que se aproximam deixando, a cada par, espaço livre para a saída da fumaça; são chamadas *chaminés de mãos postas*. Além da “copeira” que, entre nós foi conhecida como cristaleira e *etangèr*, a trempe, no equipamento de cozinha, e mais o arquibanco (arca e banco), o chão de terra batida e o forno esférico, são elementos que participaram da nossa vida evocando o “mobiliário” açoriano.

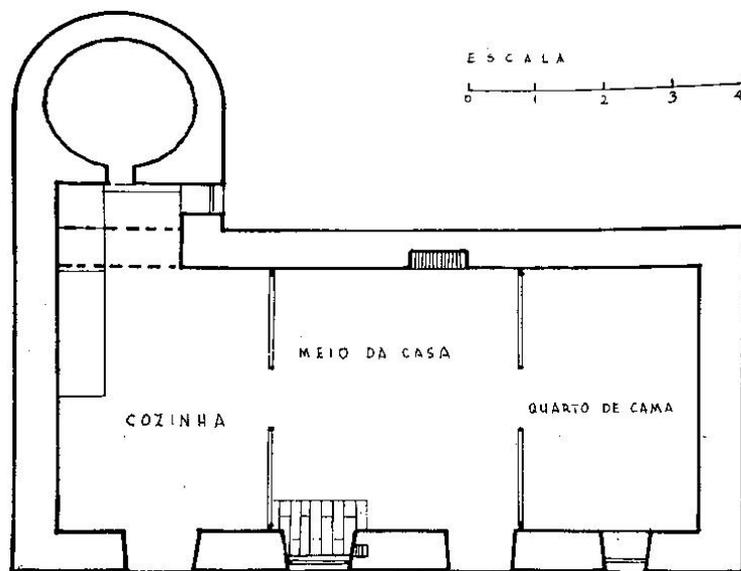


Figura 15: Tipo de casa rural açoriana. Ilha Terceira, Praia da Vitória, Porto Martins  
(Fonte: MACEDO., 1987, p.68)

Ainda de acordo com Macedo, na área urbana a planta se altera. A cozinha deixa de ser alinhada com os demais ambientes e é deslocada para o fundo (Figura 16). Além do aspecto formal, o autor menciona mudanças na forma da utilização da casa que influenciaram

as mudanças que seguiram. Na cozinha, eram feitas as reuniões e os trabalhos domésticos diurnos. As outras duas peças se tornaram áreas de recolhimento, onde os quartos eram protegidos das áreas de circulação pela presença do corredor e, por fim, normalmente apenas um dos quartos apresenta assoalho de madeira (MACEDO, 1987, p.68).

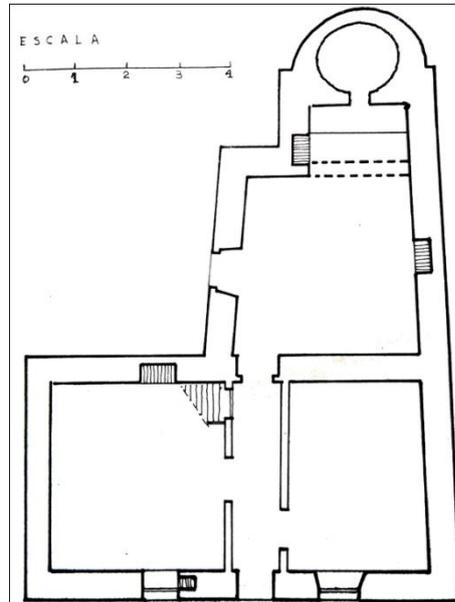


Figura 16: Tipo de casa urbana açoriana. Casa de Manoel de Melo Cardozo. (Fonte: MACEDO., 1987, p.69)

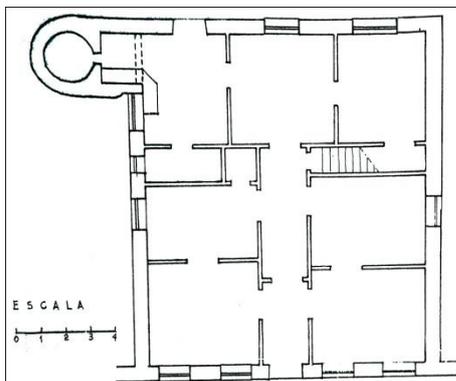


Figura 17: Tipo de casa urbana açoriana em Rio Grande. (Fonte: MACEDO, 1987, p.70)

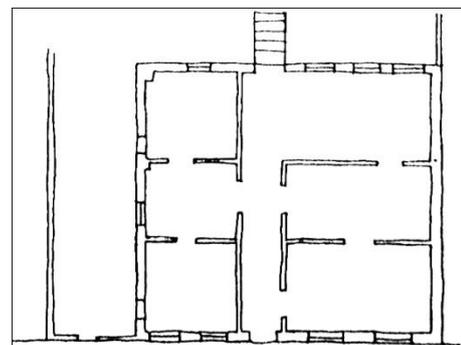


Figura 18: Tipo de casa urbana açoriana em Rio Pardo. (Fonte: MACEDO, 1987, p.70)

Os exemplos apresentados nas figuras 17 e 18, segundo Macedo, ilustram bem o estilo da arquitetura residencial produzida pelos imigrantes açorianos. De acordo com o autor, outras poderiam ser apresentadas, mas poucas seriam as variações. Em suma: a cozinha que se alarga de acordo com as possibilidades financeiras de seus proprietários, podendo chegar a ter o tamanho da largura da casa, recebendo um piso de madeira que serviria às refeições e a estar

da família. Algumas apresentam acesso ao pátio por um corredor lateral, como na casa de Rio Grande (MACEDO, 1987, p. 71).

Algumas casas rurais e urbanas adotaram uma planta um pouco diferente quando os serviços de preparação de alimentos para estocagem (queijo, salmoras, pão, salames e doces) são muito significativos. A cozinha, nestes casos, é maior e construída completamente separada da casa por receio de incêndios

Macedo traz uma citação de Monte Alverne que, naquele época (século XVII), descreveu de forma sucinta e esclarecedora a casa açoriana em solo sul-riograndense: **“um corredor com quartos de um e outro lado terminava numa sala ocupando toda a largura do prédio”** (MONTE ALVERNE apud MACEDO, 1987, p. 71).

Na zona urbana, logo surgiu o que primeiramente foi chamado de *Posturas Policiais* e mais tarde de *Código de Posturas*. Neles, eram encontrados os princípios da construção cujo propósito era garantir abrigo, segurança e certa unidade visual ao espaço urbano que, certas vezes, eram chamados de estética da arquitetura (MACEDO, 1987, p.87).

O exemplo apresentado nas figuras 19 e 20 apresenta o esquema que Macedo afirma ser o recorrente:

um corredor que vai da porta principal até a sala ou à cozinha, tendo os quartos de um e outro lado. Frequentemente este corredor tinha uma porta após o primeiro par de quartos, tornando mais íntimos os outros aposentos e dando maior liberdade aos hóspedes que, usando as duas primeiras peças dispunham de acesso independente da família e saída livre.

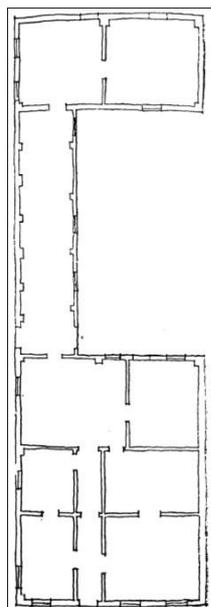


Figura 19: Casa em Rio Pardo. General Osório esquina Oito de Março (BERTUSSI et. al., 1987, p.89).

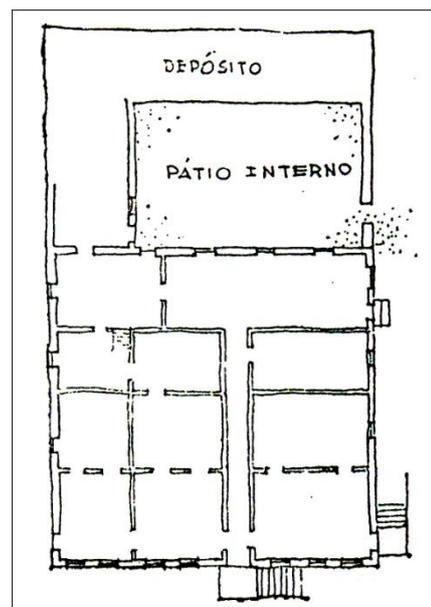


Figura 20: Estância do Aterrado, município de Viamão (BERTUSSI et. al., 1987, p.89).

## Processo Construtivo

Um dos processos construtivos utilizados foi a taipa de barro. Normalmente encontrado nas casas mais antigas ou mais pobres. Macedo (1987, p.91) diz que esta técnica seria uma revivescência do casebre das estâncias, unidade residencial mais pobre. Este processo construtivo relacionaria a cidade com a zona rural pela habitação mais modesta. A dificuldade de conseguir tijolos, bem como o preço destes, levaria as famílias mais pobres a adotar aquele processo.

Já as famílias que possuíam maiores recursos financeiros, utilizavam pedras irregulares nas paredes externas, que costumavam ter mais de 60 centímetros de espessura, e as internas, que variavam entre 12 e 16 centímetros, eram feitas com uma espécie de estuque

Nos sobrados eram utilizadas algumas soluções consideradas *elegantes*. Os umbrais das portas, as vergas e os peitoris das janelas, eram formados de grandes peças de pedra, bem aparelhadas e alisadas, enquanto as paredes de pedra irregular eram rebocadas e caiadas. As paredes internas eram construídas utilizando a técnica do estuque com materiais facilmente encontrados no local de edificação

O sistema estrutural para os telhados mais conhecido e utilizado por nós é o que utiliza tesouras de Paládio ou romanas (Figura 21), e tal sistema chegou até nós através dos açorianos e portugueses

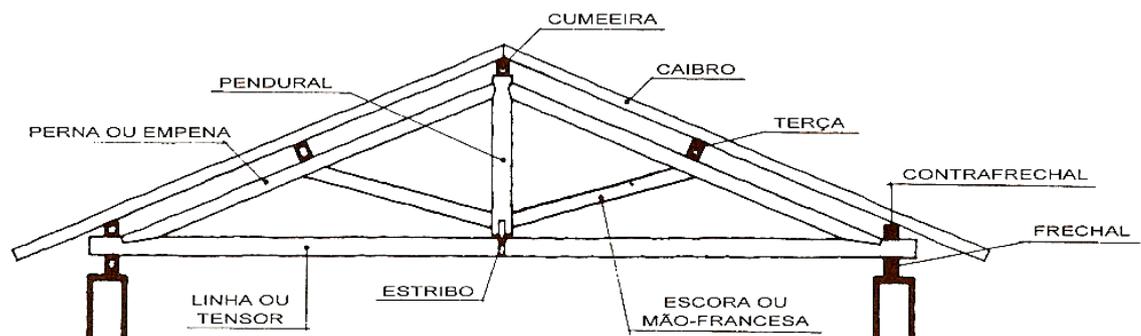


Figura 21: Tesoura romana ou portuguesa (WEIMER, 2005, p.93).

## Elementos da Fachada e Componentes Internos

Juntamente com a evolução da técnica construtiva, os elementos da fachada e os componentes internosevoluíram paralelamente. Surgiram: cunhais nos cantos dos prédios,

pilastras entre as janelas, frisos sob o beiral com ornatos simples, como se fossem estampados – criando novo ritmo nas fachadas (MACEDO, 1987, p.93).

As **janelas** utilizadas eram as de guilhotina, de dimensões reduzidas e geralmente menores ainda no piso superior. Inicialmente tinham vidros pequenos, porém no térreo contavam apenas com um tampo de madeira (Figura 22). Em algumas se encontra um tratamento na parte superior da janela, com desenhos, segundo o autor, belíssimos, que irradiavam de um ponto médio na base da moldura e terminavam em pequenas curvas na parte superior da mesma.



Figura 22: Solar do Almirante Alexandrino, Rio Pardo (MACEDO., 1987, p.86).

O **forro** das residências mais antigas era muito simples, pois ainda não contavam com máquinas para trabalhar a madeira em macho-e-fêmea (Figura 23). Assim, solucionavam sobrepondo parte das tábuas no sistema saia-e-blusa (Figura 24). No caso dos sobrados em que o térreo era utilizado para *depósito* de escravos ou casa comercial, não existia forro e todo o requinte ficava reservado ao andar superior, com remates e frisos mais ou menos trabalhados junto às paredes.

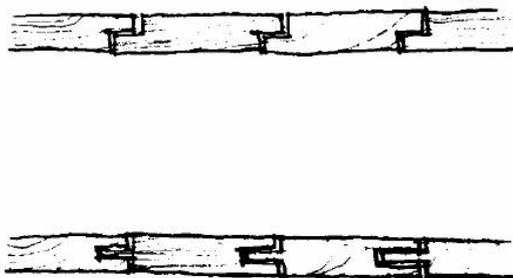


Figura 23: Tabuado Macho e fêmea (IPHAN, 1999, p.21).



Figura 24: Tabuado Saia-e-camisa (ou saia-e-blusa) (IPHAN, 1999, p.22).

### 2.2.2 Arquitetura da Imigração Franco-Italiana

Para elaborar esta subseção do capítulo, foram utilizadas, basicamente, duas referências<sup>22</sup>. Uma geral, o trabalho do arquiteto e pesquisador da UFRGS, Paulo Iroquez Bertussi, publicado no livro organizado por ele, “A Arquitetura no Rio Grande do Sul” (BERTUSSI et al., 1987, p.121-154) e o artigo intitulado “*’La Mèison Beteind’: Uma herança ítalo-francesa na Serra dos Tapes no município de Pelotas*”, publicado nos Anais do IV Seminário Internacional de Memória e Patrimônio da arquiteta e urbanista Margareth Acosta Vieira e do historiador Leandro Ramos Betemps, ambos mestres em Memória Social e Patrimônio Cultural que apresenta a casa da família Betemps, imigrantes franco-italianos na colônia de Pelotas-RS.

A emigração *italiana* para o Brasil se deu por motivos semelhantes aos da emigração alemã. De acordo com De Boni, a *Unificação* acabou sendo apenas um remanejo entre as forças detentoras do poder: o clero perdeu sua autoridade decisória, e a burguesia industrial assumiu o papel de componente principal do novo sistema (DE BONI apud BERTUSSI et. al., 1987, p. 123) e, assim, uma das poucas opções de sobrevivência para aquela população foi emigrar.

No Brasil, a motivação para trazer o contingente imigratório italiano foi a escassez de mão-de-obra (especialmente para as lavouras de café) ocasionada primeiramente pela proibição do tráfico negreiro e pela Lei do Ventre Livre e, por fim, pela abolição da escravatura. No Rio Grande do Sul, as principais motivações eram o povoamento das terras devolutas e a produção de alimentos para as cidades, e ao mesmo tempo o “branqueamento” da raça. Foram criadas colônias com o sistema de abertura de picadas com lotes retangulares ao longo delas, tal qual foi feito para os imigrantes alemães.

---

<sup>22</sup> Sobre este tema ver também: “Panorama da Implantação Urbana e Arquitetônica das Colônias de Imigração Italiana em Santa Catarina” – Dissertação de mestrado de Sílvia Bittencourt Spricigo Vieira apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

## **Lotes Rurais**

O lote rural era composto por casa com cantina, estábulo, chiqueiros, paióis, tanque, latrina, horta, forno, parreiral e roça. Porém, estes componentes eram implantados por etapas, o que fez com que no Brasil a organização espacial tivesse um resultado muito diverso daquela do território franco-italiano. Na Itália, por exemplo, naquela época, encontraríamos a cozinha, a casa de dormir, o estábulo, o paiol e o celeiro numa mesma unidade (BANDELLONI apud BERTUSSI et. al., 1987, p. 125):

O espaço generoso do lote rural levou ao distanciamento necessário entre a casa e outras atividades, cujas características de ordem higiênica ou de segurança tornavam preferível a separação. Assim, a cozinha, local em que tudo terminava por estar coberto pelo negro fumo da fuligem passou a ser um componente em separado da casa de dormir, para onde o colono só se dirigia após a janta. O mesmo aconteceu com os chiqueiros e estábulos os quais levavam consigo o paiol e o celeiro de grãos para os animais.

No trabalho específico sobre a casa da família Betemps em Pelotas, os autores não mencionaram os demais prédios, pois o foco do trabalho foi propriamente a residência. Entretanto, a casa é composta por dois prédios em alvenaria de pedra construídos em diferentes épocas: um destinado à cozinha, e outro, com dois andares, o subsolo destinado à adega e o térreo à sala e aos quartos (VIEIRA & BETEMPS, 2010, p.27).

## **Planta Baixa**

Primeiramente, ao chegar à sua colônia de destino, ou o imigrante recebia pronta ou construía sua pequena casa. Nela eram realizadas todas as funções: comer, dormir, estar. Ao fazer a casa nova, normalmente a cozinha seguia na casa primitiva. Com o tempo, a construção acompanhou a evolução do fogo (fogo de chão – “Focolaro”<sup>23</sup> – fogão de chapa – plataforma de tijolos com chapa de ferro – fogão à lenha – fogão à gás). Na medida em que acontecia essa evolução, a cozinha se aproximava da casa de dormir, até ser incorporada totalmente por ela (BERTUSSI et. al., 1987, p.125).

Primeiramente, com a aproximação da cozinha à casa de dormir, construíram uma cobertura que conferia aspecto singular ao conjunto; mais tarde, a cozinha “grudou” na casa de dormir em forma de meia-água ou de corpo baixo menor.

---

<sup>23</sup> Uma plataforma elevada do chão, tipo caixão raso cheio de terra, ao centro o fogo, mais tarde a plataforma de tijolos provida de coifa e chaminé (BERTUSSI, 1987, p.125).

Após a introdução da cultura da videira, a casa passou a ter mais de um piso e o inferior passou a abrigar a cantina, onde residia toda a função industrial doméstica (vinhos, queijos, salames, copa e toucinho eram produzidos e armazenados).

De planta retangular (Figura 25), normalmente havia grande preocupação no sentido da simetria dos vãos, prevalecendo os cheios sobre os vazios.

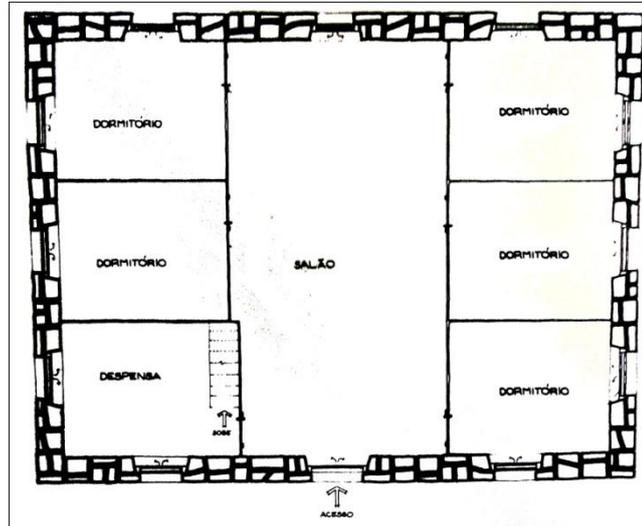


Figura 25: Planta Típica do pavimento da casa de dormir – família Valentini, Nsa. Sra. da Salette, Forqueta, Caxias do Sul (BERTUSSI, 1987, p.138).

Na casa Betemps, em Pelotas – RS (Figura 26), é possível observar o que foi descrito por Bertussi. A cozinha separada da casa de dormir, a adega no piso inferior (não representada na planta esquemática abaixo) e, ainda, uma grande sala com acesso aos quartos. Na casa Betemps ocorre outro fenômeno interessante: o uso de divisórias internas móveis. Desta maneira, era possível recolher essas peças móveis e criar uma grande área social, apropriada para as celebrações familiares (VIEIRA & BETEMPS, 2010, p.37).



Figura 26: Planta baixa Casa Betemps. Colônia Santo Antônio. Pelotas. RS. (VIEIRA & BETEMPS, 2010, p.37).

### **Processo Construtivo**

De acordo com Bertussi, durante um longo período após o início da colonização, uma das principais características era a construção com a mão-e-obra dos próprios colonos, utilizando os materiais que encontravam no sítio em que estavam, devido às condições financeiras limitadas e, somado a isto, às condições precárias das estradas rurais que impediam a compra e o transporte de tijolos e madeiras aparelhadas (BERTUSSI, 1987, p.127).

Sendo assim, os materiais mais utilizados foram o basalto e a madeira. E, em alguns exemplares, os pregos foram substituídos por pinos, e as dobradiças, por couro. As pedras maiores eram utilizadas no alicerce e, depois de algumas fiadas, as paredes cresciam duplas e, entre as pedras, era inserida uma espécie de argamassa de terra vermelha e água previamente pisoteada (Loc. Cit.).

Para garantir estabilidade às paredes, os vãos das portas e janelas eram providos de grossos marcos, confeccionados em madeira lascada a machado, malho e cunha. Bertussi afirma que o imigrante dominava a pedra, porém o mesmo não acontecia com a madeira. Sendo possível perceber isso analisando as peças de dimensionamento exagerado no barroteamento dos pisos.

Com o passar do tempo, profissionais especializados foram inseridos na construção e as pedras “in natura” foram substituídas por pedras aparelhadas com tal maestria que foi possível eliminar as juntas com argamassa. Devido à abundância de madeira em algumas regiões de imigração, esta não deixou de ser utilizada e é recorrente encontrar casas de técnica mista pedra/madeira. Por fim, o tijolo cerâmico também passou a ser utilizado. Frequentemente eles eram feitos no próprio sítio, à mão, e queimados em fornos improvisados. E, pela segurança que esta técnica oferecia, foi ela que possibilitou unir a cozinha à casa de dormir.

### 2.2.3 Arquitetura da Imigração Pomerana

Muitos autores escreveram a respeito da casa do imigrante alemão. Segundo Roche (1969, p.198), quase todos os viajantes que por aqui passaram<sup>24</sup> descreveram a casa do teuto-gaúcho, porém essas descrições eram mais pitorescas que exatas; mais comoventes que metódicas. Também segundo Roche, outros autores, geógrafos ou sociólogos<sup>25</sup>, salientaram as relações existentes entre as condições naturais ou o “status” do colono e sua habitação; a descrição, porém, do tipo médio da casa teuto-brasileira à qual chegaram não analisa nem a particularidade de certos caracteres, nem a justaposição de tipos diferentes.

Weimer (2005, p.198-239) apresenta alguns dos tipos de arquitetura produzidos pelos diferentes grupos centro-europeus que ingressaram em território sul-riograndense. Neste trabalho será apresentada aquela produzida pelos pomeranos em Santa Cruz do Sul, sistematizados por esse autor no livro “Arquitetura Popular da Imigração Alemã”.

A fim de não estender este capítulo mais do que o desejável, optou-se por selecionar, entre os sítios apresentados por Weimer, aquele que utilizou alvenaria e cuja cozinha estava integrada à “casa de dormir”, ou seja, o sítio Gressler. Esta opção se deu devido a dois fatores. O primeiro apresentado por Weimer, quando diz que na região de maioria pomerana, o enxaimel é menos freqüente (bem como não utilizaram o enxaimel os descendentes de pomeranos estudados neste trabalho); o segundo está ligado ao objeto desta pesquisa. Nos sítios estudados, a residência é um prédio único, com a cozinha integrada.

#### O Sítio

Os primeiros imigrantes que aqui chegaram receberam uma propriedade de 160.000 braças quadradas de terra, ou o equivalente a 77 hectares. Com a Lei Provincial de quatro de dezembro de 1851, o Presidente da Província mandou cadastrar lotes de 100.000 braças quadradas, 48 hectares e, mais tarde, com a transferência da responsabilidade de colonização para a iniciativa privada, os lotes foram reduzidos para uma média de 25 hectares, oscilando entre 15 ha e 35 ha, no máximo (ROCHE, p. 95, 102, 136).

<sup>24</sup> Alguns viajantes: Avé-Lallemant; Gerstacker; Tschudi; Canstatt; Zoeller; Grimm; Iering; Colin; Ross; Koehler e Kahle (ROCHE, 1969, p.239).

<sup>25</sup> Portzelt; Bauer; Waibel; Moraes; Prunes; Corona; Schidrowitz e; Willems.

A respeito da divisão dos lotes, Weimer (2005, p.342) apresenta uma descrição muito elucidativa. Praticamente todos os sítios,

“[...] conservam um pedaço de mato no local mais íngreme ou nos fundos do lote. Quando perguntávamos da razão da sua existência, respondiam-nos que era por tradição ou nos diziam: Donde já se viu uma terra sem mato! [...] Nada se extrai dele, atualmente. Trata-se, portanto, de um elemento disfuncional dentro da propriedade.

Com o potreiro acontece o contrário. Todo o colono possui, pelo menos, algumas cabeças de gado que necessitam de uma área gramada para pastar. Para tanto, o agricultor dispõe entre 10% e 24% de área de suas propriedades, o que corresponde de 11% a 28% da terra cultivada. A característica desses potreiros é que eles sempre se encontram junto à sede da propriedade, o que é perfeitamente justificável porque o gado necessita ser tratado, no estábulo, de manhã e à noite, quando as vacas são ordenhadas.

O resto da terra é ocupado pela agricultura, salvo um pequeno trecho de dimensões não plenamente definíveis, no qual está implantada a sede da propriedade – residência, benfeitorias, jardim, pomar e horta – cuja área se situa em torno de meio hectare. [...]”

Essa descrição foi representada num esquema, elaborado pelo mesmo autor, conforme pode ser observado na figura 27 a seguir.

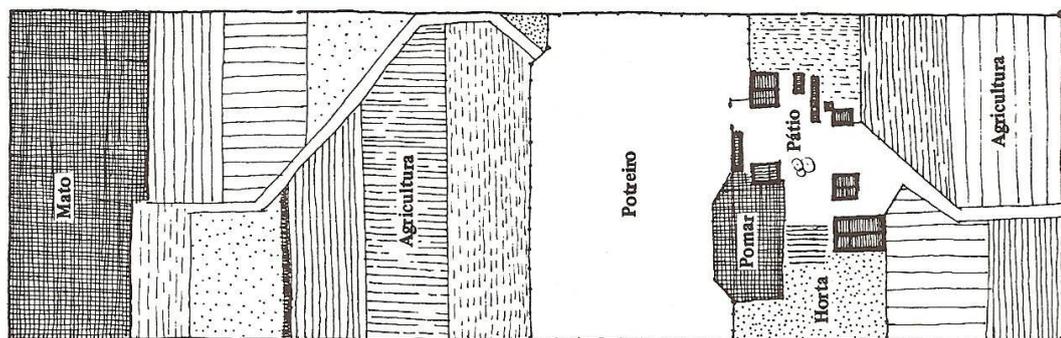


Figura 27: Esquema de um “sítio” teuto-brasileiro. Fonte: WEIMER, 2005, p.341

No sítio Gressler há as seguintes benfeitorias ao redor da casa: uma cisterna, um forno de pão, um secador de tabaco, um paiol simples, outro com avarandado para abrigo da carroça, e um terceiro com avarandado para abrigo da carroça e apetrechos de agricultura, uma construção para funções múltiplas, um galinheiro, um chiqueiro e um curral (Figura28).

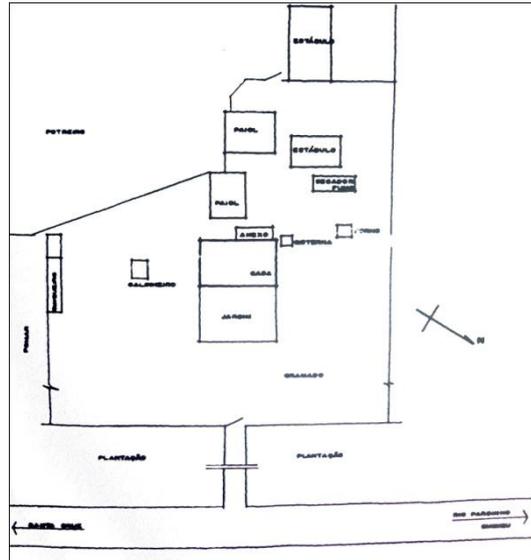


Figura 28: Sítio Gressler, situação. Fonte: WEIMER, 2005, p.233.

## A Planta Baixa

A casa Gressler tem uma sala de convivência central ladeada por dois quartos, com uma cozinha em forma de puxado sobre a empena posterior, com uma cozinha-comedor e um quarto (Figura 29):

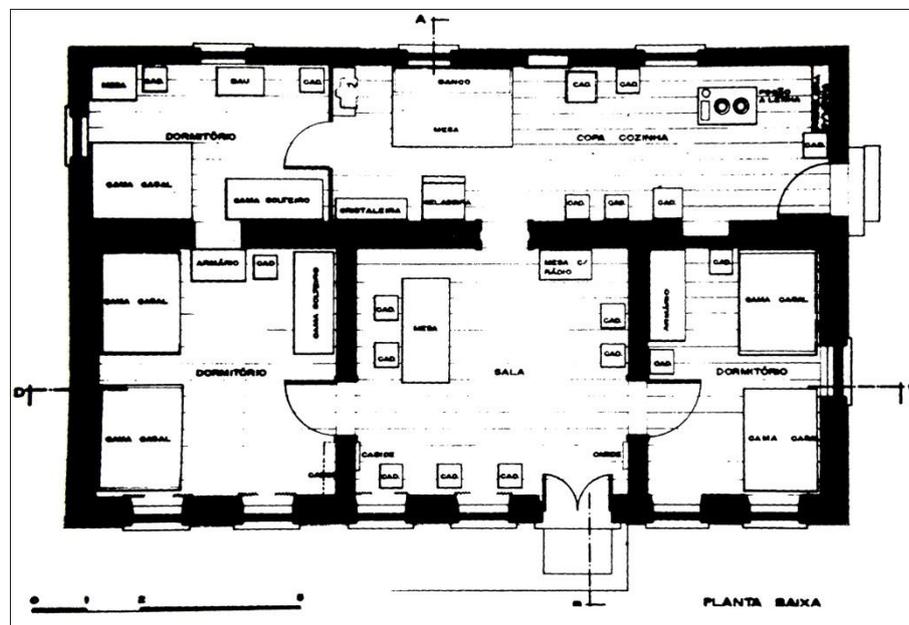


Figura 29: Sítio Gressler, planta baixa. Fonte: WEIMER, 2005, p.233.

## Processo Construtivo

Todos os partidos arquitetônicos estudados por Weimer (2005, p.92), incluindo o partido pomerano, foco deste trabalho, originaram-se de um espaço único. Desta forma, estruturalmente, as paredes periféricas sustentavam o telhado. Caso necessário, essa estrutura podia ser complementada por pilares internos, mas as paredes internas foram sendo agregadas ao longo do tempo.

Nas coberturas, os imigrantes que aqui chegaram utilizaram estruturas cujos detalhes recebiam muita atenção (Figura 30)

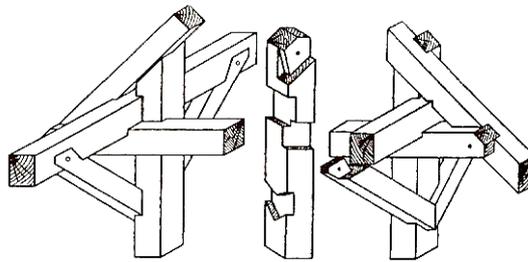


Figura 30: O esmero nos encaixes nas estruturas centro-européias (WARTH, 1995 apud WEIMER, 2005, p.93).

Eram essas estruturas: a) A alemânica (figura 31), que se baseava num sistema estrutural de terças (*Pfettendach*) onde as cargas eram transmitidas, longitudinalmente, aos frontões pelas terças e, transversalmente, às paredes, pelos caibros. (THIEDE, 1963; KLÖCKNER, 1974 e; *Brockhaus Encyklopädie* apud WEIMER, 2005, p.92-96); b) A estrutura franca (figura 32), onde o sistema era de caibros (*Sparrendach*). Nesses não apareciam terças, cumeeiras nem contrafrechais. Os caibros, à maneira das empenas ou pernas das tesouras, encaixavam-se na extremidade inferior, nos barrotes do forro (*Dachbalken*) e, na extremidade superior, apoiavam-se uns nos outros aos pares. O barrote e os caibros formavam um triângulo rígido. Esses triângulos, colocados a uma distância de cerca de 80cm, eram contraventados longitudinalmente, por sarrafos (*Windrespen* ou *Windbretter*) inclinados, que eram pregados sob os caibros. Nessas estruturas, as cargas eram transmitidas apenas às paredes (KLÖCKNER, 1974 e; THIEDE, 1963 apud WEIMER, 2005, p.96-99); e, por fim, c) As estruturas saxãs (figura 33), que nada mais eram que uma variante do telhado de caibros, nas assim chamadas casas-pavilhão (*Hallenhäuser*). Nelas era usada a estrutura de dois pilares (*Zweiständergerüst*, *Zweiständerbau* ou *Zweisäulengerüst*). Aí a construção se dividia em três galerias, à semelhança das três naves de uma catedral gótica, com a nave central mais alta que

as laterais (GEBHARD, 1979; KLÖCKNER, 1974; SCHPERS, 1965 e; THIEDE, 1963 apud WEIMER, 2005, p.96-99).

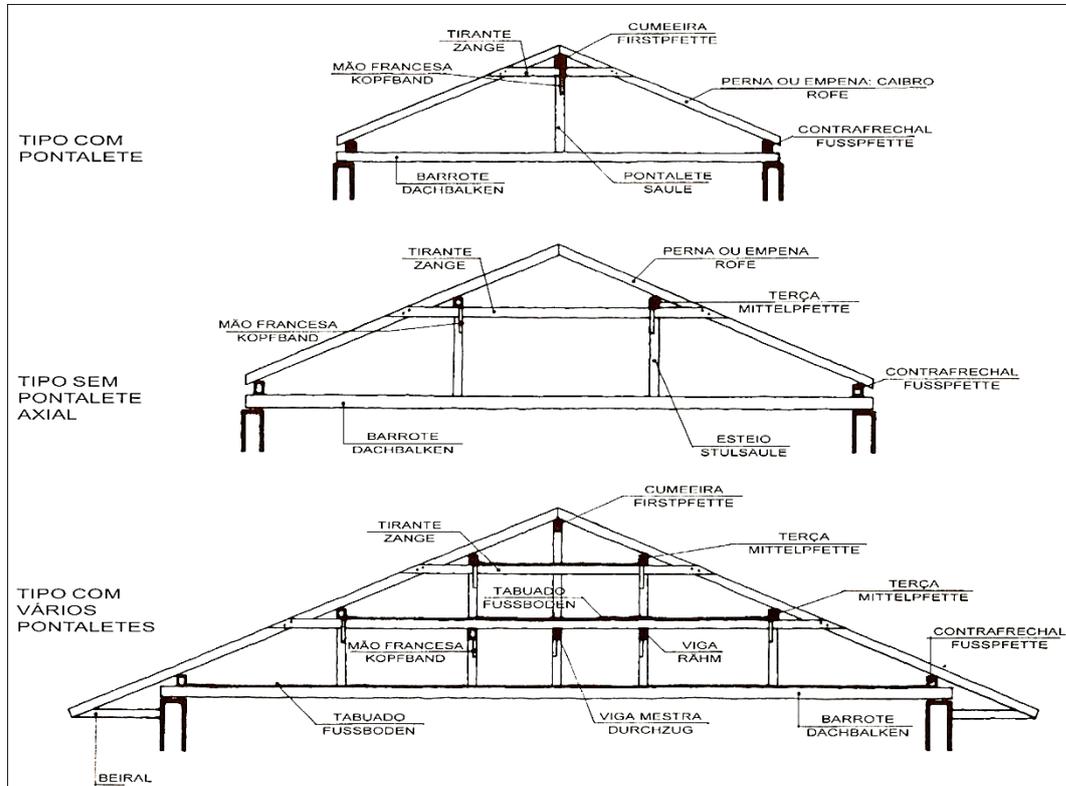


Figura 31: Principais tipos de telhados “de terças” (WEIMER, 2005, p.93).

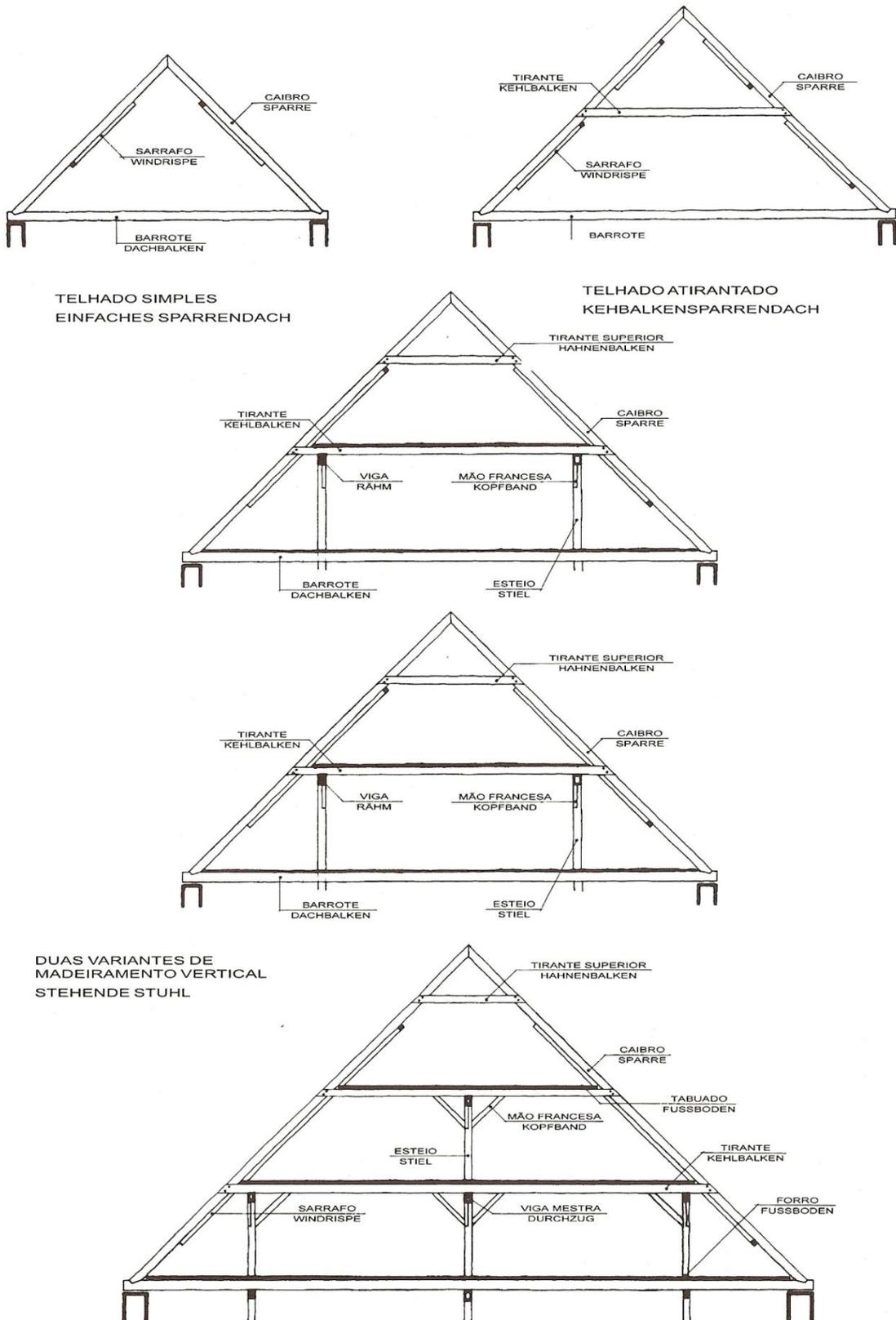


Figura 32: Principais tipos de telhados “de caibros” (WEIMER, 2005, p.97).

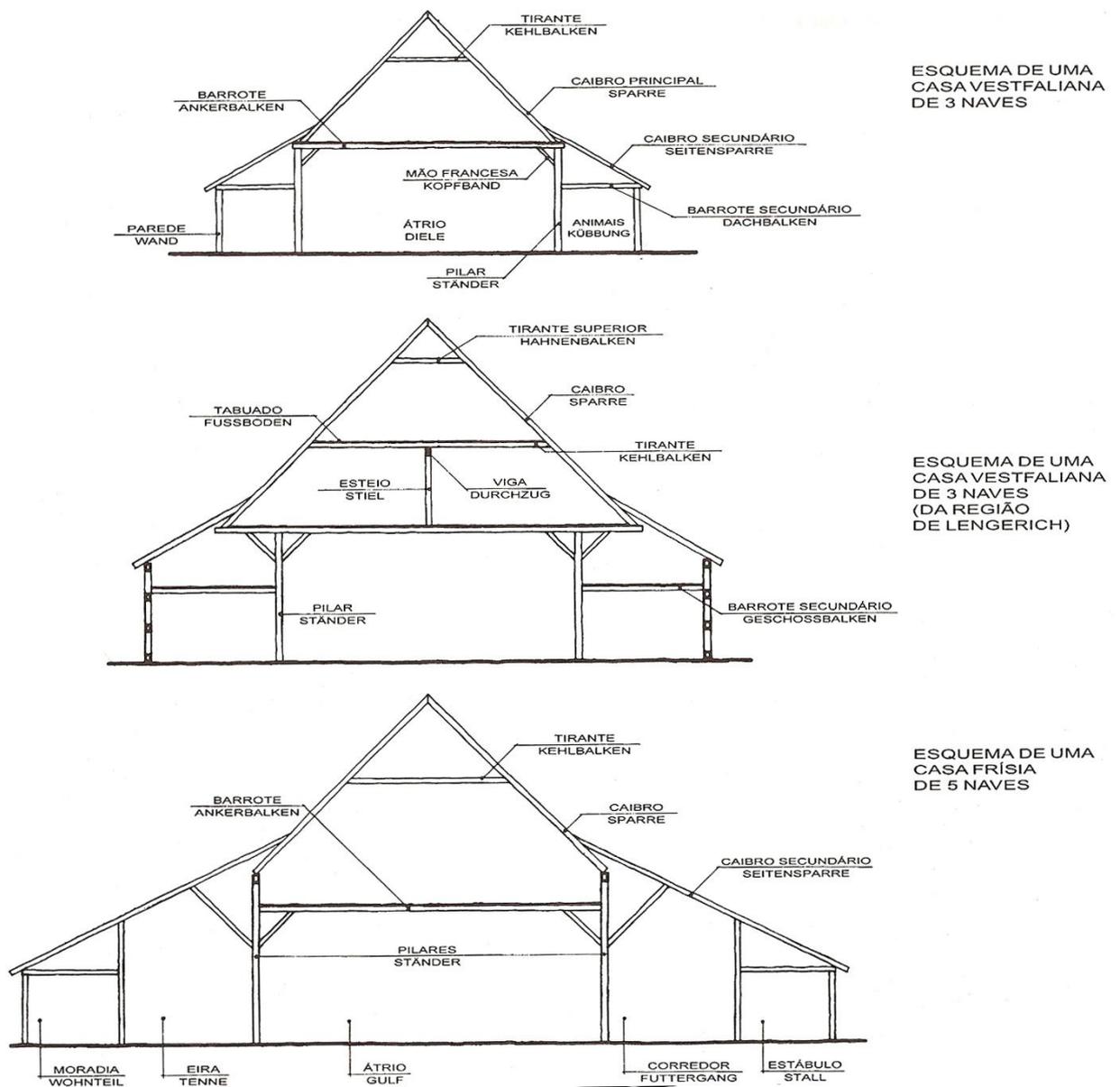


Figura 33: Principais tipos de telhados “de dois pilares” (WEIMER, 2005, p.100).

A casa Gressler apresenta paredes de alvenaria de pedra grés revestidas, em ambos os lados, com argamassa de cal e areia. As paredes externas têm uma espessura de 50cm, e as internas, de 35cm. Um dos quartos, ao lado da cozinha, é separado desta por um tabuado de madeira. O sistema estrutural do telhado utilizado foi o de caibros e o forro era do tipo saia-e-camisa (WEIMER, 2005, p. 236 e 237).

## CAPÍTULO III

---

### **OBJETO DE ESTUDO – AS PROPRIEDADES DOS DESCENDETES DE POMERANOS NA SERRA DOS TAPES**

Como construíram e se organizaram, em solo pelotense, os descendentes dos imigrantes pomeranos?

Esta seção do trabalho concentra os estudos de caso. Nela são apresentados os levantamentos feitos nos cinco sítios estudados. Cada propriedade é analisada de forma isolada e, em cada uma delas, são apresentados: um histórico da família e da propriedade; a organização do sítio como um todo; a organização do pátio (ou *Hof*); a distribuição das funções em planta baixa na residência; e os sistemas construtivos. Quando possível, o sistema estrutural foi analisado na própria residência, em casos contrários, analisou-se o sistema estrutural dos galpões a fim de fazer analogias.

As propriedades analisadas pertencem às seguintes famílias: Patzlaff, Könzgen, Holz, Mülling e Schumacher. A ordem escolhida para a apresentação não tem relação com nenhum fator exceto a ordem de elaboração do levantamento em campo. Além delas, ao final do capítulo são apresentadas algumas fotografias das fachadas de outras propriedades de fundadores da comunidade que foram excluídos do estudo por motivos diversos já apresentados.

### 3.1 Família Patzlaff



Figura 34: Planta de Situação da Propriedade Patzlaff.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho sobre base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

De acordo com dois dos filhos do senhor Theodoro Patzlaff e da senhora Frieda Strelow Patzlaff (os primeiros proprietários do sítio), Joaquim Patzlaff e Eleonora Patzlaff Hörnke, neste período, os colonos tinham como tradição entregar a herança no momento em que os jovens estavam iniciando suas vidas adultas e não somente no final da vida, como estamos habituados. Assim, o pai de Theodoro comprou uma “colônia de terra” para cada um dos jovens filhos homens e repassou a responsabilidade de que estes pagassem o valor equivalente ao terreno às irmãs. Tendo recebido o lote, estes jovens ficaram responsáveis por edificar as benfeitorias e a residência para que pudessem iniciar a produção agrícola.

Desta maneira, diferentemente do mais tradicional: a aquisição do terreno e edificação da residência quando o casal fica noivo; para a família Patzlaff, a sequência de acontecimentos foi diferente. Como Theodoro recebeu o terreno de seu pai e mudou-se para o local para edificar a casa ainda quando era solteiro, a edificação deste sítio foi responsável pelo casamento dos patriarcas e pela consecutiva constituição da família, que se conheceram neste período. O que traz uma dose de poesia para este estudo.

No ano de 1938 o terreno (Figura 34) foi adquirido e, em 1940, Theodoro, um de seus irmãos e alguns construtores contratados na, à época, colônia pelotense do Arroio do Padre, passaram a residir em um alojamento provisório no próprio terreno, em virtude da distância entre sua colônia de origem e a colônia Py Crespo, onde se localiza o sítio. Por ocasião de uma festa na vizinhança, Theodoro e Frieda se conheceram, namoraram, noivaram, apressaram a edificação da residência definitiva e, no ano de 1941, três anos após a aquisição do lote, um ano após o início da construção, casaram e foram morar na propriedade em estudo.

Segundo Ida Strelow de Castro, irmã de Frieda, o material utilizado (tijolos, madeira, telhas etc.) foi todo trazido do Arroio do Padre. Segundo ela, a localidade onde o sítio foi implantado era “um conjunto de campos cortados por uma estrada”, a Estrada da Santa Silvana, ainda em fase de consolidação. A pequena concentração de mata nativa do local era composta por árvores cuja madeira não era “boa para a construção”.

De acordo com os depoimentos de grande parte dos interlocutores que contribuíram para esta pesquisa, as colônias de Pelotas tiveram o seu período econômico mais promissor enquanto as indústrias de conservas e compotas atuavam na região. No referido período a agricultura era diversificada e provia o sustento das famílias de forma digna. Depois do encerramento das atividades destas empresas, cada família teve de buscar formas alternativas à policultura para a sobrevivência.

A família Patzlaff, em questão, durante o período de atuação destas indústrias, plantava principalmente aspargos. Após, passaram a criar gado leiteiro, atividade que Joaquim Patzlaff, filho dos responsáveis pela edificação do sítio, mantém até os dias atuais.

### 3.1.1 Organização das Funções no Sítio

Na propriedade Patzlaff, conforme se pode observar na Figura 35, destaca-se uma área considerável de terras improdutivas. Deve-se isto ao acentuado desnível e grande concentração de pedras naquelas zonas. De acordo com o testemunho de dona Ida Strelow de Castro, a construção da casa foi iniciada na região entre a sanga e a mata ciliar, por ser o terreno com maior facilidade para capturar água potável. Entretanto, a distância à estrada principal fez com que mudassem a ideia inicial.

Assim, a casa, juntamente com as benfeitorias, foi edificada na área indicada na Figura 35, na região indicada como *Hof*, conforme dito anteriormente, o conjunto de pátios. O pomar e o potreiro ficam diretamente próximos ao sítio. A horta, embora não unida ao *Hof*, também fica a uma distância curta dele. Esta proximidade é atribuída ao fato de que as atividades domésticas dependem das frutas e das hortaliças frescas, retiradas dali. O potreiro fica numa região estratégica em relação ao sítio a fim de dificultar o roubo dos animais, bem como facilitar o cuidado com os mesmos. Próximo ao potreiro e à divisa com as terras do vizinho a leste localiza-se o poço que, com uma bomba elétrica, envia água para o abastecimento do sítio.

O pomar novo foi idealizado e cultivado por Theodoro Patzlaff na última década da sua vida. Com as dificuldades motoras que a avançada idade lhe trouxe, a agricultura tornou-se impraticável, porém, como para ele era impensável deixar de trabalhar, substituiu o cultivo em grande escala pelo cuidado de árvores frutíferas próximas à residência. Da mesma forma, o chiqueiro foi desativado, pois a criação de porcos, animais pesados, foi substituída pela criação de aves no pátio do sítio.



Figura 35: Planta de Implantação da Propriedade Patzlaff.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Patzlaff. 2009).

### 3.1.2 O *Hof* (pátio)

Em um local mais elevado do lote em relação aos fundos, está implantada a residência. Da estrada, é possível visualizar o sítio, e, da residência, os pátios, uma parte do potreiro, o pomar antigo e as plantações próximas à estrada

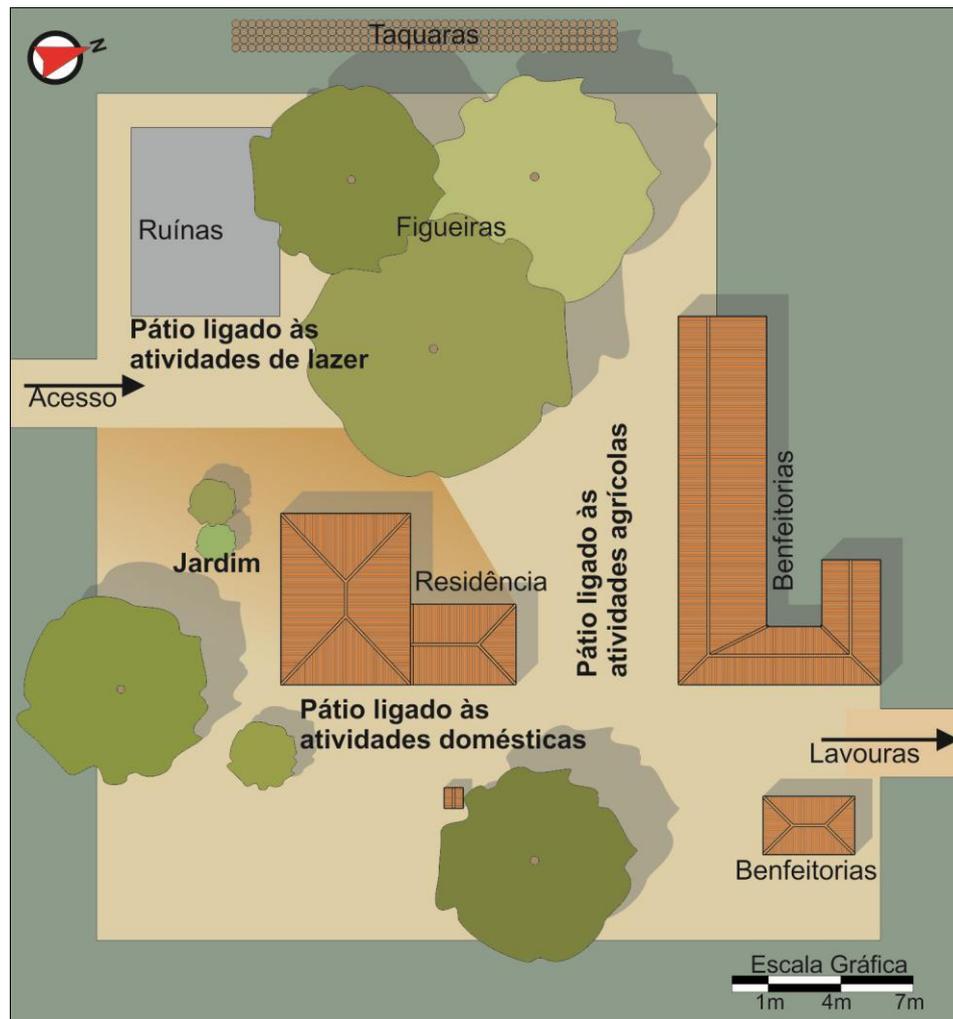


Figura 36: Planta de Implantação da Propriedade Patzlaff, área doméstica e de benfeitorias. (Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Patzlaff. 2009).

Na Figura 36 está representado o *Hof* Patzlaff. O prédio maior das benfeitorias, em formato de letra “J” invertida, atualmente é todo construído em madeira, e subdividido internamente. Ele abriga a garagem, as cocheiras, o resfriador de leite, os depósitos e o chiqueiro. Este prédio sofreu inúmeros reparos ao longo dos anos, como a substituição das madeiras ruins do fechamento e da estrutura, o remanejamento das subdivisões internas, conforme as necessidades, e a demolição da parte construída em alvenaria e posterior substituição por estrutura e vedação em madeira. Segundo Ida Strelow de Castro, a parte que hoje serve de cocheiras, serviu de abrigo a Theodoro Patzlaff e seus colaboradores na edificação da residência. O depósito deste complexo (a parte inferior na Figura, o braço menor) desabou há alguns anos. Esta parte foi toda construída em alvenaria de tijolos de barro com argamassa de barro. Os tijolos provieram da olaria que funcionou na propriedade durante alguns anos.

Joaquim e Eleonora disseram que a olaria era de seu pai, Theodoro. Porém Ida Strelow de Castro afirmou que a olaria fora de seu irmão Reinaldo Strelow, que morou durante alguns anos na propriedade, à época em que a olaria funcionava; porém, com o término da atividade, mudou-se e, posteriormente, na década de 80 até o seu falecimento em 1993, voltou a residir na propriedade. O forno e o galpão, que comporta o galinheiro e o defumador, também foram construídos em alvenaria.

O conjunto edificado forma pátios que assumem funções específicas conforme sua localização. Sob a sombra das figueiras, próximo à residência, realizam-se alguns encontros da família. Com mais frequência em tempos idos do que atualmente.

O pátio doméstico atende às demandas da casa. Nele se corta a lenha e se matam as aves; nele está o forno onde eram assados os pães, as cucas, os bolos, as carnes que precisavam ser armazenadas, antes da chegada da luz elétrica<sup>26</sup> e do refrigerador, já pré-assadas dentro da banha de porco. Hoje contam com um forno elétrico e este, à lenha, está desativado. E, sob a sombra da figueira deste pátio, eram feitas as *Schmier*<sup>27</sup>, em tachos dispostos sobre o fogo de chão, e eram lavadas as roupas, em um tanque sem encanamento. Para a secagem dessas roupas não existem varais específicos, as mesmas eram deixadas sobre os arames das cercas que separam as lavouras do potreiro e do pátio, o *Hof*.

No pátio agrícola eram realizadas as atividades relacionadas à produção, tais como a extinta classificação do aspargo para o posterior envio às fábricas, ou o, ainda realizado, descascamento do feijão.

O jardim sempre foi um espaço pouco utilizado. Cultivado principalmente para a contemplação por parte das visitas que esporadicamente surgiam/surgem.

Por fim, o maciço de taquaras serve para barrar os ventos que vêm daquela direção. Um descampado onde está o potreiro.

### 3.1.3 Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

A residência passou por algumas alterações desde a sua construção até os dias atuais. Primeiramente, na década de 40, ela tinha o avarandado, a sala de estar e os dois quartos que estão diretamente ao lado dela, exatamente como nos dias atuais (um quarto era o dormitório

<sup>26</sup> Segundo informações passadas por Joaquim Patzlaff, a energia elétrica só chegou àquela região no início da década de 70, durante a gestão do Prefeito Municipal Ari Alcântara.

<sup>27</sup> Tradicional doce de frutas alemão. Feito de acordo com a fruta da época

do casal e outro era um quarto de hóspedes), uma cozinha e uma sala de jantar. A sala de jantar passou a abrigar, posteriormente, um dormitório, porém com dimensão diferenciada.

Com o nascimento dos filhos, tendo meninos e meninas, foi necessário reorganizar a casa a fim de separar os filhos nos dormitórios de acordo com o gênero. Assim, a divisória entre a cozinha e a sala de jantar foi retirada, e foi construída outra parede, transformando a cozinha e a sala de jantar num espaço integrado e criando um dormitório ao lado destes.

Já desta época são contadas histórias envolvendo a casa, sempre referenciando o uso constante da cozinha como local de convívio da família e a sala de estar apenas servindo para recepcionar visitas externas.

Deste modo, conforme já foi mencionado anteriormente, no final da década de 60, já com os sete filhos nascidos e alguns já crescidos, sentiram a necessidade de ampliar a cozinha e construir um banheiro, conforme pode ser visto na Figura 37:

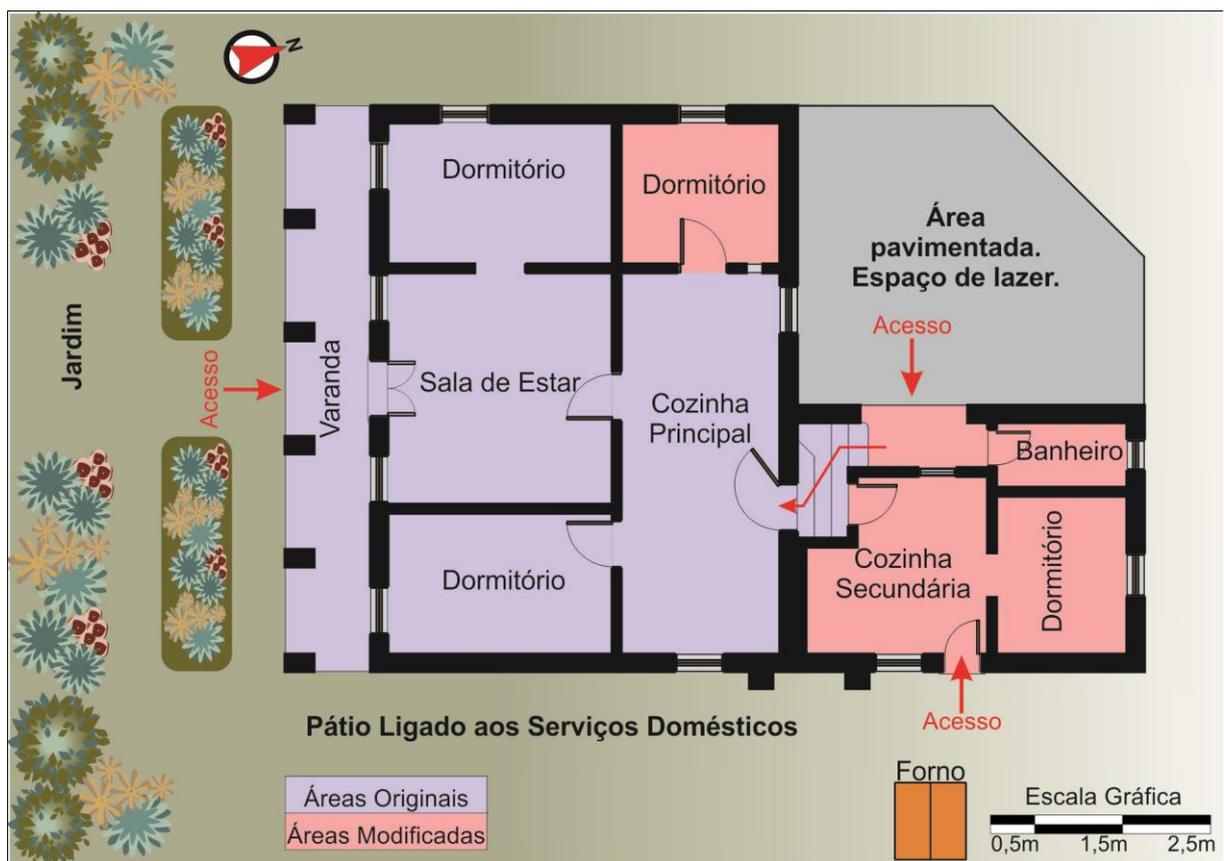


Figura 37: Planta Baixa da Propriedade Patzlaff.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2009).

Antes da construção desta ampliação, havia, no local onde esta foi edificada, um telheiro sob o qual ficava o forno à lenha, uma tina que era utilizada para a higiene pessoal e

um pequeno galpão fechado, onde armazenavam os alimentos que eram colhidos e seriam consumidos pela casa, tais como batata, feijão, entre outros.

Perguntados sobre como era feita a higiene pessoal, as lembranças divergiram de acordo com o gênero do entrevistado. Joaquim lembrou de tomar um banho semanal na sanga próxima, já Eleonora lembrou-se de tomar banho na tina sob o telheiro e, devido a esta aparente dificuldade, na cozinha, sob um banco próximo ao fogão à lenha, existia uma gamela para lavarem os pés e uma bacia para lavarem as mãos e o rosto, semelhantemente com o que Weimer descreve em diversas casas de imigrantes gaúchos, chamando, em alemão, de *Waschenbank*<sup>28</sup> (2005, 166 ; 274; 277).

Porém, a cozinha, edificada na década de 60, nunca foi efetivamente utilizada, pois, no momento da conclusão das obras, os filhos iniciaram o processo de abandonar a casa dos pais, ou em razão da constituição da nova família ou ainda para estudar na zona urbana. Desta forma, a cozinha secundária (conforme denominada na Figura 37), passou a ser utilizada como despensa e, eventualmente, como o local onde se faziam compotas de frutas, conservas de hortaliças e onde eram limpos os porcos que eram mortos periodicamente e se faziam as lingüiças, os queijos de porco, os patês, as morcelas e todos os seus diversos derivados.

Outro elemento interessante presente na residência Patzlaff é uma pequena “janela”, presente na parede que divide o dormitório da cozinha (Figura 38). As histórias que são contadas trazem aquele elemento como “o local para colocar o rádio”; porém, Baur-Heinhold diz que, na Vestfália, a *Diele*<sup>29</sup> era de domínio da esposa do agricultor que passava o dia supervisionando de perto e, “para fins de supervisão noturna, havia, muitas vezes, uma pequena janela entre a sala e a *Diele*. Através dela, desde o dossel ou nicho de dormir, os patrões podiam controlar a eira” (1961, 10-11 apud WEIMER, 2005, 78).



Figura 38: Janela entre dormitório e cozinha  
(Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

<sup>28</sup> Banco de lavar.

<sup>29</sup> Também citada por Weimer como “Eira”, o espaço da casa onde eram realizadas inúmeras atividades, como as agrícolas e as agropastoris, a preparação de alimentos, as refeições e era onde dormiam os empregados e os animais.

### 3.1.4 Sistemas Construtivos

Construída em alvenaria, com janelas de madeira e vidro, do tipo guilhotina, com duas folhas de madeira internas e portas também de madeira – a do acesso secundário de folha única articulada a 90° e a principal, também de madeira com duas folhas, articuladas a 90°, esta última com bandeira com vidros em proporção semelhante à das janelas (Figuras 39, 40, 41, 42 e 43).



Figura 39: Fachada Nordeste.

(Fonte: Levantamento Físico-espacial elaborado pela autora em 05/07/2009).

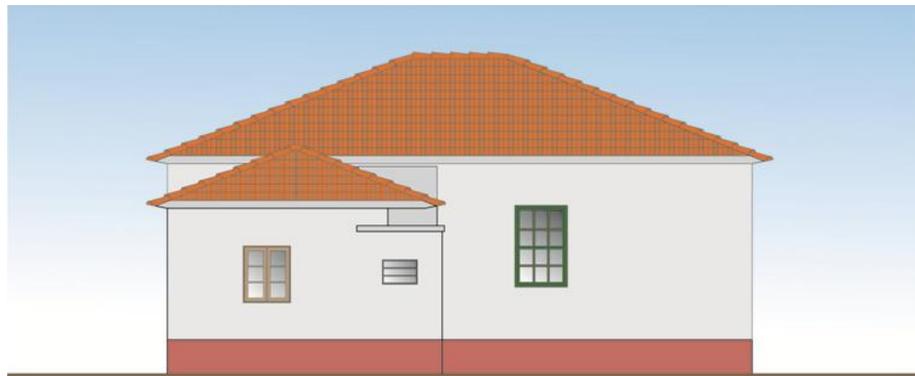


Figura 40: Fachada Sudoeste.

(Fonte: Levantamento Físico-espacial elaborado pela autora em 05/07/2009).



Figura 41: Fachada Noroeste.

(Fonte: Levantamento Físico-espacial elaborado pela autora em 05/07/2009).

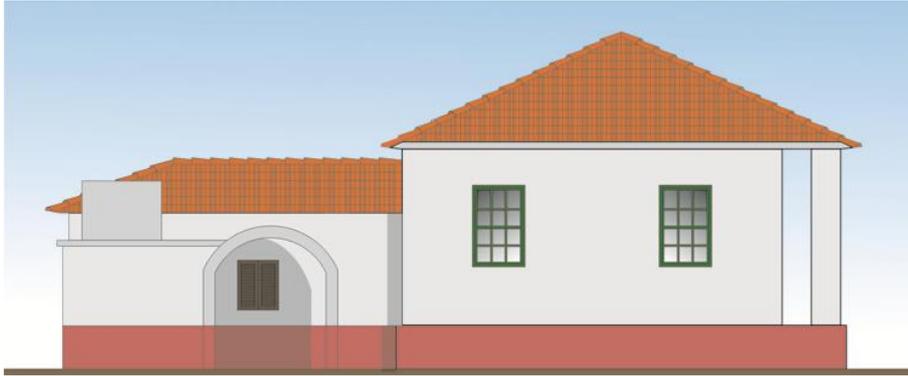


Figura 42: Fachada Sudeste.  
(Fonte: Levantamento Físico-espacial elaborado pela autora em 05/07/2009).



Figura 43: Propriedade Patzlaff.  
(Fonte: acervo pessoal da senhora Vilma Patzlaff Bosenbecker)

A estrutura do telhado da Residência Patzlaff (Figura 44) apresenta o sistema estrutural de caibros, conforme foi apresentado anteriormente, no capítulo II, ilustrado na Figura 32.



Figura 44: Estrutura do telhado  
(Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

Analisando os galpões de madeira, reparamos que a estruturação utilizada nos mesmos é muito semelhante àquela presente no enxaimel, sistema construtivo considerado efetivamente centro-europeu, cuja única diferença consiste no que poderíamos chamar de um retrocesso histórico: o tramado estrutural preso ao solo. Weimer trás a esse respeito o seguinte:

“No começo dos tempos históricos, as plantas se tornaram retangulares e a técnica construtiva teve um progresso decisivo quando se conseguiu resolver um problema fundamental: a madeira cravada no solo apodrecia facilmente. Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre a fundação de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. A descoberta da triangulação significa para esta técnica construtiva o mesmo que a roda para os transportes. Ela é o princípio básico da estática sobre o qual repousa toda a evolução posterior”.

O telhado dos galpões é estruturado de forma muito semelhante à da residência, porém nos galpões não existem tantas escoras como foram necessárias no telhado da residência, somente existindo uma inclinada em cada extremidade, conforme pode ser visto nas Figuras 45,46, 47 e 48.



Figura 45: Estrutura do telhado de Caibros com escoras (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)



Figura 46: Estruturação das paredes do galpão (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)



Figura 47: Estruturação das paredes do galpão (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)



Figura 48: Estruturação das paredes do galpão (Fonte: Foto da Autora em 05/07/2009)

### 3.2 Família Holz

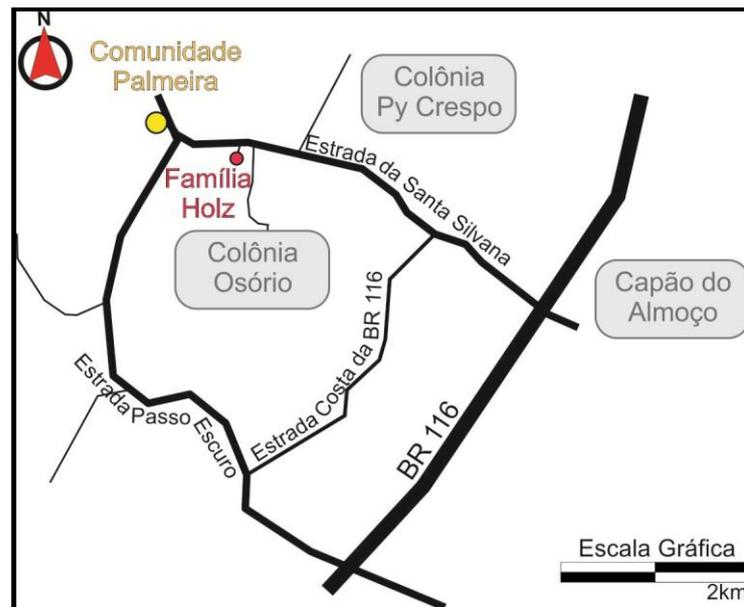


Figura 49: Planta de Situação da Propriedade Holz.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho sobre base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

Seu Theodoro e dona Gertrudez Holz chegaram à Colônia Osório já casados. Antes, residiam no distrito de Pelotas do Arroio do Padre, hoje emancipado. Segundo uma de suas duas filhas, dona Nailê, que atualmente reside com sua família na casa que era de seus pais, eles se instalaram na região (Figura 49) no início da década de 1940.

Quem foram os construtores, ela não soube afirmar, porém se lembrava do nome do construtor do poço, Silvio Schultz, um morador da região estudada.

A casa não passou por mudanças consideráveis, não foi ampliada e recebeu poucas reformas. Segundo Dona Nailê, porque “sempre que sobra um dinheiro a gente investe em maquinário ou nas vacas”. A principal fonte de renda da família é a produção de leite, portanto os galpões foram adaptados para esta atividade.

### 3.2.1 Organização das Funções no Sítio

Este sítio, diferentemente dos demais aqui apresentados, tem uma área muito pequena destinada à plantação. A maior parte, segundo dona Nailê, que servia há até pouco tempo para a plantação de aspargos, foi transformada em poteiros, onde as vacas e bezerros são criados livremente. A Figura 50 ilustra a organização das funções.

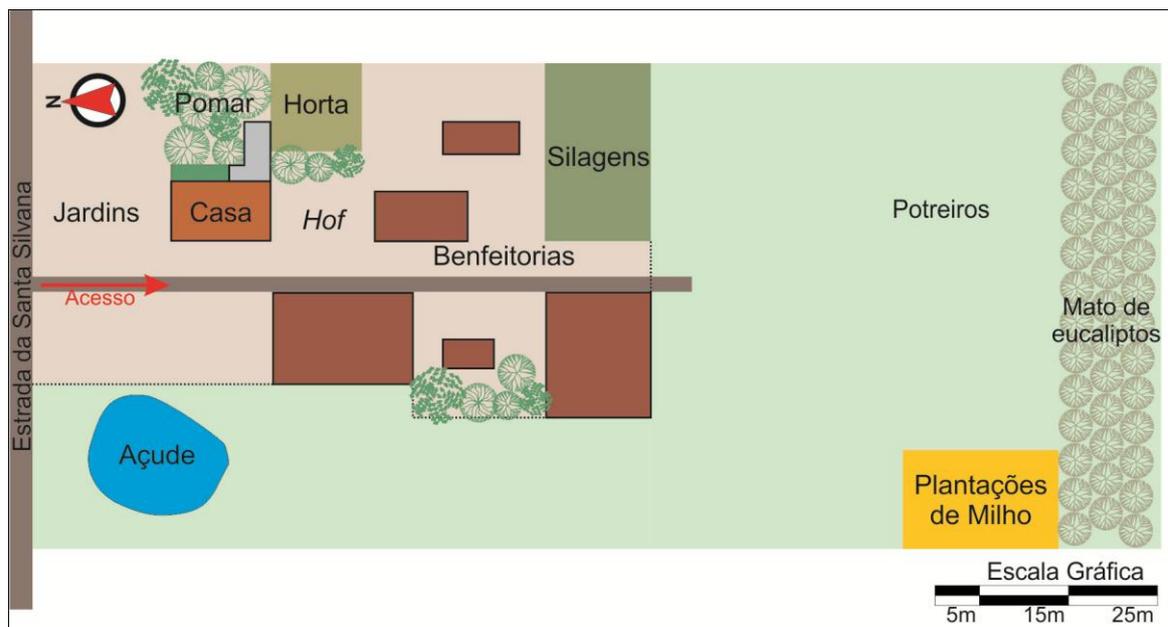


Figura 50: Planta de Implantação da Propriedade Holz.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Holz. 2011).

### 3.2.2 O Hof (pátio)

Nesta propriedade, assim como acontece no sítio Patzlaff, os pátios que recebem diferentes funções têm uma marcação perceptível. A família possui mais de algumas dezenas de galinhas, porém estas não recebem tratamento algum; segundo dona Nailê, elas se alimentam das sobras dos alimentos do gado.

As silagens são preparadas nos meses de temperatura amena para serem utilizadas no inverno, por isso uma grande parcela da propriedade é utilizada para esta função. Antes de iniciarem a produção de leite, a família plantou fumo e, por isso, um enorme galpão, que servia de depósito e estufa, foi edificado. Atualmente parte dele serve de depósito de rações.

De todas as casas visitadas, foi nesta que encontramos o pomar mais variado, contando com frutas locais e algumas que não são típicas da região, como carambolas e açaís. O pomar e a horta são praticamente extensões da residência. A figura 51 ilustra como estas funções estão organizadas:

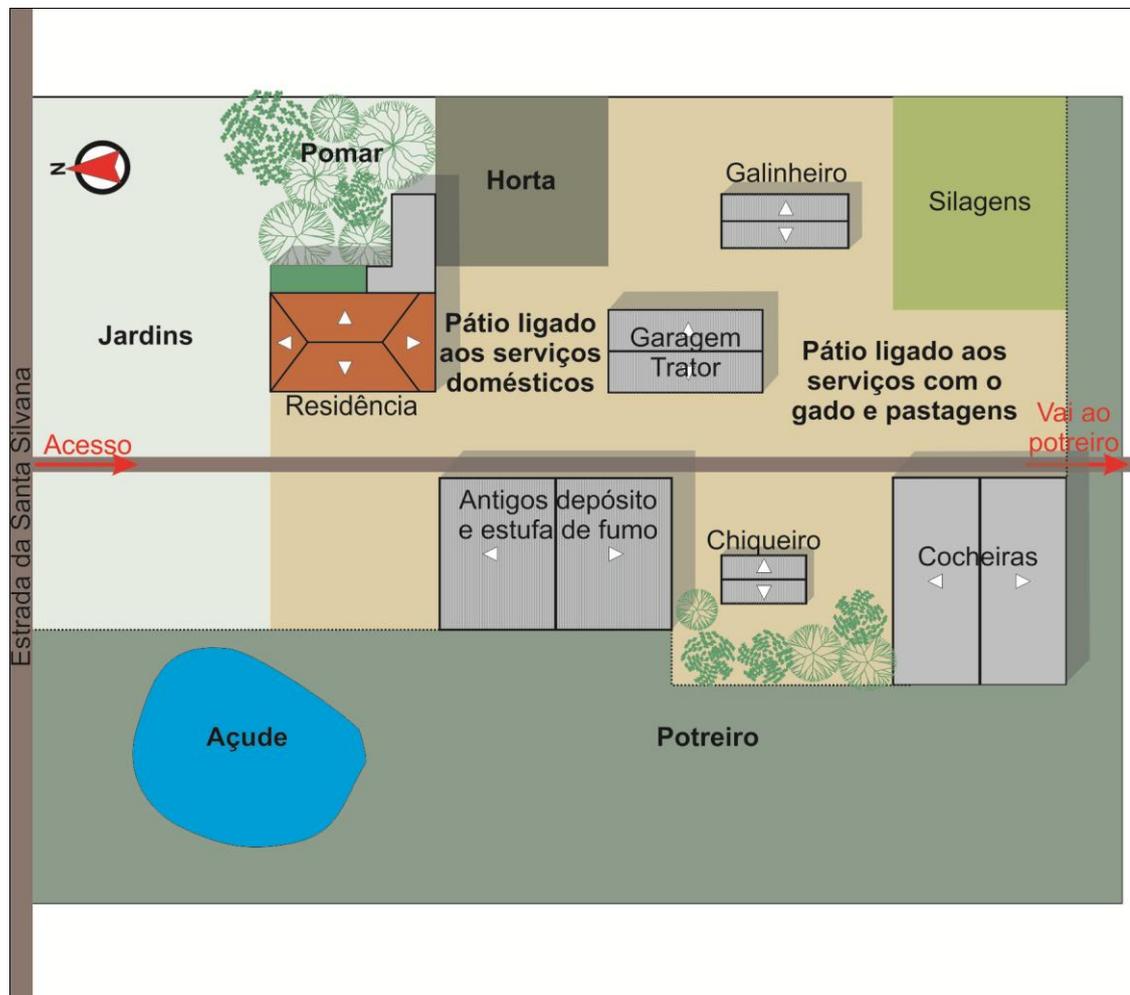


Figura 51: Planta de Implantação da Propriedade Holz, área doméstica e de benfeitorias.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Holz. 2011)

### 3.2.3 Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

A residência da família Holz passou por praticamente nenhuma alteração desde a sua construção na década de 1940. Na Figura 52 se percebe que as alterações em planta foram muito pequenas. Apenas uma das varandas foi fechada e transformada em closet, a sala de jantar passou a ser a de estar e a antiga sala de estar passou a ser o dormitório da filha do casal que atualmente reside no local, a neta dos construtores.



Figura 52: Planta Baixa da Propriedade Holz.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2011).

Nas figuras 53, 54, 55 e 56 são apresentadas as quatro fachadas da residência Holz e na figura 57, uma imagem recente. Nos fundos da casa, existe uma varanda contínua e na frente, originalmente, havia duas varandas simetricamente posicionadas.



Figura 53: Fachada Norte Holz

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).

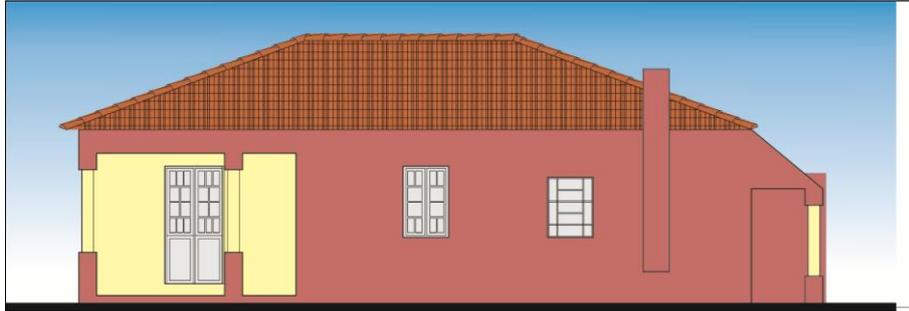


Figura 54: Fachada Oeste Holz

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).

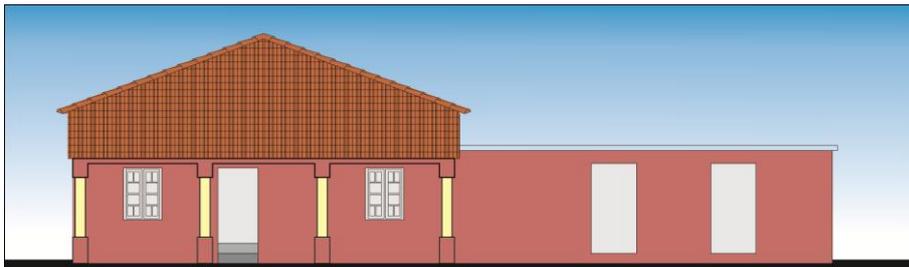


Figura 55: Fachada Sul Holz

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).

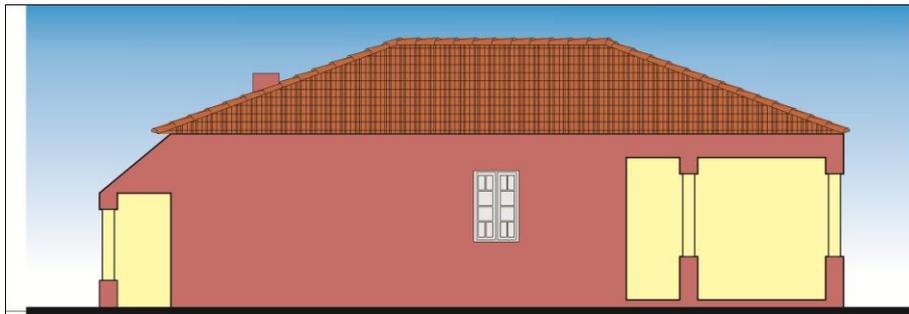


Figura 56: Fachada Leste Holz

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).



Figura 57: Propriedade Holz

(Fonte: imagem da autora em 03/04/2011)

### 3.2.4 Sistemas Construtivos

Nesta propriedade foi difícil identificar sistemas construtivos. Na residência o piso de madeira e o fôrro estão em excelentes condições, impossibilitando a visualização das estruturas dos mesmos. A casa é toda de alvenaria e, segundo a interlocutora, dona Nailê, os tijolos foram todos produzidos no sítio, inclusive ela refere-se ao “buraco lá nos fundos do terreiro de onde eles tiraram o barro”.

Os galpões foram reconstruídos recentemente. Nenhum deles é de madeira, portanto a analogia feita nas outras propriedades não pode ser repetida no sítio da família Holz. Única característica que se repete é o sistema de telhado de caibros nos galpões (Figuras 58 e 59), porém, como as telhas são de fibrocimento, não se pode afirmar se este sistema foi utilizado, pelo fato destas telhas serem mais leves, excluindo a necessidade das tesouras, ou se eles seguiram repetindo um modelo tradicional.



Figura 58: Detalhes Construtivos Galpões Holz  
(Fonte: Fotos da autora. 2011)



Figura 59: Detalhes Construtivos Galpões Holz  
(Fonte: Fotos da autora. 2011)

### 3.3 Família Könzen

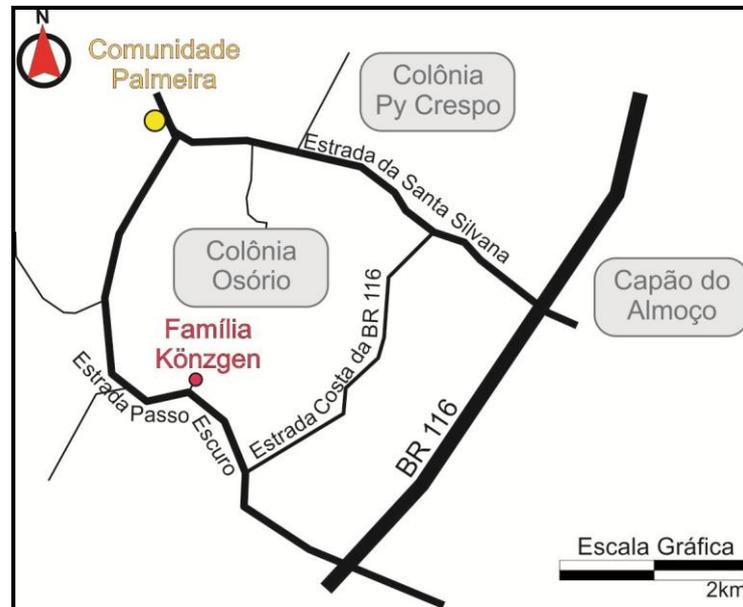


Figura 60: Planta de Situação da Propriedade Könzen.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho sobre base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

O sítio (Figura 60) foi adquirido e a casa foi edificada no início da década de 1950. A senhora Frida Könzen conta que se casou no ano de 1951 e desde então mora na mesma casa. O falecido marido, senhor Marcos Könzen, edificou a casa e as antigas benfeitorias com auxílio de alguns funcionários contratados, porém ela não recorda qual era a origem destes trabalhadores.

Atualmente, mora na residência a senhora Frida, juntamente com seus três filhos, suas noras e um neto. Em função da ampliação do número de moradores, a casa passou por reformas, e as benfeitorias foram adaptadas às atuais atividades da família, que durante anos cultivou a policultura e hoje se especializou no cultivo e tratamento de fumo.

### 3.3.1 Organização das Funções no Sítio

O sítio desta família tem uma organização um pouco diferente da maioria dos sítios rurais, bem como dos outros sítios apresentados neste trabalho, pois as plantações ficam em parte da propriedade localizada em um dos lados da estrada, enquanto as edificações ficam em outro, como ilustra a figura 61:

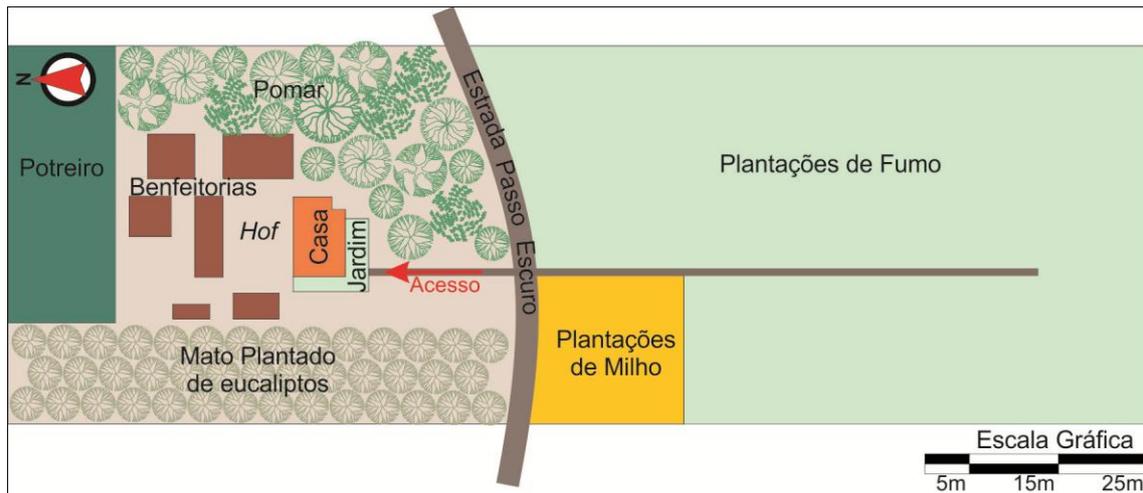


Figura 61: Planta de Implantação da Propriedade Könzgen.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Könzgen. 2011)

A família não tem uma horta considerável, porém o pomar é bastante variado. A maior parte da propriedade atualmente é utilizada para o cultivo de fumo, somente uma pequena parcela recebe o plantio de milho que serve para alimentar os animais.

O mato de eucaliptos é relativamente novo. Eles o cortam e replantam dentro de períodos determinados, porém quando adquiriram a propriedade existia naquela mesma parcela do terreno um mato de madeira nativa, **esta madeira foi utilizada para edificar o primeiro prédio que recebeu a Comuna Escolar e Religiosa Palmeira.**

### 3.3.2 O Hof (pátio)

As funções nos pátios basicamente se relacionam à produção do fumo. O grande pátio entre a casa e os galpões tem uso misto, conforme se pode observar na figura 62. Além disso, a família cria algumas galinhas e porcos para consumo próprio, além de vacas leiteiras, pois vendem leite à cooperativa local.

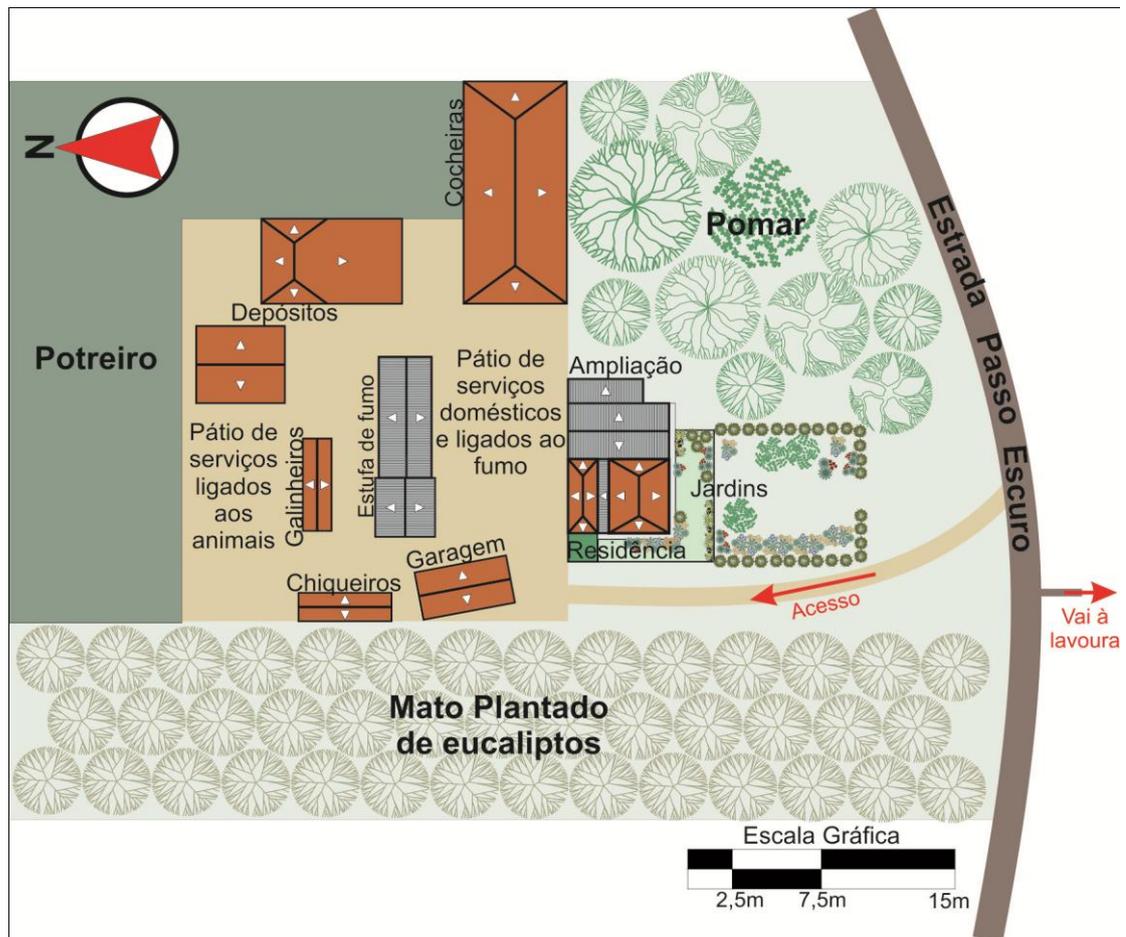


Figura 62: Planta de Implantação da Propriedade Könzgen, área doméstica e de benfeitorias.  
(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Könzgen. 2011).

### 3.3.3 Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

Originalmente, as funções na residência eram organizadas de uma forma muito semelhante à forma de organização da propriedade Patzlaff. Conforme se pode observar na Figura 63, o acesso principal se dá através de uma varanda, a sala de estar distribui as funções: à cozinha ou aos dormitórios. A cozinha segue tendo uma dimensão considerável, pois ela é o espaço integrador na residência. Em um bloco isolado ficam as funções menos nobres: banheiro, depósito, despensa e defumador. Segundo dona Frida e seus filhos, o forno sempre foi coberto.

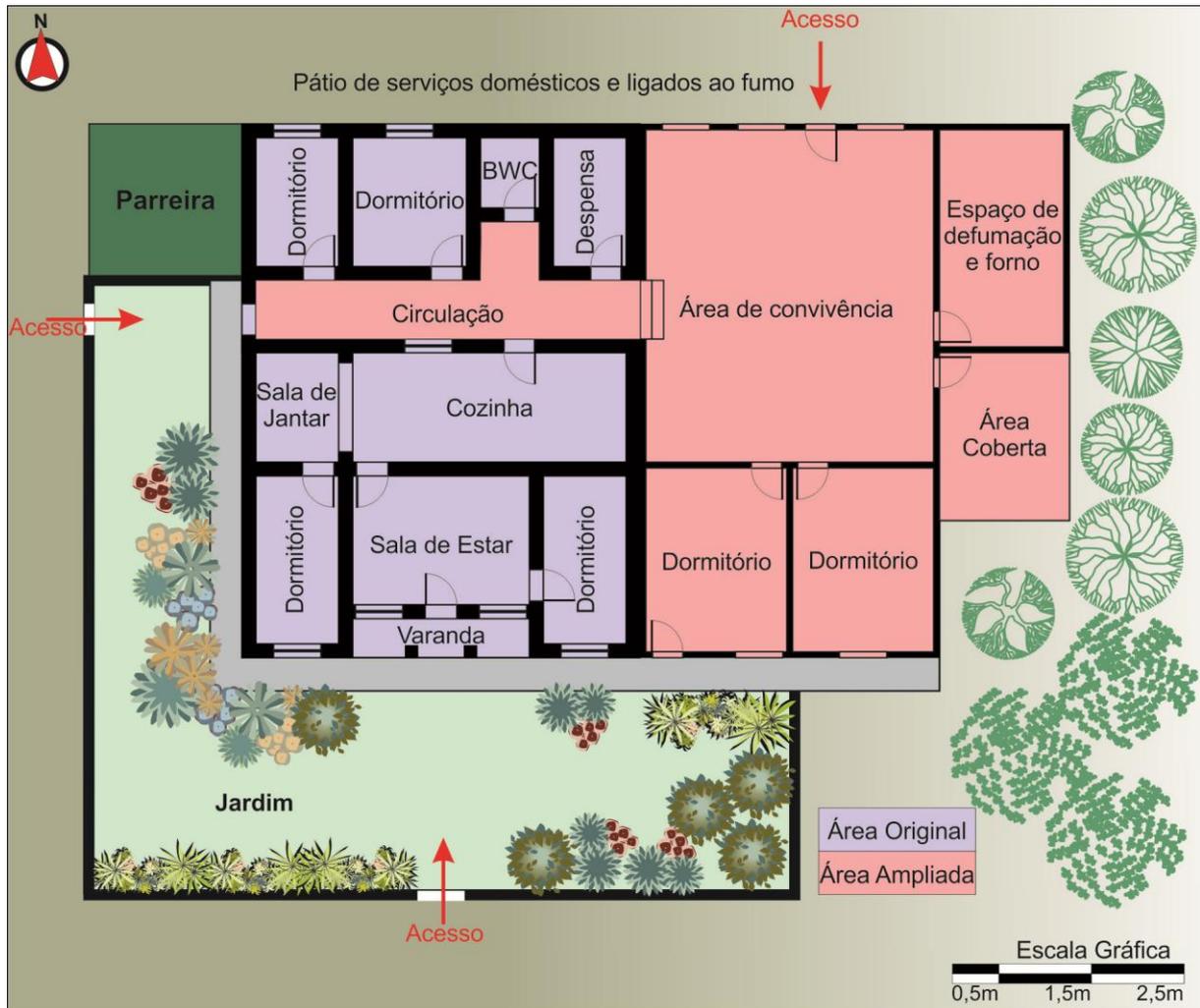


Figura 63: Planta Baixa da Propriedade Könzgen.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2011)

Com o passar dos anos e as mudanças na própria família residente, a casa passou por algumas mudanças. Os dois blocos foram integrados por uma cobertura única. O dormitório ao lado da cozinha foi integrado à mesma, transformado em uma sala de jantar; o depósito e o defumador foram transformados em dormitórios e foram construídos outros dois dormitórios, e ainda uma grande área de convivência que faz vezes de cozinha e de comedor, diretamente interligados à casa original, além de um espaço com churrasqueira, forno de barro e defumador e de uma área coberta para a lavagem de roupas, conforme ilustrado na figura 34

Além das ampliações e mudanças nas funções, os pisos de madeira da sala de estar e dos dormitórios foram todos substituídos por pisos frios e as esquadrias que eram de madeira foram substituídas por esquadrias metálicas. O poço é enterrado e fica sob o piso do banheiro.

O reservatório superior foi substituído há alguns anos, porém foi mantido no local onde estava o anterior.

As figuras 64, 65 e 66 apresentam as fachadas da residência após todas as referidas interferências e a figura 67 apresenta uma imagem atual da residência:



Figura 64: Fachada Sul Atual Könzgen

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).



Figura 65: Fachada Oeste Atual Könzgen

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).



Figura 66: Fachada Norte Atual Könzgen

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2011).



Figura 67: Propriedade Könzgen  
(Fonte: imagem da autora em 27/02/2011)

### 3.3.4 Sistemas Construtivos

A casa foi toda construída com tijolos de barro feitos no próprio sítio. O piso era de madeira, porém não sabemos qual foi a técnica utilizada para a execução do mesmo, bem como não tivemos acesso aos telhados da residência, porém nos galpões foi utilizada a técnica já apresentada no Sítio Patzlaff, o enxaimel, com tramado cravado no solo e sem escoras transversais.

O sistema de madeiramento das coberturas dos galpões é o de caibros, conforme já apresentado anteriormente. Nas figuras 68, 69, 70 e 71, se podem ver alguns detalhes destas construções.



Figura 68: Detalhes construtivos dos galpões  
(Fonte: Fotos da autora. 2011).



Figura 69: Detalhes construtivos dos galpões  
(Fonte: Fotos da autora. 2011).



Figura 70: Detalhes construtivos dos galpões  
(Fonte: Fotos da autora. 2011).



Figura 71: Detalhes construtivos dos galpões  
(Fonte: Fotos da autora. 2011).

### 3.4 Família Mülling

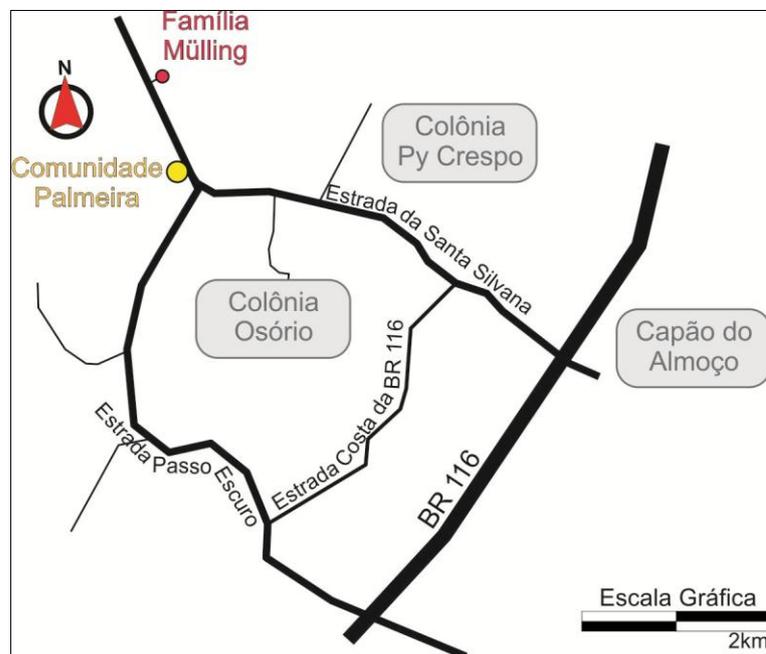


Figura 72: Planta de Situação da Propriedade Mülling.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho sobre base cartográfica disponível em:

<<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

A relação da família Mülling com a Comunidade é uma das mais fortes entre as famílias estudadas. A propriedade (Figura 72) foi adquirida pelo senhor Germano Mülling, pai do senhor Artur, responsável pela edificação da casa juntamente com sua esposa, senhora Alma Müling. Atualmente, residem na propriedade os senhores Leda Mülling Noremberg e Fribert Noremberg, filha e genro dos senhores Alma e Artur Mülling. Dona Leda nasceu ali, naquela propriedade, e foi confirmada<sup>30</sup>, casou e casou as filhas na igreja da Comunidade Palmeira.

Quando casaram, os senhores Artur e Alma Mülling moraram durante um tempo na Colônia Nova Gonçalves em Canguçu, nas terras dos pais da senhora Alma. Posteriormente,

<sup>30</sup> Confirmação é um dos sacramentos da Igreja Luterana onde, após um período de estudos bíblicos que varia de dois a quatro anos, o adolescente (comumente com 12 ou 13 anos) vai ao altar em um dia predefinido e, diante da comunidade e do pastor, confirma seu desejo de seguir o deus ao qual seus pais o entregaram no dia do seu batizado. Para os luteranos esta data equivale ao tradicional *debut*, pois a partir deste dia o adolescente passa a pertencer à comunidade religiosa, podendo, por exemplo, participar das santa-ceias e, em casa, este jovem também muda de status. A partir deste dia, é permitido, por exemplo, que eles namorem.

foram morar com um irmão do senhor Artur, na Colônia Santa Coleta, no Distrito do Cerrito Alegre em Pelotas. Porém, logo após terem alguns dos seus filhos, suas economias foram assoladas pela “praga do gafanhoto”, que destruiu suas plantações. Disse dona Leda, “eles andavam com um saco nas costas prá colher o que ainda tinha, a sobrevivência do ano”.

Assim o senhor Germano, pai de Artur, que havia comprado o terreno onde hoje está implantada a Propriedade Mülling, doou aquelas terras ao filho e pediu para que se mudasse para lá com a família a fim de que os seus netos não morressem de inanição. A preocupação do senhor Germano não era descabida, visto que no momento da mudança os senhores Alma e Artur já haviam perdido três filhos. Dois enquanto moravam na Colônia Nova Gonçalves e um na Colônia Santa Coleta. Na década de 1940 mudaram-se, então, para a propriedade aqui apresentada.

Foram morar, naquela propriedade, os senhores Germano e Helena Mülling, pais do senhor Artur, um dos fundadores da comunidade; os senhores Alma e Artur Mülling e seus três filhos, duas meninas e um menino, que estava adoentado e faleceu algum tempo após a mudança. Um ponto interessante para a pesquisa é que **esta é a única propriedade cuja família de filhos de imigrantes morou no sítio estudado**. Depois, tiveram outros seis filhos, a caçula vindo a falecer alguns anos depois.

#### 3.4.1 Organização das Funções no Sítio

Durante muitos anos a fonte principal de renda da família foi a batata, que na década de 1970 foi substituída pelo aspargo. Mais recentemente, investiram na produção de fumo; entretanto, não existem financiamentos para pessoas que atingem uma idade mais avançada e o senhor Fribert não obteve mais benefícios. Assim, passaram a produção à filha recém casada, que construiu sua casa na propriedade e assumiu, juntamente com o marido, o trabalho com o fumo. O senhor Fribert passou a cultivar hortaliças, além de criar alguns animais: gado de corte, porcos e galinhas. A propriedade está organizada de acordo com essas funções, conforme a Figura 73.

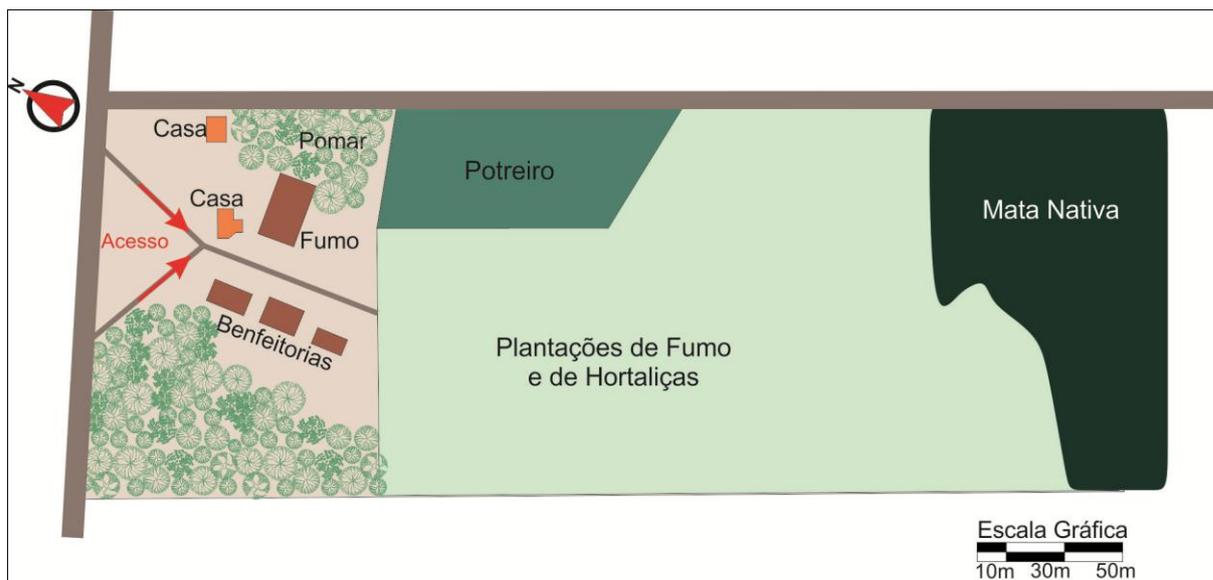


Figura 73: Planta de Implantação da Propriedade Mülling.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

### 3.4.2 O Hof (pátio)

O Hof é organizado de acordo com a Figura 74. O pátio doméstico é compartilhado entre as duas casas. O forno de alvenaria não está sendo utilizado, foi substituído por um elétrico dentro de casa. O jardim é bastante diversificado, bem como o pomar. Nesta propriedade não existem cocheiras, pois o gado leiteiro foi substituído por gado de corte quando dona Alma desenvolveu um problema de saúde que exigiu a presença constante de dona Leda.

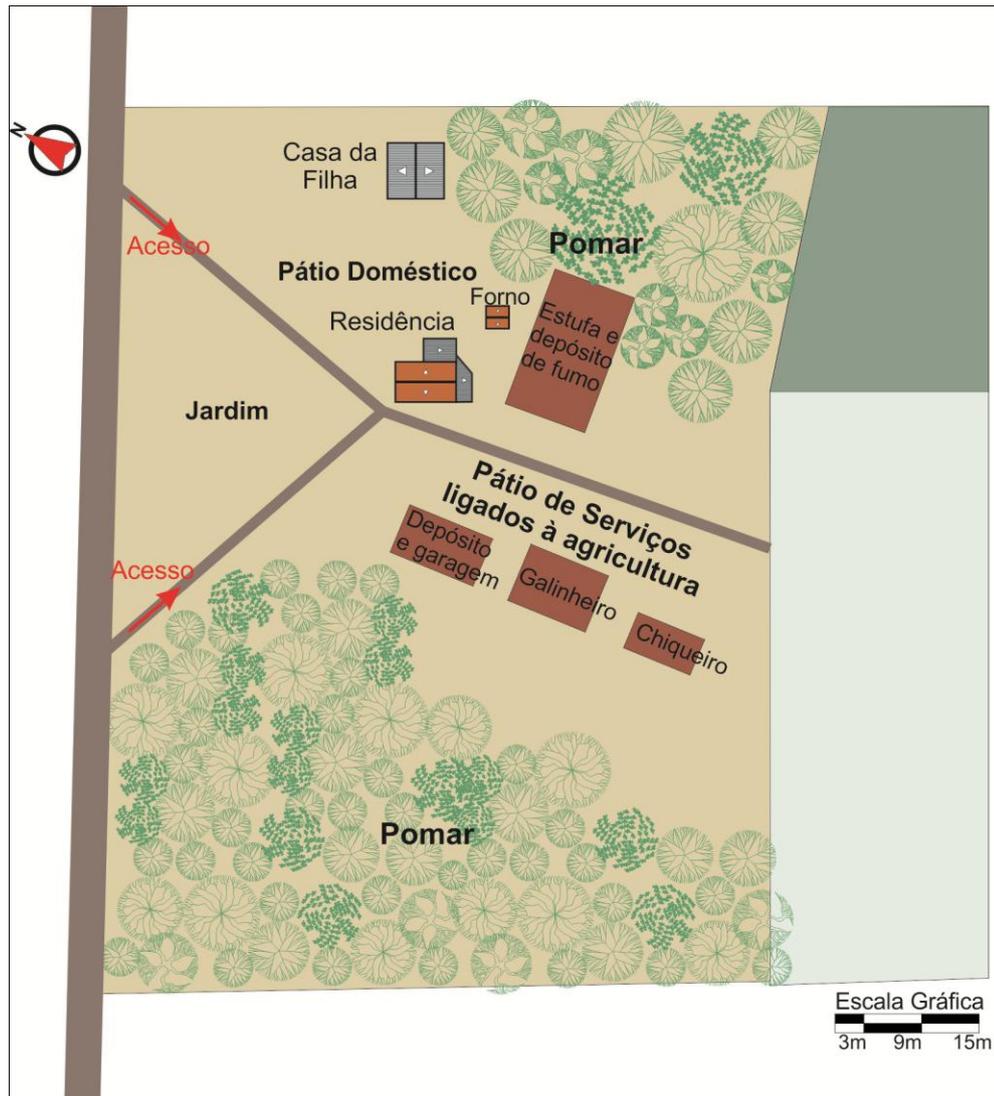


Figura 74: Planta de Implantação da Propriedade Mülling, área doméstica e de benfeitorias. (Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2012).

### 3.4.3 Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

Ao chegarem na propriedade construíram uma casa que dona Leda chama de galpão. Uma parte de tijolos de barro com chão batido, onde ficava a cozinha e outra de madeira, com piso de madeira, onde todos dormiam. Alguns anos depois, começaram a construir a casa e, dona Leda, que na época tinha oito anos, lembra com riqueza de detalhes do período.

A Figura 75 apresenta a residência com a organização atual das funções. Entretanto, a casa contava com a cozinha, a sala de jantar, um dormitório, uma despensa e a sala de estar que, no começo ficava onde hoje é um dormitório (o dormitório com porta externa, abrindo

para a varanda). Depois foi construído outro dormitório para as meninas, enquanto o menino, filho mais novo, dormia com os pais.

Algum tempo depois, puderam construir mais um quarto e o poço, pois, segundo dona Leda, a água era um problema para a família. Disse dona Leda:

Se buscava água lá no fundo das lavouras, perto das terras do Ottozinho, nas terras dos Lübke, dos Dalmann. Buscava de barrica. Às vezes chegava na metade da subida e o cavalo se assustava e derramava tudo na estrada, a água. Daí dava volta e às vezes chegava lá e a cacimba tava vazia. Tinha que sentar e esperar encher. E tinha que poupar tanto aquela água! Porque era longe prá buscar e eram três famílias prá uma cacimba e todo mundo se entendia.

O poço tem 21 metros de profundidade, cinco escavados na terra e o restante, nas pedras. Somente assim encontraram água potável em quantidade suficiente. Depois disso, resolveram cobrir o poço. Neste momento, construíram também um banheiro, uma despensa e outro dormitório. O dormitório, atualmente é uma despensa. A garagem é mais recente. Foi construída pelos senhores Leda e Fribert.

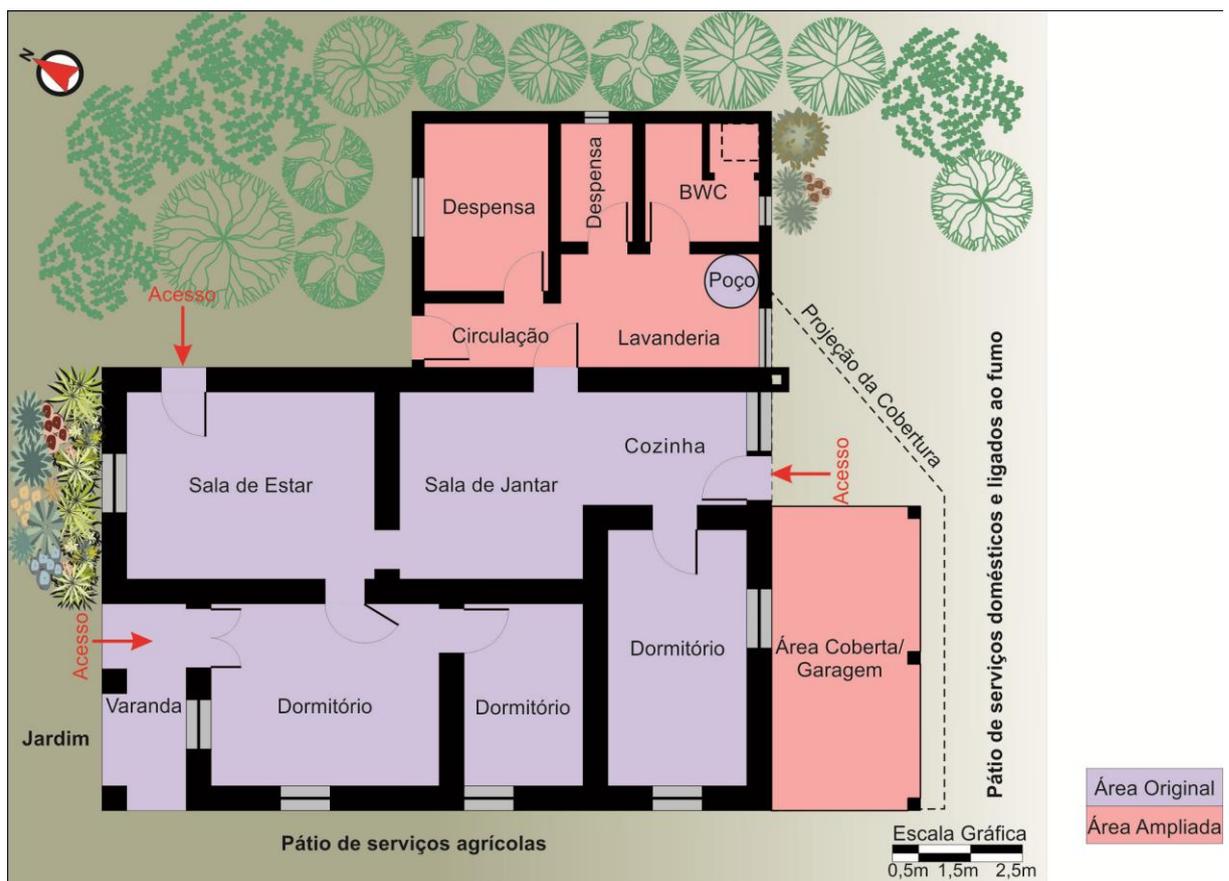


Figura 75: Planta Baixa da Propriedade Mülling.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2012).

As figuras 76, 77 e 78 ilustram as fachadas atuais da Residência Mülling, na figura 79 se tem uma imagem atual da propriedade:



Figura 76: Fachada Noroeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).



Figura 77: Fachada Sudeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).

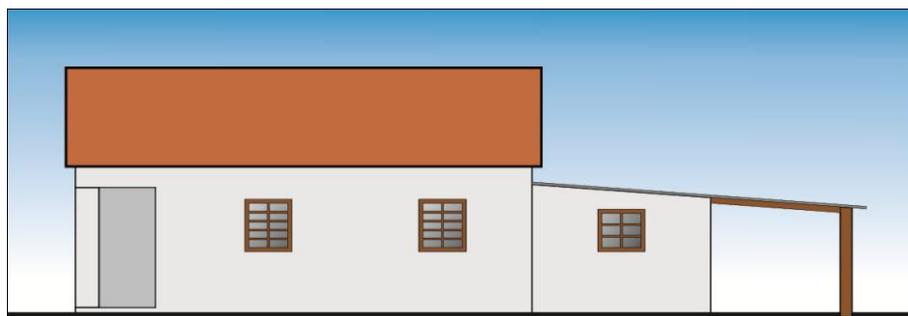


Figura 78: Fachada Sudoeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).



Figura 79: Propriedade Mülling..  
(Fonte: imagem da autora em 26/01/2012).

#### 3.4.4 Sistemas Construtivos

O senhor Artur, com a ajuda do vizinho, senhor Franz Dalmann, levantou as paredes com tijolos feitos na propriedade (onde também foram feitos os tijolos para construir a igreja da Comunidade Palmeira). Dona Leda conta que durante vários dias de inverno, mesmo após ter caído geada à noite, as crianças precisavam pisotear a mistura de barro e estrume que servia de argamassa. Disse ela: “Chegava a cortar! Mas tinha que fazer, porque eles estavam ali e queriam trabalhar”.

Entretanto, após erguerem as paredes, acabou o dinheiro. Então a obra foi interrompida e todos foram trabalhar na safra de batata. Eles colheram essa batata, o tio de dona Leda levou a colheita em um caminhão para Porto Alegre e, de lá, não voltou com o dinheiro da venda, voltou com o caminhão cheio de madeira para os telhados e piso para os cômodos. Nas Figuras 80, 81, 82 e 83, estão alguns dos ladrilhos da casa.



Figura 80: Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 81: Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 82: Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 83: Detalhes de um dos pisos de ladrilhos hidráulicos. (Fonte: Fotos da autora. 2012)

A casa, construída em 1955, foi feita com paredes grossas, com os tijolos feitos na propriedade, assentados com argamassa de barro e estrume e algumas fiadas receberam uma amarração com arame. A última etapa da obra foi o reboco, feito pelo senhor Artur com a ajuda de seus vizinhos Ivo Bosenbecker e Otto Bonow.

O telhado da casa original desabou há alguns anos e foi totalmente substituído. De acordo com Dona Leda, ele era como o telhado da propriedade Patzlaff. Com quatro águas e telhas cerâmicas do tipo francesas. Atualmente, o telhado tem duas águas, as telhas foram reaproveitadas e o madeiramento está aparente, sem forro, o que permite visualizar a estrutura de caibros, conforme pode ser visto nas Figuras 84, 85, 86 e 87.



Figura 84: Detalhes da estrutura do telhado da residência. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 85: Detalhes da estrutura do telhado da residência. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 86: Detalhes da estrutura do telhado da residência. (Fonte: Fotos da autora. 2012)



Figura 87: Detalhes da estrutura do telhado da residência. (Fonte: Fotos da autora. 2012)

### 3.5 Família Schumacher

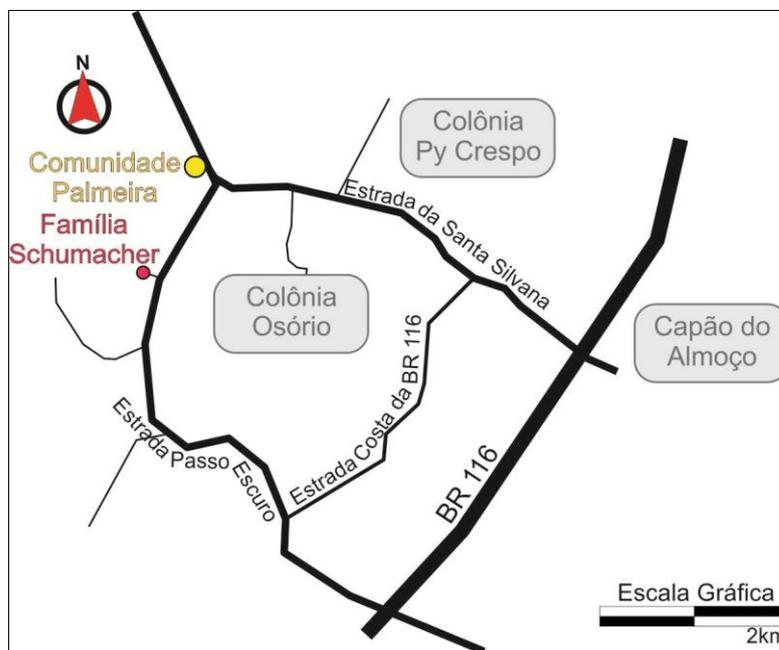


Figura 88: Planta de Situação da Propriedade Schumacher.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho sobre base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 06 de janeiro de 2012).

A família Schumacher, das estudadas, é a família que tem menos relação com a Comunidade Palmeira e cujo sítio (Figura 88) passou por mais alterações ao longo dos anos. De acordo com a senhora Leni Schumacher Bierhals, filha dos falecidos senhores Lora e Albino Schumacher, patriarcas da família e atual moradora da residência, a casa também é uma das mais recentes, construída em 1958. Isto porque, primeiramente, a família instalou-se em uma casa de madeira, hoje inexistente e, posteriormente, com o nascimento dos cinco filhos, foi construindo a casa de forma modular.

A relação com a Comunidade Palmeira foi extinta após o casamento dos filhos mais velhos. Estes preferiram se associar à Comunidade Evangélica Série Primeira da Colônia Osório, e seus pais os acompanharam. O casamento da senhora Leni foi celebrado pelo reverendo Beskow, responsável por ambas comunidades (Palmeira e Série Primeira), na própria residência. Das famílias estudadas, os senhores Lora e Albino Schumacher são os únicos que não estão sepultados no cemitério da Comunidade Palmeira.

### 3.5.1 Organização das Funções no Sítio

A respeito da produção, assim como as demais famílias, os Schumacher substituíram a policultura por uma única, no caso deles, o fumo. Desta maneira, o sítio é organizado em função desta atividade, com galpões de armazenagem, estufas e pátios de manejo, conforme as Figuras 89 e 90.

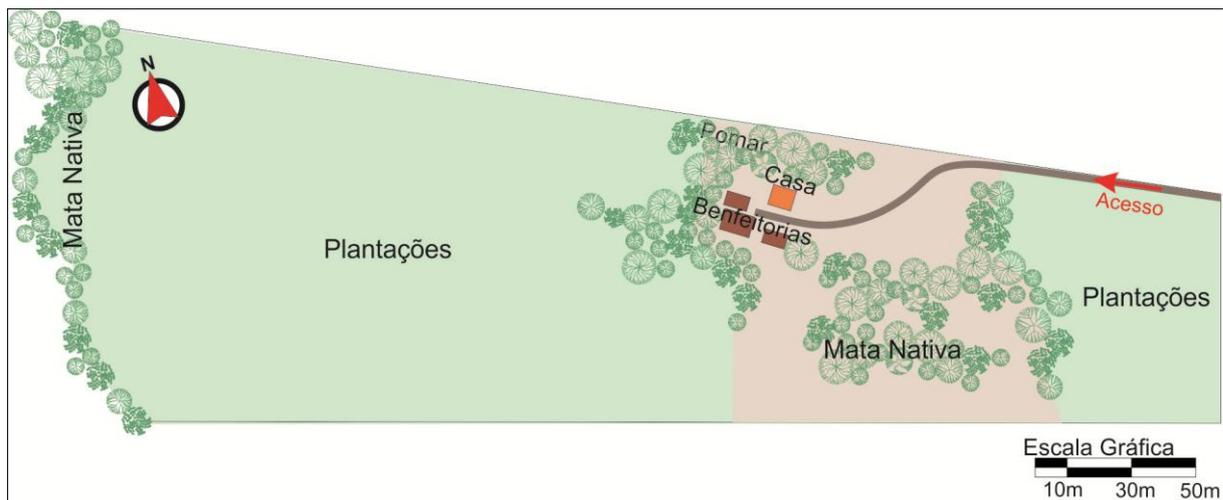


Figura 89: Planta de Implantação da Propriedade Schumacher.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 10 de janeiro de 2012).

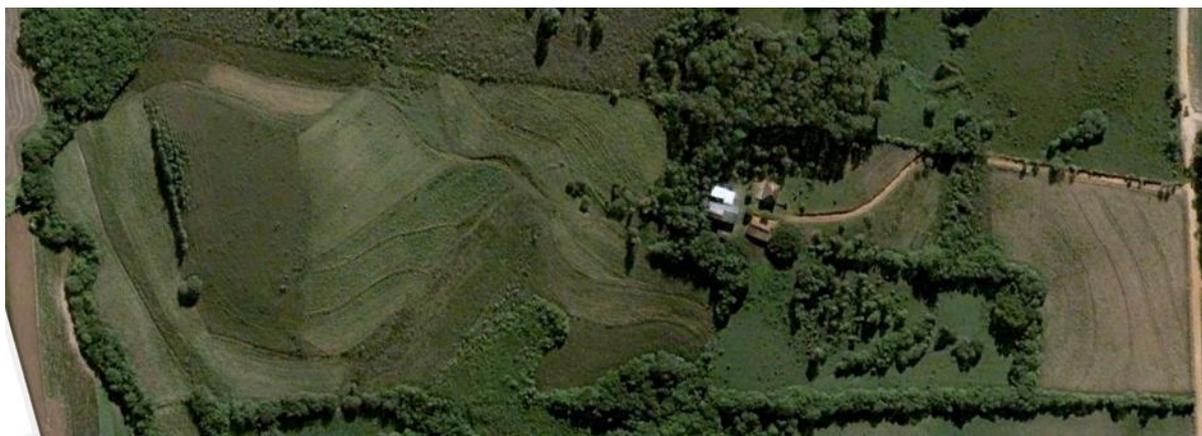


Figura 90: Imagem aérea da Propriedade Schumacher.

(Fonte: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 10 de janeiro de 2012).

### 3.5.2 O Hof (pátio)

O Hof desta propriedade é reduzido em relação aos demais. Ele fica cercado por resquícios de mata nativa e os prédios das benfeitorias estão condensados na lateral da residência. Dois dos três galpões têm relação com a produção de fumo. Um é o armazém, e o outro, a estufa. O terceiro prédio é o abrigo dos animais: vacas leiteiras e algumas galinhas, além dos vários cachorros. Nos fundos da casa, se tem o pátio doméstico. Nele não se encontra forno de barro, que foi há algum tempo substituído por um elétrico. Nas Figuras 91 e 92 se tem a ilustração das funções.

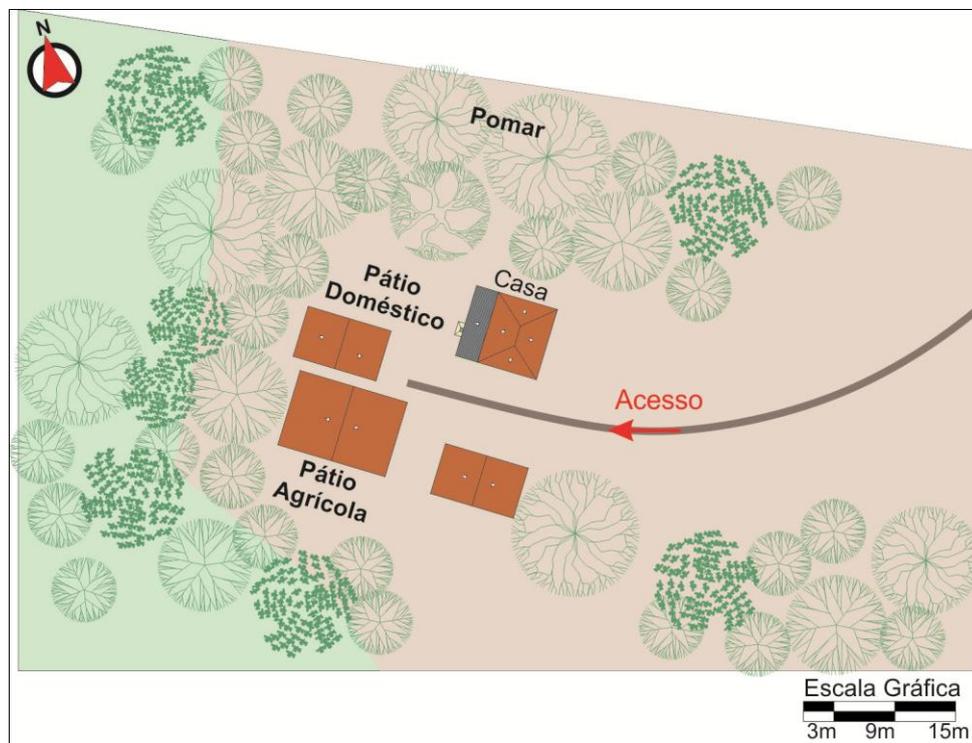


Figura 91: Planta de Implantação da Propriedade Schumacher, área doméstica e de benfeitorias.  
(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e fotografias aéreas do acervo da família Schumacher. 2012).



Figura 92: Imagem aérea da Propriedade Schumacher.  
(Fonte: Acervo da Família Schumacher.)

### 3.5.3 Partido Arquitetônico da Residência e seus Usos

A residência foi edificada por seu Albino Schumacher, com a ajuda de três senhores da família: Franz, Frederico e Artur Shumacher. A senhora Leni comentou que esta maneira de construir, em mutirão, era comum naquela região, o que foi confirmado pelos demais depoimentos.

A Residência Schumacher, das estudadas, foi a que mais foi modificada desde sua edificação no final da década de 1950. Inicialmente, a família residia em um chalé em outra parte do sítio. Com o crescimento da família, passaram a utilizar esta primeira casa como dormitório, pois a nova contava apenas com uma sala de estar e uma cozinha. Na Figura 93 se tem a ilustração das funções iniciais (onde hoje é sala de jantar, primeiramente era a cozinha). Posteriormente, foram construídos dois dormitórios e uma cozinha longitudinal (sem o banheiro), e, por fim, edificaram mais um dormitório, uma nova cozinha e o banheiro. A integração das duas salas, através da retirada da parede, foi feita recentemente.

Na cozinha com churrasqueira, estão o fogão à lenha e o forno elétrico. O quarto contíguo a ela, atualmente serve de depósito. Esta zona da casa substituiu a anterior área externa de uso doméstico. Grande parte das atividades domésticas é realizada nesta cozinha.



Figura 93: Planta Baixa da Propriedade Schumacher.

(Fonte: elaborado pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais. 2012).

As Figuras 94, 95, 96 e 97, ilustram as fachadas atuais e a figura 98 apresenta a imagem atual da Residência Schumacher:

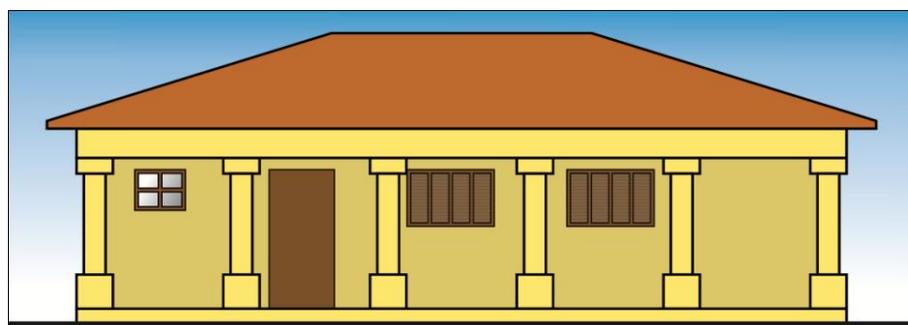


Figura 94: Fachada Sudeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).

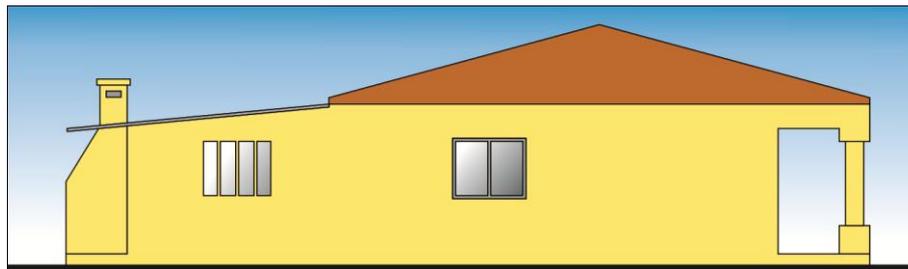


Figura 95: Fachada Sudoeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).

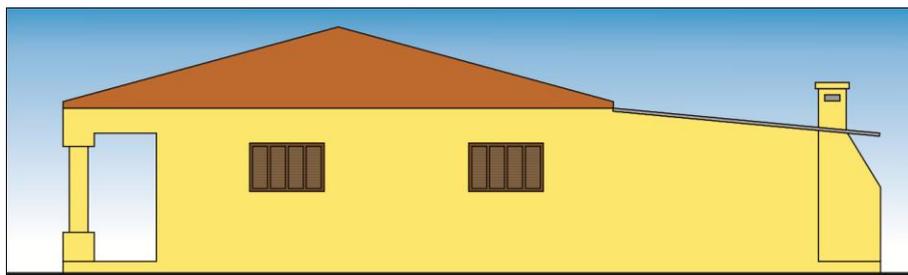


Figura 96: Fachada Nordeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).

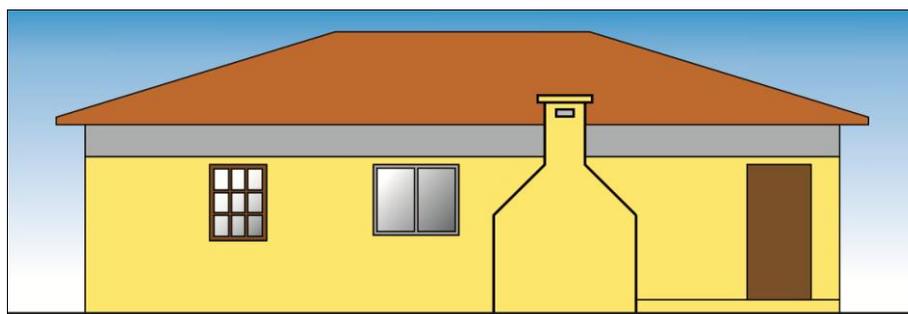


Figura 97: Fachada Noroeste Atual.

(Fonte: Desenho elaborado pela autora, com base em levantamentos realizados para este trabalho. 2012).



Figura 98: Propriedade Schumacher.

(Fonte: imagem da autora em 26/01/2012)

### 3.5.4 Sistemas Construtivos

Os tijolos foram feitos na propriedade, a madeira para as estruturas foi comprada. Contam que a senhora Lora, depois de anos morando com a família em um chalé com chão batido, desejava ter assoalho de madeira em toda a casa, já o senhor Albino queria piso cerâmico. Atendendo a vontade da matriarca, os responsáveis pela obra escavaram o terreno para receber os barrotes e o piso de madeira. Porém, após a insistência dos construtores que repetiam que aquela decisão traria arrependimento, optaram por aterrar o terreno escavado e pavimentar a casa com ladrilhos hidráulicos (Figura 99). Este piso foi substituído há poucos anos por um piso cerâmico, após muita reflexão e conselhos de mantê-los. A troca de piso é atribuída exclusivamente à dificuldade de limpeza.



Figura 99: Antigo ladrilho hidráulico utilizado na pavimentação da Propriedade Schumacher. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)

A casa tem dois tipos de cobertura. Uma é mais antiga e compreende toda a casa com exceção da cozinha nova e do dormitório diretamente ao lado desta, com telhas cerâmicas do tipo francesas, em quatro águas. A outra compreende a parte mais nova da casa, com telhas de fibrocimento. Não se teve acesso ao madeiramento destes telhados, pois não há alçapão. Entretanto, nas Figuras 100 e 101, é apresentada a estrutura do telhado de um dos galpões antigos que existem no sítio. Na Figura 102, um dos sistemas de escoramento, e, nas Figuras 103, 104 e 105, os detalhes construtivos com esmero nos encaixes das peças de madeira. Como já foi apresentado anteriormente, estes também seguem o modelo centro-europeu, com paredes com tramado do tipo enxaimel primitivo e estrutura do telhado de caibros.



Figura 100: Detalhe da estrutura do telhado de um dos galpões. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)



Figura 101: Detalhe da estrutura do telhado de um dos galpões. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)



Figura 102: Detalhe do escoramento. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)



Figura 103: Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012).



Figura 104: Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012).



Figura 105: Detalhes Construtivos. Encaixes de madeira. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012).

As esquadrias anteriormente de madeira foram substituídas por esquadrias metálicas no momento da reforma geral da casa. Foi nesta reforma que trocaram o piso, eliminaram a parede entre as salas de jantar e estar, e construíram a cozinha e o dormitório novos. O motivo da substituição das esquadrias foi o fato delas estarem mal conservadas, entretanto, uma das janelas (Figura 106) estava em bom estado e foi colocada no dormitório novo.



Figura 106: Antiga janela de madeira do tipo guilhotina da Propriedade Schumacher. (Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)

### 3.6 Visita a Outras Propriedades Mencionadas

Além das cinco famílias cujos sítios foram apresentados até aqui, outras três foram bastante mencionadas anteriormente. A família de Selma Lübke Bonow e Otto Germano Alberto Bonow, que doaram as terras à Comunidade Palmeira, e as famílias de Arno Conrad e Irene Beisdorf Conrad, e de Elfrida Bonow e Willi Bonow, cujas senhoras contribuíram para esta pesquisa. Entretanto, conforme já mencionado, estas famílias foram excluídas deste estudo de campo por motivos diversos. As Figuras 107, 108 e 109, que apresentam a situação atual das residências originais dos casais mencionados acima, vêm para contribuir na análise que será feita posteriormente.



Figura 107: Antiga Residência de Selma e Otto Bonow, atualmente ruína.  
(Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)

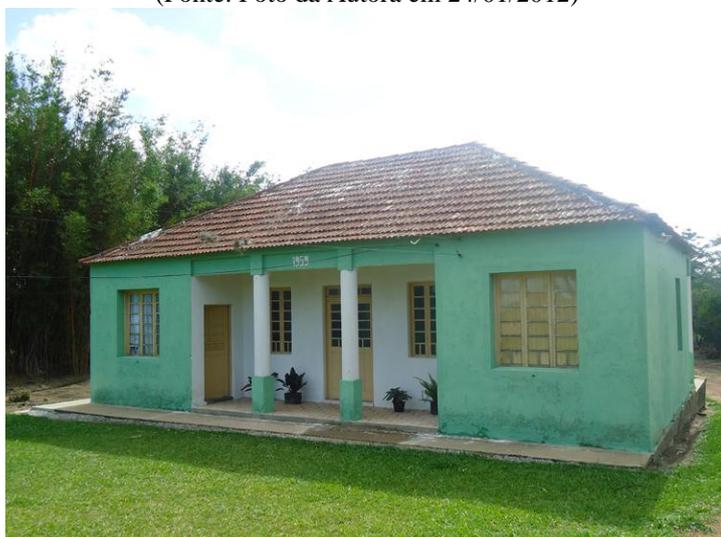


Figura 108: Antiga Residência de Elfrida e Willy Bonow, atualmente de outros proprietários.  
(Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)



Figura 109: Antiga Residência de Irene e Arno Conrad, atualmente de outros proprietários.  
(Fonte: Foto da Autora em 24/01/2012)

## CAPÍTULO IV

---

### ALGUMAS REFLEXÕES - PERMANÊNCIAS, ADAPTAÇÕES E RUPTURAS

Esta seção do trabalho tem por objetivo relacionar os dados apresentados nos capítulos anteriores, com destaque aos estudos realizados em campo vistos no terceiro capítulo. Aqui, pretende-se discorrer em torno objetivo principal deste trabalho, que é **identificar as permanências e rupturas na tradição do grupo de descendentes de pomeranos da Comunidade Palmeira, com foco na propriedade das famílias.**

Inicialmente, serão retomadas algumas ideias e dados apresentados no primeiro capítulo para reafirmar a situação na qual os pomeranos saíram de sua terra natal e chegaram ao Rio Grande do Sul e, assim, o raciocínio será dirigido à compreensão das formas de organização utilizadas por este povo, com foco na Comunidade Palmeira.

O segundo momento desta seção do trabalho terá um caráter mais técnico, onde os levantamentos apresentados no Capítulo III serão analisados e as características de maior destaque em cada uma das propriedades serão comparadas com as características das diversas arquiteturas produzidas na região de Pelotas apresentadas no Capítulo II.

#### 4.1 Como eles viviam e como eles vivem?

No primeiro capítulo foi apresentado um panorama geral da Europa Central que levou os pomeranos (juntamente com outros povos) a emigrarem buscando melhores condições de vida e subsistência. Através da análise da conjuntura social e política daquele momento, é possível compreender que **raros foram os casos de pessoas que saíram de seu país de origem atendendo a um objetivo de vida que não fosse propriamente a sobrevivência.**

Na situação em que os centro-europeus se encontravam em decorrência, primeiramente, do fim do feudalismo e, posteriormente, da Revolução Industrial: pagando altos impostos para se manter em suas propriedades que iam sendo reduzidas de tal modo que a produção obtida nela não era suficiente para a manutenção da família; com a superação pelas máquinas do artesanato e dos serviços de colheita e debulha que garantiam a complementação da renda das famílias e, por fim, com a falta de empregos nas cidades em decorrência da explosão demográfica européia somada ao êxodo rural; **não parecia haver alternativa mais interessante do que a proposta de emigração para um país do Novo Mundo.**

Neste momento, o governo brasileiro e algumas companhias privadas investiram no loteamento de grandes propriedades, sobretudo no Rio Grande do Sul, em regiões menos povoadas e cujas características dos terrenos não eram interessantes à produção desenvolvida por seus proprietários. Os centro-europeus foram atraídos pelas facilidades oferecidas, principalmente de financiamento das terras e de ajuda inicial para o estabelecimento dos seus sítios.

Entretanto, ao desembarcarem em terras brasileiras, diversas foram as decepções e dificuldades encontradas. Algumas promessas não foram cumpridas, um povo com hábitos, crenças e idioma muito diferentes dos seus e um ambiente alheio àquele ao qual estavam acostumados. **Em solo brasileiro, a terra cultivável e os recursos naturais disponíveis não eram dominados em sua totalidade pelos imigrantes e era preciso encontrar alternativas aos meios de vida amplamente conhecidos em suas terras natais.**

Esse apanhado de algumas das ideias centrais apresentadas no primeiro capítulo vem para embasar a afirmação de que os centro-europeus, em especial os pomeranos, foco do

trabalho, abandonaram sua terra natal devido à falta de alternativas e aportaram no território sul-riograndense cujas características físico-geográficas e culturais eram diversas àquelas conhecidas por eles.

**Este estranhamento encontrado na paisagem e na cultura sul-riograndense, fez com que os imigrantes que aqui desembarcaram criassem relações bastante próximas com os seus pares nas colônias para as quais foram encaminhados.** E entre os pomeranos, alguns dos fatores mais importantes na busca pelo nexo de pertencimento ao grupo são o idioma e a religiosidade.

Embora o idioma pomerano, de forma geral, por não ser erudito, seja responsável pela depreciação da pessoa que o utiliza, ele identifica as pessoas que pertencem àquele grupo. A respeito da importância da língua materna, a professora da UFRGS, doutora em lingüística aplicada, Karen Pupp Spinassé (2006, p.4), diz:

A língua materna<sup>31</sup> caracteriza o indivíduo e está intimamente ligada à sua identidade. Por esse motivo, a Primeira Língua (L1) é de extrema importância para uma pessoa: ela age como uma manifestação identitária pessoal e intrínseca ao indivíduo. A nossa L1 nos caracteriza na sociedade, também pelo modo como a usamos e quão bem a dominamos. Entre falantes nativos de uma mesma língua é possível, por exemplo, deduzir a naturalidade, o grau de instrução e até mesmo o nível social do falante – apenas através da língua, da modalidade lingüística. Para um estrangeiro, em uma sociedade que não é a sua, a língua desempenha, além disso, uma função dual muito clara: ela pode agir como o ponto crucial do processo de integração daquele indivíduo nesta sociedade, através da tentativa por parte dele de aprender a nova língua e falá-la satisfatoriamente no que diz respeito à comunicação; todavia, o fator lingüístico pode afastar ainda mais as realidades já distintas, servindo como ponto de atrito, causador de dificuldades, e conseqüentemente, como fator de exclusão. Como, ou mesmo “se” o estrangeiro aprende a nova língua, mostra o quão profundamente ele pode se integrar e quão bem ele pode ser aceito pelos nativos – ou não.

A respeito desta exclusão causada pela utilização de um idioma diferente do falado no país onde o estrangeiro se insere e da mencionada desvalorização do idioma utilizado pelos imigrantes pomeranos nas zonas rurais dos municípios, a professora da Feevale, doutora em história Roswithia Weber (2006, p.65) acrescenta:

Dentre as vivências na colônia, um tema que aparece é a dificuldade idiomática, que faz com que algumas situações se configurem como um problema social; por exemplo, o idioma falado pelo “alemão-batata”<sup>32</sup> torna-se objeto de riso, certamente não de seu próprio grupo, mas daquele que vê como defeito a forma como ele fala.

<sup>31</sup> Cabe ressaltar que para os descendentes de imigrantes pomeranos brasileiros a língua materna foi o pomerano durante várias gerações (em algumas famílias ainda é) e diversas crianças aprendiam a língua portuguesa apenas quando ingressavam no colégio e, muitas vezes, este era um fator de exclusão entre os colegas.

<sup>32</sup> Alemão-batata comumente é aquele alemão considerado menos nobre exatamente por não dominar o idioma, utilizar um dialeto. O pomerano é um dos componentes deste grupo (nota nossa).

[...] No caso em questão, o cômico se dá quando o colono entra em contato com o “outro mundo”, com as exigências do idioma português ou do alemão gramatical, que vai ser utilizado pelo imigrante urbano como estratégia para diferenciar-se do elemento identificado com o meio rural (CORADINI, 1996). Não se trata de uma simples diferenciação entre um grupo ligado pela mesma origem. Nesse sentido, pode-se tomar a distinção/oposição entre o teuto-brasileiro da roça e o teuto-brasileiro da zona urbana [...].

Entretanto o dialeto pomerano, fator integrador das comunidades imigrantes, permanece com este caráter nos dias atuais e isto pode ser percebido nas incursões em campo para a realização desta pesquisa. Tanto na primeira fase, quando o contato se deu na Comunidade Palmeira, quanto na fase de levantamentos e entrevistas, quando, em alguns momentos, chegou-se ao constrangimento da entrevistadora não compreender o que estava sendo dito por seus interlocutores.

Weber menciona o fator cômico de se utilizar o dialeto e não o alemão gramatical ou o português nos momentos de contato com “os de fora”. Nesta pesquisa não se teve a experiência desta análise, pois em todas as incursões em campo, a minoria era “o outro mundo” referido pela autora: os pesquisadores. E o que se pode perceber foi orgulho em dominar o idioma dos antepassados, expressos através de textos, poesias e músicas que alguns dos interlocutores fizeram questão de demonstrar.

Embora o idioma utilizado nas casas das famílias estudadas fosse o pomerano (ao menos no período remoto da fundação da Comunidade Palmeira e da construção dos sítios estudados), os momentos em que o dialeto pomerano foi efetivamente mencionado, durante as entrevistas, estavam ligados às memórias na Escola Particular Doutor Xavier.

Isso porque era na escola que, embora com ensino de português nas aulas da semana, eram incentivadas as manifestações artísticas dos alunos no idioma de seus antepassados. Atualmente e, acredita-se, mais ainda no passado, o idioma que os membros da Comunidade Palmeira utilizam nos arredores dos prédios da mesma é o pomerano. Os cultos não são ministrados no dialeto, entretanto, nas festas anuais não raro alguém ou algum grupo se apresenta cantando versos em pomerano. Ou seja, bem como era no passado, segue atualmente: nas atividades oficiais se utiliza o português. Nas informais, o pomerano.

A Comunidade Palmeira, núcleo desta pesquisa foi fundada cerca de 80 anos após o estabelecimento dos primeiros cidadãos centro-europeus na Serra dos Tapes. Entretanto, sua forma de organização segue os princípios que eram utilizados naquele momento. A respeito da colônia de São Lourenço do Sul, o professor Leopoldo Wille (2011, p.65-68) diz que o

fundador, Jacob Rheigantz, pensava ser inadmissível uma criança nascer, crescer e se tornar adulta sem ter tido instrução adequada e uma sólida formação cristã. Por isso, embora católico, possuía espírito ecumênico e auxiliava os colonos a fundarem associações onde era ministrado o ensino particular e os cultos nos dias em que não havia aula.

Da mesma maneira, Spinassé (2006, p.4) conta que:

Segundo historiadores e outros estudiosos, o governo brasileiro não dava aos imigrantes o suporte necessário. Eles próprios tinham que organizar escolas e igrejas, conseguir professores e pastores, e construir os centros comunitários, para que assim pudessem estabelecer uma estrutura social normal. Assim, sem subsídio por parte das autoridades brasileiras, não se ensinava português na colônia. As aulas eram ministradas na variante local. Da mesma forma, os cultos religiosos nas comunidades eram em alemão, já que o pastor era um dos “alemães” e sua língua a mesma da comunidade. Eles praticamente não precisavam sair da colônia, pois tinham lá tudo o que precisavam para a vida dentro dessa ilha lingüística.

Assim como acontecia no início das colônias teuto-brasileiras, aconteceu com a Comunidade Palmeira. Pela necessidade de escolas na região e pelo desejo de seguir a mesma religião dos seus antepassados, a comunidade foi fundada e se mantém nos dias atuais. Ou seja, **a aproximação com os pares, no caso da região estudada, se dá no território da associação religiosa Palmeira. Lá é o território onde se estabelecem as relações desta população, ligadas pelo passado comum, religiosidade e idioma.**

#### 4.2 Análise da organização dos sítios e da Arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na Serra dos Tapes.

No Capítulo II foram apresentadas, de forma sucinta, as características que se destacam na arquitetura produzida por alguns dos grupos étnicos que compõem a população da Serra dos Tapes. Aqueles dados serão retomados nesta seção e dialogarão com os dados apresentados no Capítulo III, os levantamentos físico-espaciais dos sítios. **A intenção ao fazer esse cruzamento de informações é identificar as permanências da cultura arquitetônica pomerana nos sítios estudados, bem como verificar as rupturas com a mesma e aproximação com culturas adjacentes.**

Aqui, será seguida a mesma ordem apresentada no Capítulo III. Primeiramente será analisada a organização do sítio e do pátio (*Hof*) e, posteriormente, a casa através de sua planta-baixa, fachadas e sistemas construtivos.

#### 4.2.1 A Organização das Funções no Sítio

O formato dos sítios estudados segue o padrão dos sítios que os imigrantes pomeranos recebiam ao chegar ao Rio Grande do Sul. Retangulares, com um dos lados de menor dimensão voltado para a estrada. Conforme se pode observar na Figura 110<sup>33</sup> a distribuição das funções segue um modelo que Weimer (2005) definiu com um modelo geral de organização dos sítios de imigrantes alemães em território sul-riograndense (imagem a).

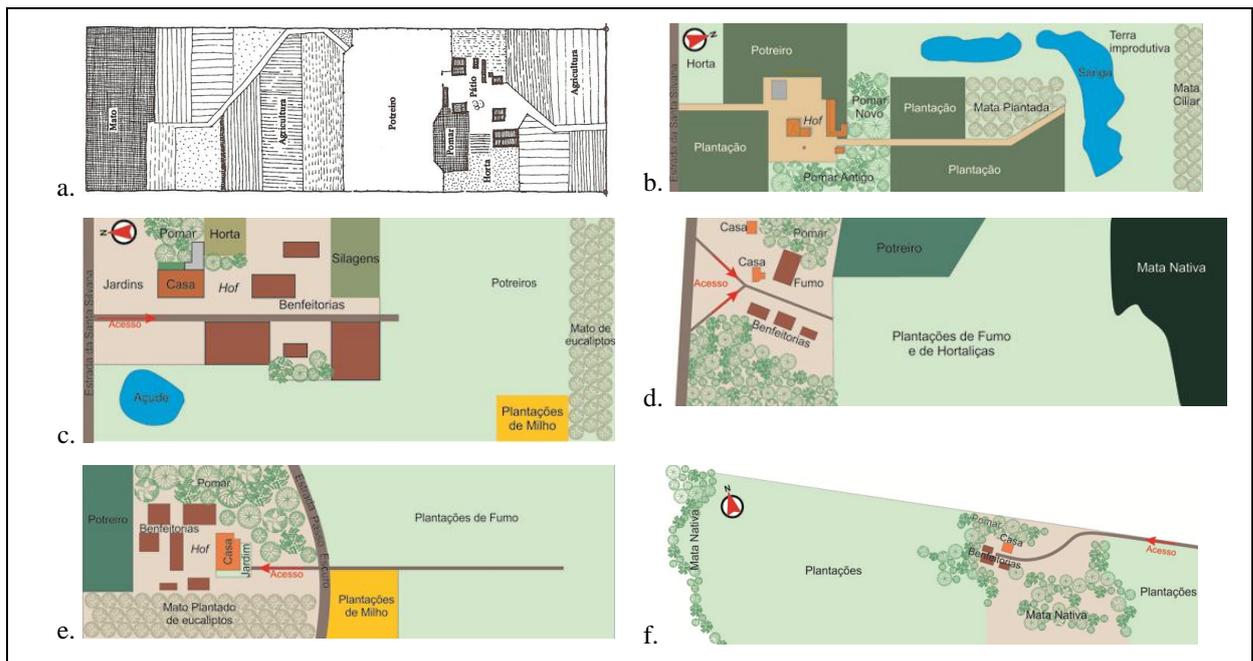


Figura 110: Quadro comparativo dos sítios estudados e do modelo de sítio teuto-gaúcho de Günter Weimer. (Fonte: a. WEIMER, 2005 e, demais elaborados pela autora para este trabalho a partir de levantamentos físico-espaciais e base cartográfica disponível em: <<<http://maps.google.com.br>>> Acesso em 10 de janeiro de 2012).

Assim como no modelo de Weimer, todas **as casas ficam afastadas da estrada**. O acesso se dá por uma estrada de terra estreita que permite o acesso de veículos com tração animal quanto de carros e caminhões. A distância à rua varia entre os casos. Algumas casas se encontram escondidas visualmente atrás da mata ou de plantações e outras estão separadas da via pública apenas por um jardim. Entretanto, a distância nos sítios estudados nunca foi inferior a 15 metros.

Os sítios estudados contam com uma **reserva de mata**, seja ela nativa ou plantada. Weimer (2005, p. 342) diz que os teuto-gaúchos “conservam um pedaço de mato no local

<sup>33</sup> Todas as figuras deste capítulo foram apresentadas nos capítulos II e III. Este recurso foi utilizado para facilitar a leitura, poupando o esforço de retornar às páginas anteriores para visualizar a ilustração do expresso no texto.

mais íngreme ou nos fundos do lote. Quando perguntávamos da razão da sua existência, respondiam-nos que era por tradição ou nos diziam: Donde já se viu uma terra sem mato!”. Nos sítios estudados a tradição de cultivar ou de preservar uma parcela de mata permanece.

As famílias apresentadas neste trabalho não mais cultivam a policultura, a fonte de renda delas, atualmente, ou está ligada ao gado leiteiro ou às plantações de fumo, logo as terras cultiváveis não puderam ser analisadas comparativamente.

O **potreiro**, parte da propriedade onde não se cultiva nada além de pasto para os animais, **fica contíguo à área de implantação da sede da propriedade**. Conforme se localizava o potreiro nos sítios da primeira geração de imigrantes. Isso explica-se pelo fato de que os animais de grande porte criados pelos pomeranos são basicamente gado leiteiro, animais que necessitam de cuidados pela manhã e à noite, períodos de ordenha e a proximidade facilita este trabalho além de garantir uma maior segurança contra os roubos que poderiam ser facilitados pela distância do potreiro à casa.

A área restante, além da reserva de mata, área cultivável e potreiro, é onde se localiza a sede da propriedade. Nesta parte, ficam a casa, as benfeitorias, o jardim, o pomar e a horta que conformam pátios que recebem atividades diferentes de acordo com a localização deles. Estes pátios são chamados *Hofe*.

O **jardim** das propriedades, sempre presente, fica na parte da **frente do terreno**, diretamente à frente da sala de estar da casa. Ele tem um **caráter contemplativo** e, conforme os relatos dos interlocutores, o jardim relaciona-se com a sala de estar, visto que estes são os espaços de permanência das visitas. Embora a família muito pouco usufrua destes dois espaços, é destes jardins que provém as flores que enfeitam a igreja e o salão em dias de celebração

O **pomar e a horta**, que possuem tamanhos e diversidade de produtos que varia muito em cada propriedade, ficam **próximos à residência**. A explicação é simples: a facilidade de acesso à dona de casa, pois nestes espaços são colhidas frutas, verduras e temperos frescos para o preparo das refeições.

As benfeitorias compreendem os galpões de armazenagem de produtos, estufas de fumo (quando esta é a produção da propriedade), chiqueiros, galinheiros e cocheiras. Eles estão organizados de forma a formarem pátios de trabalho seja de manejo de animais ou dos produtos agrícolas produzidos.

Além destes pátios, próximo à casa, diretamente ao lado da cozinha (em alguns dos exemplos: das duas cozinhas) localiza-se o pátio de serviços domésticos. Nele, quando ainda existe, está o forno de tijolos utilizado para assar pães, bolos e carnes; o tronco de madeira e o machado que servem para cortar a lenha que alimenta o forno e o fogão à lenha e, quando a casa não tem lavanderia, o tanque de lavar roupas.

#### 4.2.2 A casa

Para analisar as casas apresentadas no Capítulo III, primeiramente serão destacadas as principais características delas em planta baixa (Figura 111) e, posteriormente, as peculiaridades de cada uma delas serão comparadas com as plantas baixas trazidas no Capítulo II. Este esforço será feito na tentativa de compreender as semelhanças e as rupturas com a cultura arquitetônica pomerana e as aproximações e distanciamentos com algumas das demais arquiteturas produzidas no Rio Grande do Sul.



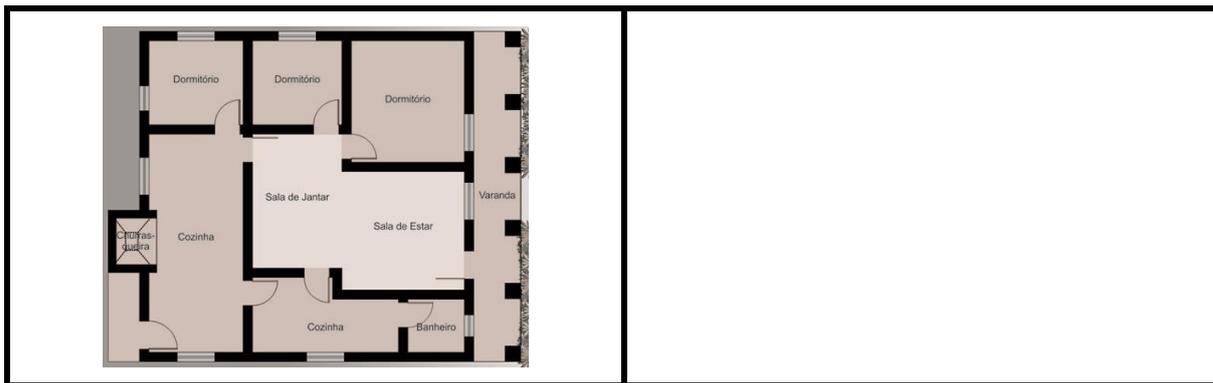


Figura 111: Quadro síntese das plantas baixas apresentadas no Capítulo III.

As funções nas casas estudadas seguem uma lógica de distribuição semelhante. O **acesso principal** (embora o menos utilizado) é feito através de uma **varanda** na parte da frente. A sala de estar, primeira dependência acessada na casa tem contato com a cozinha e com alguns dos dormitórios. Algumas casas contam com salas de jantar, estas ficam diretamente ao lado das cozinhas.

**Não existem corredores.** A cozinha e a sala de estar (e a de jantar, quando existe), espaços de convivência da residência, distribuem as funções. A partir delas se acessam os dormitórios, espaços íntimos, bem como o exemplo da casa de imigrantes pomeranos no Rio Grande do Sul apresentada na Figura 112, imagem “d”.

A **noção de privacidade** nas casas pomeranas difere daquela das casas luso-brasileiras apresentadas no Capítulo II exatamente pela inexistência de corredores. Nas casas lusas (Figura 112, imagem “a”), os dormitórios são distribuídos ao longo dos corredores e os espaços de estar da família localizam-se nos fundos da casa. Nos espaços contíguos aos dormitórios, nesta situação, realiza-se apenas a passagem, enquanto na casa pomerana, a permanência.

Na residência franco-italiana (Figura 112, imagens “b” e “c”) também inexistente corredor. Entretanto, as funções são distribuídas a partir de uma sala grande que, no exemplo da imagem “c” tem paredes móveis que, quando retiradas, transformam a casa toda em um grande espaço de festas. Não cabe a este trabalho se estender em tentar explicar as diferenças entre as personalidades destes dois povos, entretanto é popularmente sabido que os italianos são mais expansivos que os alemães e isso se reflete na casa destes povos.

**A cozinha comumente é a dependência mais utilizada da casa pomerana,** é o espaço integrador da família e, por isso, possui grandes dimensões, bem como acontece nas casas italianas, embora nas residências desta etnia seja a cozinha afastada da casa de dormir.

Atribui-se as dimensões das cozinhas ao fato destes povos valorizarem sobremaneira a gastronomia.

Algumas casas apresentam uma cozinha extra. Em todos os casos, elas foram construídas posteriormente em função do aumento da família. Os banheiros também são acréscimos recentes das casas.



Figura 112: Quadro síntese das plantas baixas apresentadas no Capítulo II

A análise também possibilita encontrar algumas similaridades entre as fachadas das casas estudadas e, aqui, retomamos as imagens apresentadas no Capítulo III para que seja possível comparar e perceber tais similitudes.

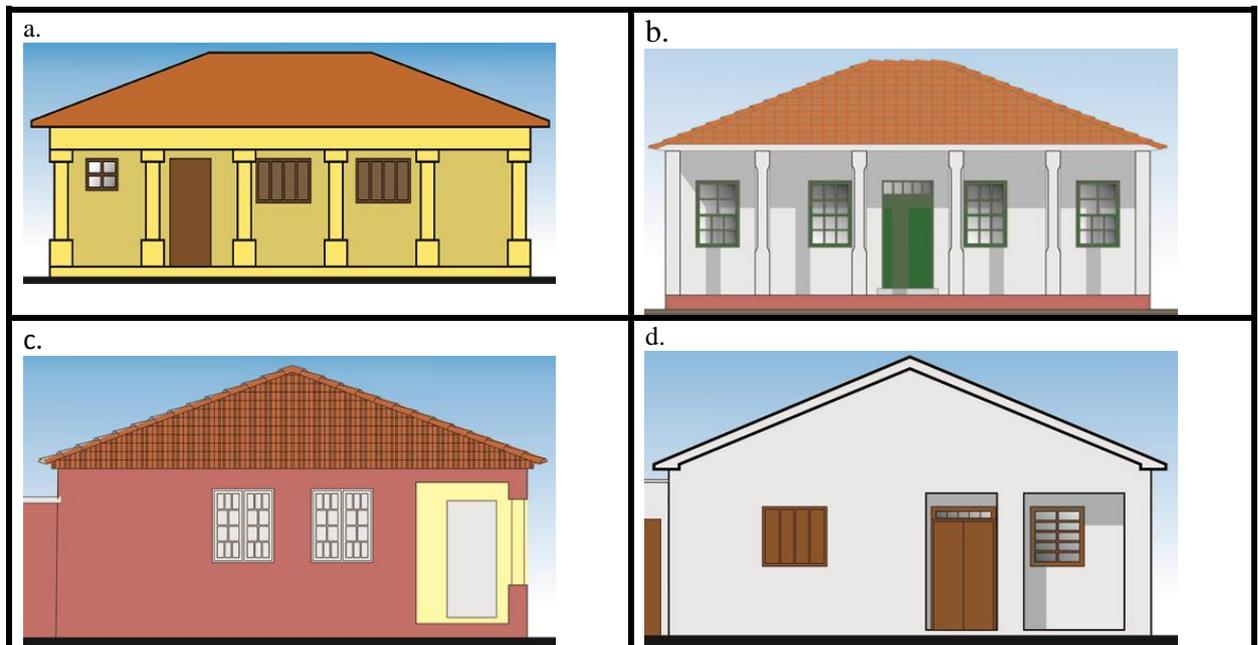
A fachada ilustrada na Figura 113, imagem “d” é a representação da Residência Mülling que teve seu telhado substituído há alguns anos. O oitão frontal é um elemento recente e não original. Portanto, uma das afirmações possíveis é de que as casas pomeranas pelotenses têm telhados de 4 águas e não possuem platibandas.

As varandas na frente da casa, com utilização de colunas de alvenaria predominantemente com base e capitel maiores que o fuste. As varandas podem ocupar toda a extensão da fachada (imagens “a”, “b” e, “g”), a parte central delas (imagens “e” e, “f”) ou uma ou mais laterais (imagens “c”, “d” e, “h”).

As fachadas não costumam apresentar ornamentação de nenhum tipo. Entretanto, a Residência Könzgen (imagem “e”) apresenta algumas aplicações cimentícias em formato de estrelas no frontão.

As esquadrias de três das oito residências apresentadas na Figura 113 foram substituídas, porém naquelas em que permanecem as originais, nota-se que as portas de madeira com duas folhas articuladas, normalmente a 90°, com bandeira de vidros ou, ainda, com janela integrada à porta são recorrentes. As janelas originais as casas ou são do tipo guilhotina ou de duas folhas. Todas as janelas tem vidros e possuem duas folhas de madeira internas (no caso das esquadrias originais, as venezianas nunca ficam do lado externo). Nas primeiras esquadrias predomina a verticalidade.

É evidente a simetria destas fachadas. Algumas vezes, a simetria perfeita, onde a partir de um eixo central temos duas metades idênticas em ambos os lados (imagens “b”, “c”, “e” e, “h”), noutras, através do equilíbrio dos componentes existentes de um e de outro lado.



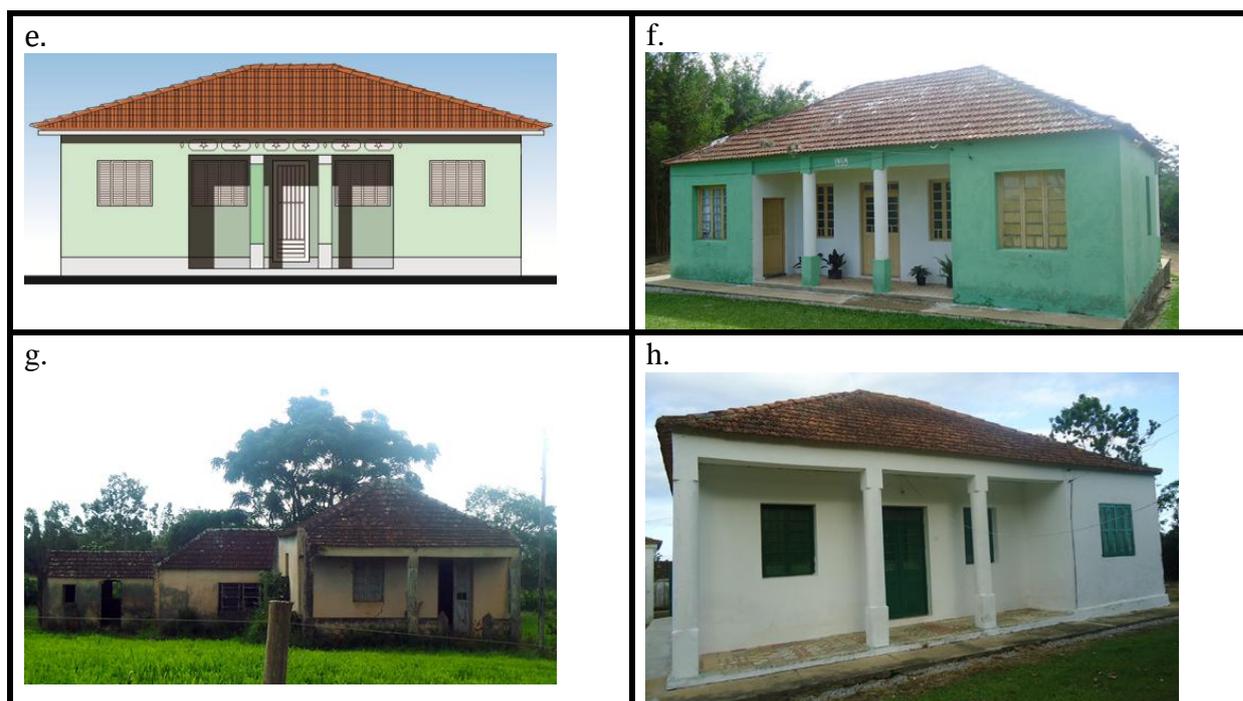


Figura 113: Quadro síntese das fachadas apresentadas no Capítulo III.

#### 4.2.3 Sistemas construtivos

O sistema construtivo considerado efetivamente centro-europeu é o enxaimel, porém nos sítios estudados, bem como no exemplo de arquitetura pomerana apresentada no Capítulo II (p.60) este sistema não foi utilizado. Nas residências foco deste trabalho, o sistema construtivo das **paredes** é a alvenaria de tijolos cerâmicos cozidos, assentados com uma mistura de barro e esterco e rebocados com argamassa de cal e cimento. Todas as famílias estudadas fizeram os seus tijolos no próprio sítio.

A **infra-estrutura** foi feita com blocos de pedra retirados, normalmente, dos próprios terrenos. E, para garantir estabilidade às espessas paredes, eram feitas algumas amarrações com fios de arame na base, no topo e em algumas fiadas do centro delas. A Estrutura dos telhados é um ponto de destaque do trabalho, pois, mesmo que as técnicas construtivas difiram daquela que é amplamente conhecida como germânica, os telhados são estruturados com o sistema de caibros, apresentado no segundo capítulo (p.73), não com o sistema de tesouras romanas (p.62) tipicamente portuguesas e sistema mais comum no Brasil.

Todavia, nos galpões de madeira dos sítios analisados se pode perceber uma maior influência da tradição pomerana de estruturas as paredes. Neles a estruturação utilizada é semelhante ao enxaimel. A única diferença consiste no que poderíamos chamar de um

retrocesso histórico: o tramado estrutural preso ao solo. Visto que Weimer (2005, p.81) trás a esse respeito o seguinte:

“No começo dos tempos históricos, as plantas se tornaram retangulares e a técnica construtiva teve um progresso decisivo quando se conseguiu resolver um problema fundamental: a madeira cravada no solo apodrecia facilmente. Ao se elevar o tramado de madeiras verticais e horizontais sobre a fundação de pedra, eliminou-se esse problema, mas a estrutura perdeu em rigidez. Isso foi solucionado quando se descobriu que peças inclinadas e encaixadas nos tramos conferiam à original a sua rigidez. A descoberta da triangulação significa para esta técnica construtiva o mesmo eu a roda para os transportes. Ela é o princípio básico da estática sobre o qual repousa toda a evolução posterior”

Os **pisos** que ainda não foram substituídos são de madeira, cimento queimado ou de ladrilhos hidráulicos. Normalmente nos dormitórios e salas de estar e utilizada a madeira e nos demais o piso frio. A diversidade de ladrilhos encontrados é considerável e, atribui-se a isso, o fato das casas terem sido edificadas em etapas, nas entressafras, normalmente, e os materiais eram adquiridos aos poucos, conforme as possibilidades financeiras e, possivelmente, não se encontravam ladrilhos do mesmo tipo em uma e em outra compra.

Os **forros** utilizados são os de madeira do tipo macho-e-fêmea ou saia-e-blusa e as **telhas**, do tipo francesas.

Desta maneira, retomando e simplificando ao máximo o apresentado até aqui, temos como **permanências** na arquitetura produzida pelos netos dos imigrantes pomeranos na Serra dos Tapes: **a organização das funções no sítio** – preservação da mata nativa, afastamento da via pública, cultivo de jardim, pomar e horta próximos à residência, potreiro contíguo à área da sede e *Hofes* com funções definidas pelos prédios adjacentes – **e das funções na residência** – cozinha como ambiente integrador, além de juntamente com a sala de estar distribuir aos demais cômodos, inexistência de corredor e dimensões favorecendo a cozinha sobre a sala de estar – e; **alguns dos sistemas estruturais** – nos telhados de caibros e nas paredes de enxaimel primitivo dos galpões.

Contudo, devido à carência de material de construção adequado ou por desejo próprio, simplesmente, foram necessárias algumas **adaptações** no modo com o qual eles estavam habitados a construir. Foram utilizados tijolos e telhas cerâmicas. Os tijolos os próprios construtores – proprietários dos sítios – fizeram em seus terrenos. Assim, as casas de alvenaria com telhados de quatro águas de telhas cerâmicas são tipicamente da Serra dos Tapes e, embora não componham este estudo, das charqueadas da margem do São Gonçalo.

No seu país de origem, os pomeranos utilizavam a varanda como elemento intermediário nos acessos (p.30), no Rio Grande do Sul esse elemento deixou de ser necessário (p.44), visto que em terras brasileiras o frio não é rigoroso como em terras européias. Nas casas dos pomeranos pelotenses a varanda volta a compor a casa, **rompe-se** com o utilizado pelos teuto-gaúchos e se re-estabelece o original.

Na antiga Pomerânia, de acordo com Weimer (2005), algumas casas apresentavam varandas nos acessos. Tais elementos construtivos são atribuídos ao frio rigoroso daquela região. No Rio Grande do Sul, conforme o mesmo autor, estas varandas deixaram de ser elementos obrigatórios, pois aqui o frio é relativamente ameno. Todavia, nos sítios estudados, este elemento intermediário entre o exterior e o interior retorna. Porém, neste momento, esta deixa de ser uma característica pomerana e assume o caráter pelotense, ou seja, de acordo com testemunhos, a varanda ressurge para proteger as esquadrias das intempéries, visto que as melhores portas da residência são as do acesso principal e para amenizar as temperaturas intensas às quais são submetidos os moradores do sul do Brasil, tanto do frio do inverno como do calor do verão. Esta característica é dita pelotense pois, não raro, ao percorrer as estradas rurais do município, na região da Serra dos Tapes, pode-se deparar com casas avarandadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A Comunidade Palmeira foi fundada cerca de 80 anos após a chegada dos primeiros imigrantes pomeranos na região da Serra do Tapes no Rio Grande do Sul. Entretanto, mesmo havendo este distanciamento temporal, algumas das memórias destes imigrantes acompanharam as famílias que se estabeleceram naquela região e muitas delas seguem com os descendentes destas famílias atualmente.

Esta comunidade é a segunda casa das famílias que as constituem. Tais famílias, atualmente, são os filhos, netos e bisnetos dos fundadores da associação e este fato, somado à luta destes mesmos fundadores pela manutenção daquele território, ainda que em tempos de dificuldade financeira, faz com que as gerações atuais sintam o compromisso de perpetuar o que foi feito.

Se a comunidade é a segunda casa, as pessoas que a frequentam são da mesma família. Poucos têm relação de parentesco, mas a maioria nasceu e cresceu junto e a primeira geração da Comunidade, os fundadores, precisou de ajuda mútua para se estabelecer e se fortalecer na região. Um dos maiores exemplos desta cooperação foi a criação da escola e da igreja; outro, o sistema de mutirão com que as casas das famílias eram edificadas.

Algumas famílias edificaram suas casas antes de se estabelecerem na região, outras edificaram suas casas definitivas apenas alguns anos após chegarem à localidade. Em ambos os casos, os sítios seguem um modelo quase como se existisse uma regra pré-estabelecida e as residências muito pouco variam de um sítio para outro (algumas das maiores diferenças estão nas alterações feitas posteriormente nas casas).

Atribui-se a isso o fato de que estes netos de imigrantes que se estabeleceram naquela região após o início da década de 1940 trouxeram consigo um “saber-fazer” que não pertencia somente a alguns, tratava-se de uma memória compartilhada e que, ainda hoje, permanece no grupo de descendentes.

A propriedade subdividida em seções, e a casa e as benfeitorias conformando pátios para funções distintas, tais quais os imigrantes pomeranos fizeram ao chegar ao Brasil, resultavam de decisões tomadas individualmente, pelo proprietário do terreno, a partir de uma memória de organização. Ele sempre morou e se relacionou com pessoas que viviam daquela forma. Romper com o modelo exige um grande esforço e uma busca de referenciais a que naquele momento histórico, na situação social e política, aqueles cidadãos não teriam acesso.

A residência, prédio principal do conjunto edificado, que em alguns casos demorava alguns anos até ser finalizada, era construída a várias mãos, todas com ascendência pomerana. Nos casos estudados, foram apresentadas duas situações. A primeira, quando o homem sai de sua colônia de origem e se estabelece em um galpão no terreno, juntamente com outros homens, normalmente da família, para edificar a casa; e, a segunda, quando a família já constituída se instala em um galpão na propriedade e, posteriormente o patriarca juntamente com os vizinhos edifica a residência. Qualquer que seja a situação, raramente figura entre os depoimentos um nome que não possua origem germânica.

As casas eram feitas de alvenaria de tijolos cerâmicos assentados com argila e estercos e rebocadas com argamassa de cal e cimento, do mesmo modo como as casas de diversas outras etnias no Brasil, verificadas na região sul-riograndense. Entretanto, a distribuição dos cômodos é peculiar à arquitetura pomerana. Eles não utilizam alguns dos recursos utilizados por outras tradições étnicas, como os corredores, as paredes móveis ou as grandes salas de estar. Mas são generosos nas dimensões das cozinhas; costumam manter uma cozinha extra e, um ponto de destaque: sempre utilizam varandas no acesso principal e, algumas vezes, também no secundário. Analisando a arquitetura produzida pelos pomeranos,

pelos imigrantes e por seus descendentes, percebe-se que esta é uma característica que renasce em Pelotas, inspirada pelas demais arquiteturas da região.

O formato e a estruturação dos telhados são outras características de destaque. A cobertura com quatro águas não era a mais utilizada pelos pomeranos nem na sua terra de origem, nem em solo brasileiro; entretanto, entre a geração estudada, este é o formato mais comum. Outra vez, considera-se esta uma característica pelotense, uma adaptação às tradições construtivas locais, pois, ao longo das diversas colônias do município, resultantes de formações étnicas variadas (origem alemã, italiana, francesa e mesmo luso-brasileira), este formato de cobertura pode ser encontrado.

Já o madeiramento destes telhados não segue o modelo de tesouras romanas amplamente utilizadas no Brasil. Os construtores destas casas utilizam o mesmo tipo de madeiramento que era utilizado na Pomerânia e que foi utilizado por seus antepassados no Rio Grande do Sul. As telhas utilizadas são as telhas cerâmicas do tipo francesas, que são praticamente planas e toleram grandes inclinações. As telhas mais comuns em terras de colonização luso-brasileira, no caso de Pelotas, são as do tipo capa e canal; entretanto, acredita-se que essas telhas francesas, adquiridas no comércio, vieram a substituir as antigas telhas de madeira utilizadas pela primeira geração de pomeranos no Brasil.

Desta maneira, chega-se a resposta da pergunta motriz desta pesquisa: **a memória da organização do sítio e da residência, além do modo de construir, perpassa as gerações entre estes descendentes de imigrantes?**

Após a revisita às seções anteriores deste trabalho, compreende-se que estes descendentes de pomeranos buscam, em comunidade, manter suas tradições. E as suas propriedades seguem com características organizacionais, formais e técnicas utilizadas por seus antepassados pomeranos. Todavia, por motivos diversos, quer sejam falta de determinados materiais de construção, desconhecimento de alguma técnica construtiva ou o simples desejo de alteração, integrando-se ao entorno, algumas características foram adaptadas na nova localidade à realidade daquela região.

A opção metodológica, de associação de duas metodologias distintas na interpretação da tradição arquitetônica: a análise formal do sítio e os testemunhos orais (seja por meio de entrevistas estruturadas ou de depoimentos recolhidos por meio de conversas informais), mostrou-se uma escolha profícua, pois permitiu, através do olhar subjetivo da memória, compreender as relações interpessoais que permearam a renovação desta tradição construtiva entre os descendentes de imigrantes pomeranos da comunidade palmeira.

# GLOSSÁRIO

---

**Barrotes:** peça de madeira de seção transversal, retangular, e com a qual se fazem vigamentos de sobrados, tesouras, terças, cumeeiras e frechais de telhado; é maior que caibro e menor que a vigota.

**Beiral:** bordo inferior de um telhado que se prolonga para além da parede.

**Caibro:** Peça de madeira que sustenta as ripas de um telhado e, às vezes, as tábuas do soalho

**Casa-em-Fita:** cada casa de uma fileira em um sítio urbano, interligadas por paredes laterais comuns

**Contrafrechal:** viga perpendicular às extremidades da linha de uma tesoura e que sustenta os caibros próximo à extremidade destes.

**Cumeeira:** Linha horizontal de intersecção entre dois planos inclinados de um telhado no topo deste.

**Cunhal:** ângulo saliente formado por duas paredes convergentes (esquina).

**Empena:** Parte triangular de uma parede que intercepta a extremidade de um telhado em vertente, compreendida entre a cornija ou os beirais e a cumeeira.

**Esteios:** arame trançado que se estende do beiral à cumeeira de um telhado e ao qual são afixadas as telhas da cobertura.

**Estuque:** massa preparada com gesso, água e cola; revestimento ou ornamentos feitos com essa massa.

**Frontão:** peça arquitetônica que adorna a parte superior de portas ou janelas ou que coroa a entrada principal ou a frontaria de um edifício.

**Linha ou Tensor:** Tirante horizontal para interligar duas peças estruturais, impedindo o afastamento uma da outra, por exemplo, uma viga que une as bases de dois caibros principais da tesoura de um telhado.

**Pendural ou pontalete:** peça vertical que vai da cumeeira ao tensor de uma tesoura.

**Taipa:** parede de barro com enxaiméis e fasquias de madeira.

**Telha Francesa:** telha de barro plana, retangular, com um sulco ao longo de uma das extremidades que se encaixa em um flange da telha seguinte na mesma fileira.

**Terça:** peça longitudinal da armação de um telhado, sobre a qual se apóiam os caibros comuns entre a cumeeira e o beiral.

## REFERÊNCIAS

---

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed. e Gráfica Universitária/UFPEL, 2000.

ARÉVALO, Javier Marcos. **La tradición, el patrimonio y la identidad**. In: [http://www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/rcex\\_3\\_2004/estudios\\_02\\_rcex\\_3\\_2004.pdf](http://www.dip-badajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2004/estudios_02_rcex_3_2004.pdf)  
Acesso em 14 de setembro de 2009.

BETEMPS, Leandro e VIEIRA, Margarete. **“La Maison Beteind”: Uma herança ítalo-francesa na Serra dos Tapes no município de Pelotas em Anais do IV Seminário Internacional de Memória e Patrimônio**.  
<<http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>>

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. 10 ed. Rio de Janeiro: FENAME. 1976

CANDAU, Jöel. **Memoria e Identidad**. Buenos Aires: Del Sol, 2001.

\_\_\_\_\_. **Antropologia de La Memória**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2002.

CHING, Francis D. K. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes. 2010

COARACY, Vivaldo. **A Colônia de São Lourenço do Sul e seu Fundador Jacob Rheingantz**. São Paulo: Saraiva, 1957.

COSTA, Jairo Scholl. **O Pescador de Arenques**. Pelotas: Educat. 2007.

GRANDO, Marinês Z. **Pequena Agricultura em Crise. O caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1989.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888.** Pelotas: Universitária UFPel, 2004.

\_\_\_\_\_. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense.** 2. ed. Pelotas: UFPEL, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HOBSBANW, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A Invenção das Tradições.** 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HOCH, Lotar. **Impulsos da Reforma Luterana para Atuação da IECLB na Área da Educação.** São Leopoldo, 1983.

KLEIN, Herbert S. *Migração Internacional na História das Américas.* In: BORIS FAUSTO (Org.). **Fazer a América.** São Paulo: EdUSP, 1999.

KOLLING, Nilo Bidone. **Educação e Escolas em contextos de imigração pomerana no Sul do Rio Grande do Sul.** (Dissertação de mestrado) Pelotas: FaE/UFPEL, 2000.

LANGENSCHIEDT. **Euro-Wörterbuch Portugiesisch.** Berlin und München: Betriebe Langenscheidt, 1992.

BERTUSSI, Paulo Iroquez et al. (org.). **A Arquitetura do Rio Grande do Sul.** 2ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1987

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas Agrícola e Pastoril.** Pelotas: Armazém Literário. 1998.

OSÓRIO, Helen. *“Estancieiros” e “Lavradores”:* *Rio Grande do Sul, século XVIII.* In.: **Anos 90 - Revista do Programa de Pós-Graduação em História/UFRGS.** V.3. Nº 4. Porto Alegre: UFRGS, 1995

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul.** 8ª Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1997.

SIGNORINI, Jorge A. *A Confessionalidade Luterana e o Papel do Pastor na Escola Evangélica Luterana, num Contexto de Pluralidade Religiosa.* in: **O Ensino Religioso e o Pastorado Escolar.** São Leopoldo, IEPG – Con-Texto Gráfica e Editora, 2001.

Portal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB. <[www.ieclb.org.br](http://www.ieclb.org.br)> Acesso em 17 de agosto de 2010.

Portal da Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB.  
<<http://www.griep.com.br/clientes/ielb/>> Acesso em 17 de agosto de 2010.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 2 v., 1969.

SALAMONI, Giancarla; ACEVEDO, Hilda Costa; ESTRELA, Lígia Costa et. al. **Valores Culturais da Família de Origem Pomerana no Rio Grande do Sul – Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: Universitária UFPel, 1995.

SALAMONI, Giancarla et. al. *Os Pomeranos*. In.:LUÍS AUGUSTO FISCHER e RENÉ E. GERTZ (Coord.). **Nós, os teuto-gaúchos**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **A Arquitetura Residencial e Urbana no Rio Grande do Sul Colonial, Enfocando a Cidade de Rio Pardo**. Monografia (Curso de Pós Graduação em Cultura e Arte Barroca). Instituto de Artes e Cultura. Universidade Federal de Ouro Preto. 1992.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas – RS**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia Política, da Universidade Federal de Pelotas. 2009.

Silva, Wilton C. L. *História (São Paulo)*. 2010. Disponível em <<<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100024>>> Acesso em dezembro de 2011.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os Imigrantes Alemães E Seus Descendentes No Brasil:A Língua Como Fator Identitário E Inclusivo**. Artigo Científico. Conexão Letras. Porto Alegre. Vol. 3, n. 3 (2008), p. 125-140. Disponível em <<<http://hdl.handle.net/10183/20697>>> Acesso em janeiro de 2012.

VIEIRA, Sílvia Bittencourt Spricigo. **Panorama da Implantação Urbana e Arquitetônica das Colônias de Imigração Italiana em Santa Catarina**. Dissertação de mestrado (Arquitetura e Urbanismo). UFSC. 2008.

WEBER, Roswithia. **Mosaico Identitário: História, Identidade e Turismo nos Municípios da Rota Romântica – RS**. Tese de doutorado (História). UFRGS. 2006

WEIMER, Günter. **Arquitetura Popular da Imigração Alemã**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Arquitetura rural da imigração alemã*. In: BERTUSSI, Paulo I. (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual*. In.: SILVA, Tomaz Tadeu da, (org.) **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.



# FONTES

## DOCUMENTOS:

Acervo da Comunidade Palmeira

## FOTOGRAFIAS ANTIGAS:

Arquivos da ONG Hectare

Arquivos Pessoais da Sra. Ida Stellow de Castro

Arquivos Pessoais da Sra. Vilma Patzlaff Bosenbecker

Arquivos Pessoais da Sra. Nailê Holz

Arquivos Pessoais da Sra. Leoni Könzgen

Arquivos Pessoais da Sra. Irene Conrad.

Arquivos Pessoais da Sra. Nilza Bonow Boeira.

## DEPOIMENTOS

Sr. Nilvo Könzgen

Sr. Gilberto Könzgen

Sra. Nilza Bonow Ferreira.

Sra. Ivone Bonow Boeira.

Sr. Fribert Noremberg

## ENTREVISTAS

Sra. Eleonora Patzlaff Hörnke e Sr. Joaquim Patzlaff. Concedida à autora em 05/07/2009 na Propriedade Patzlaff. Duração: 23min. (Filhos dos senhores Patzlaff. Joaquim é o atual morador da residência e Eleonora a filha mais velha).

Sra. Ida Stellow de Castro. Concedida à autora em 15/07/2009. Duração: 42min. (irmã da senhora Frieda Patzlaff).

Sra. Nailê Holz. Concedida à autora em 03/04/2011. Duração 38min. (Filha dos senhores Holz. Atual moradora da residência).

Sra. Frida Könzgen e Sra. Leoni Könzgen. Concedida à autora em 25/02/2011. Duração 49min. (Senhora Leoni é filha dos senhores Könzgen. Reside na residência com sua mãe e família. Senhora Frida é uma das fundadoras da Comunidade Palmeira)

Pastor Mário Hartwig. Concedida à autora em 07/02/2010. Duração 24min. (Pastor da Comunidade Palmeira)

Sra. Elfrida Bonow. Concedida à autora em 25/01/2012. Duração 1h12min. (uma das fundadoras da Comunidade Palmeira)

Sra. Irene Conrad. Concedida à autora em 25/01/2012. Duração 23min. (uma das fundadoras da Comunidade Palmeira)

Sra. Leda Mülling Noremberg Concedida à autora em 25/01/2012. Duração 35min. (Filha dos senhores Mülling e atual moradora da residência)

Sra. Leni Schumacher Bierhals Concedida à autora em 25/01/2012. Duração 27min. (Filha dos senhores Schumacher e atual moradora da residência)

## INTERNET:

Base cartográfica: <http://maps.google.com.br>